

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO  
GRANDE DO SUL

FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

Luis Antônio Paim Gomes

**COMUNICAÇÃO E COMPLEXIDADE:**

Conhecimento, Cotidiano e Poder dos Blogs

Porto Alegre  
2007

**Luis Antônio Paim Gomes**

**COMUNICAÇÃO E COMPLEXIDADE:  
Conhecimento, Cotidiano e Poder dos Blogs**

Tese apresentada como requisito para a obtenção do grau de Doutor, pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

**Orientador: Prof. Dr. Roberto José Ramos**

**Porto Alegre, maio de 2007**

Dados internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Bibliotecária responsável: Denise Mari de Andrade Souza CRB 10/960

G633c Gomes, Luis Antônio Paim

Comunicação e complexidade: conhecimento, cotidiano e poder dos blogs / Luis Antônio Paim Gomes. - Porto Alegre: PUCRS, 2007. 250 p.

Orientador: Prof. Dr. Roberto José Ramos

Tese (doutorado) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Faculdade de Comunicação Social, Programa de Pós-graduação de Comunicação Social.

1. Sociologia da comunicação - Tese. 2. Blogs - Comunicação social. 3. Internet. 4. Conhecimento. 5. Filosofia. I. Ramos, Roberto José. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Faculdade de Comunicação Social, Programa de Pós-graduação de Comunicação Social. III. Título.

CDU: 004.738.5

008

101

316.77

## **AGRADECIMENTOS**

À memória de meu pai, Evódio Gomes, e ao carinho presente de Iolanda Paim Gomes, minha mãe.

Aos amigos que estão ao meu lado nesta trajetória complexa e instigante que é a vida.

Ao meu interlocutor, António Paim, com quem discuto há anos sobre as questões que envolvem o pensamento filosófico e cultural acerca da dialogia da comunicação em nossas vidas.

À memória de meu irmão, Luiz Carlos P. Gomes, à Denise Souza, companheira nas caminhadas e viagens, discussões e filmes que me levam ao pensamento de Edgar Morin, à literatura de Paul Auster, ao imaginário filosófico existencial de Maffesoli, de Cioran, Valéry, Baudrillard, Barthes, e a todos os pensadores que apostam na liberdade.

E, especialmente, ao meu orientador, Dr. Roberto Ramos, que abraçou a causa deste percurso pelos caminhos Complexidade.

## RESUMO

O papel da comunicação está sendo trilhado em uma nova leitura epistemológica da informação pelo Paradigma da Complexidade. A partir da teoria da Complexidade, em Edgar Morin, nos propomos a nos aventurar pelos caminhos que a modernidade no século XX trilhou sobre a Comunicação, partindo da pesquisa qualitativa em dois Blogs. O primeiro é o do taxista Mauro Castro, **Taxitramas**, em que ele é, ao mesmo tempo, um viajante da linguagem, assumindo o caráter ficcional em suas histórias. Temos um cartógrafo que do volante parte para a blogosfera, registrando a linguagem dos que passam no seu cotidiano. O segundo Blog a ser estudado é o de Marcelo Coelho, jornalista da *Folha de São Paulo*, o **Cultura e Crítica**, que apresenta seus textos a partir das notícias que repercutem e dos comentários que ele faz sobre crítica e cultura em uma perspectiva mais Hermenêutica.

A partir do Paradigma da Complexidade, que escolhemos para este trabalho como esteira teórica, utilizaremos a Categoria Comunicação, de Edgar Morin, assim como a subcategoria Conhecimento, que também será abordada. Em Michel Maffesoli, usaremos a Categoria *Cotidiano* e, em Roland Barthes, as Categorias Poder e Socioleto marcarão nossa reflexão, partindo da fala social, em contraponto à estratégia de falar de um só indivíduo.

## ABSTRACT

The role of communication has acquired a new informational and epistemological status due to the Complexity Paradigm. Following Edgar Morin's Complexity Theory, we propose an adventure that takes us through the developments of XX century communication. We also endeavor to perform qualitative research in two blogs. The first one is maintained by the taxi driver Mauro Castro, *Taxitramas*, wherein the author describes himself as a language traveler, assuming the fictional status of his stories. In *Taxitramas* we deal with a cartographer who directs his gaze towards the "blogsphere", registering the language of those who pass by. The second blog belongs to Marcelo Coelho, a journalist from *Folha de São Paulo*. In *Cultura e Critica*, Coelho bases his texts on the reverberations of the daily news and presents his own commentaries about critics and culture in a more hermeneutic perspective.

Following the Paradigm of Complexity, we choose for this thesis a theoretic approach in which we use Edgar Morin's category of *Comunicação*, as well as the subcategory *Conhecimento*. From Michel Maffesoli we take the category of *Cotidiano* and from Roland Barthes, the categories of *Poder* and *Socioleto*. All these concepts will guide this work, starting with the notion of social speech, in opposition to the strategy of the individual's speech.

# SUMÁRIO

AS AVENTURAS DO PENSAMENTO COMPLEXO	/	8
1 - A PASSAGEM PARA O PENSAMENTO COMPLEXO	/	31
1.1 A COMPLEXIDADE E AS AVENTURAS DA COMUNICAÇÃO	/	32
1.2 DA CULTURA DE MASSA AO SURGIMENTO DOS BLOGS	/	54
1.3 A DIALÓGICA DAS CATEGORIAS – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	/	78
1.4 A CAMINHADA METODOLÓGICA ATRAVÉS DA COMPLEXIDADE	/	108
2 - O CAMINHO DA COMPLEXIDADE NOS BLOGS	/	122
2.1 A COMPLEXIDADE NO BLOG “CULTURA E CRÍTICA” DE MARCELO COELHO	/	123
2.2 A COMPLEXIDADE NO BLOG “TAXITRAMAS” DE MAURO CASTRO	/	161
2.3 A COMPLEXIDADE ENTRE OS BLOGS E SUAS IMPLICAÇÕES NA COMUNICAÇÃO	/	194
O PARADIGMA DA COMPLEXIDADE E AS LINGUAGENS DO COTIDIANO	/	219
REFERÊNCIAS	/	234

## AS AVENTURAS DO PENSAMENTO COMPLEXO

O que nos levou ao tema, a este trabalho? Quais foram as condições, primeiramente, de ordem psíquicas, individuais, depois se estendendo ao contexto, ao imaginário social, para termos ido ao encontro dos Blogs escolhidos? Em que circunstâncias esses assuntos deixaram de ser apenas preocupações sobre o cotidiano da Blogosfera e se tornaram parte de um todo, das unidades que contemplaram a multiplicidade de questões dessa tecnologia, as quais compuseram parte de nossas<sup>1</sup> preocupações teóricas? Questões

---

<sup>1</sup> Na tese procurei usar a 1ª pessoa do plural no sentido de tornar a escritura mais aberta ao paradigma da complexidade, em que nunca teremos o todo no uno, e, sim, nas falas, nas expressões e nas manifestações das linguagens que partem da epistemologia moderna sobre a comunicação, passando pelo imaginário e pelo cotidiano da pós-modernidade às novas tecnologias.



que surgem quando procuramos a gênese de um estudo, de um trabalho que temos em vista. No nosso caso, todas essas questões ajudaram a compor um núcleo de idéias que há muito existem nas preocupações diárias, nas tentativas de compreendermos alguns fenômenos relacionados ao pensamento contemporâneo e às questões teóricas da comunicação. Através de alguns autores, algumas práticas filosóficas e sociológicas, fomos ao cerne da questão, a saber, a Complexidade da Comunicação. A partir desse instante, já estávamos no Paradigma da Complexidade de Morin.

Os caminhos traçados pelo pensamento complexo nos levam a pensar melhor sobre os autores que a partir deste momento compartilham com o nosso trabalho. Existe uma possibilidade de interação teórica entre as preocupações que nos levam ao tema, um leque de questões que perpassam a individualidade de cada teoria, naquilo que elas têm de contemporâneo e naquilo que as fazem contemporâneas. Nada que pensamos aqui, nesse espaço teórico, se distancia do que Blanchot (1987) nomeia como o existir da solidão da obra e do que Eco (1991) abre como possibilidade de interpretação ao espaço da obra em aberto, como "proposta de um 'campo' de possibilidades interpretativas" (p. 150). Essas possibilidades servem para trilhar o nosso caminho à complexidade teórica do tema escolhido. As possibilidades que circundam nosso olhar para as diferenças, em um primeiro momento, e depois para

as semelhanças, para os esgotamentos de temas, para a redescoberta de outros. Aparece-nos o olhar, como em o *Sr. Testes*, de Valéry:

O estranho olhar sobre as coisas, esse olhar de um homem que não reconhece, está fora deste mundo, olhos-fronteira entre o ser e o não ser – é o próprio do pensador. E também é olhar agonizante, de homem que perde o seu reconhecimento. Isto faz do pensador um agonizante ou um Lázaro, à escolha. Ou nem tanto assim (Valéry, 1985, p. 111).

Poder escolher entre o não-reconhecer e o reconhecer dos problemas que aparecem em questões como, por exemplo, o Ser que se identifica com os limites do Conhecimento, é o que nos faz comprometidos com temas que refletem o nosso tempo, nos deixa no limiar de todas as escolhas possíveis, e isso não nos tornou nem mais nem menos privilegiados. Apenas nos levou à Complexidade dos temas.

Chegamos à comunicação da obra, que em Blanchot não chega apenas por existir o leitor. A leitura já é comunicação por existir esse leitor e que está na exigência de ler e de escrever. A impossibilidade da obra está na sua medida de inexatidão teórica,

entre "a forma onde ela se apreende e o ilimitado onde ela se recusa", e no final parecer ter-se

[...] tornado o diálogo de duas pessoas em que se encarnam duas exigências estabilizadas, esse 'diálogo' é, em primeiro lugar, o combate mais original de exigências mais indistintas, a intimidade dilacerada de momentos irreconciliáveis e inseparáveis, a que chamamos medida e desmedida, forma e infinito, decisão e indecisão (Blanchot, 1987, p. 199).

Para Blanchot a comunicação ocorre quando o obscuro torna-se claro, na leitura, na escrita, na dialogia existente entre o leitor e o autor: "deve haver dia algures na obscuridade, revelação onde nada aparece, mas onde a dissimulação se faz aparência" (p. 199).

Buscamos neste trabalho a compreensão teórica, as motivações, as incertezas e impossibilidades de açambarcar todas as certezas e as verdades para a construção de uma tese. A não ser a única, a existência da reflexão pelos caminhos complexos do pensar na comunicação.

Os sentimentos andam ao lado de nossa vontade. Nossos desejos não são alterações meteorológicas, e, sim, psíquicas. São

funções de nossas percepções e sonhos. Um cruzar de idéias que percorrem o tempo de nossa existência. Esse cruzar complexo, em que mora o único valor, o que pode nos manter vivos todas as manhãs quando acordamos. Um acordar sob as imagens que circulam nosso Ser em tempos todos. Sonoridade na dor, na despedida e nas chegadas das imagens. A ambigüidade das imagens, quando elas ficam nuas diante da percepção e como espectadores, também, além de escrevermos, analisamos o espaço. Como Gil (2005) se refere aos espaços entre a imagem e a obra, entre o espectador e o objeto, da mesma forma nos colocamos diante das questões que nos levam à Comunicação.

Os nossos sentimentos começaram antes de o século XX findar. Bem antes, quando ainda nos sentíamos na eminência de poder encontrar, através das imagens, todas as linguagens que pudessem expressar o cotidiano. Todas as repostas caracterizadas como apodícticos as razões que viessem de um único caminho. O cotidiano lançou os dados Mallarmaicos que impulsionam as inspirações nos signos à nossa decisão que é o "ser do começo e a indecisão que é o ser do recomeço" (Blanchot, 1987, p. 198-199).

As palavras tomaram conta dos dias e das gerações. Incessantemente líamos e nos afastávamos, em cada página lida, dos absolutos. Entregamo-nos incessantemente à diversidade da vida, da dor, das paixões.

As palavras foram mais do que razões para se pensar sobre os objetos, sobre as possibilidades da verdade. Muito mais, elas, agora, na linguagem, o signo nos levam para o distante das utopias. Jogaram-nos no deserto das paixões, da desilusão. De outros: do fim dos fins. É o que nos leva verdadeiramente à vida. Encontramos nos sonhos a doença, o jogo, a verdade se esfacelar diante do acaso.

As idéias sempre (intencionalmente), deliciosamente, como a linguagem, tornaram-se radical em relação aos pensamentos, como a linguagem que insiste em ser intensa na variação das imagens que acaba aceitando nossa "complacência" ao que se vê e ao que se oculta.

Superamos uma única coisa na vida, o próprio medo de viver. O resto é uma conjectura do acaso, porque com todas as coisas que temos a fazer todo santo dia, temos os projetos inacabados mudando de lugar, de casa decimal, de local e temperatura, de cor, de substância, além das possibilidades de invertemos os caminhos, de cruzarmos a lógica para o outro círculo, o da perplexidade do *complexus*.

Acordar pronto para a vida. Acordar com a linguagem, com a duplicidade, com a heterologia dos signos nos projetos que começam a cada dia e após o outro, em seqüência, o risco de cores que se mescla ao complexo da vida.

Como certo olhar fenomenológico, a visão insere-se no movimento, cruzando as fronteiras dos conteúdos; a forma torna-se mais importante quando sentimos a nossa carne cortada a fundo. Um olhar fenomenológico, como diz Durand, é aquele que sabe viver intensamente as imagens e pode viver diretamente.

É necessário que a imaginação seja suficientemente humilde para se designar encher de imagens. Porque se se recusa essa primordial humildade, esse originário abandono do ao fenômeno das imagens, nunca se produzirá – por falta de elemento indutor – essa ‘ressonância’ que é o próprio princípio de todo trabalho fenomenológico (Durand, 2002, p. 25).

Exatamente isso, sem o que nos instiga, sem o que nos mova, sem essa vibração na nossa maneira de ver as coisas, sem isso, o olhar fenomenológico estará preso ao que é dado. Um olhar fenomenológico é posto acima disso, do que está dado, é um complexo religar as imagens do cotidiano. À deriva, ao sabor do presente e de todos os tempos, as imagens são verdadeiras como “as noites que fixam sob o teu olho”, escreveu Paul Celan (1999).

Devemos ter esse olhar antes de qualquer coisa, essa possibilidade de nos enganarmos, como no dito popular, com as

aparências. Isso mesmo. As aparências são determinantes para o bem e para o mal. Existem dentro dos sistemas que nos enrolamos diariamente. Sistemas de trabalho, sistemas de trocas, de signos, de objetos excluídos pelo excesso das faltas dos sentimentos.

Mais uma vez, cruzamos os olhos como se tivéssemos nos contorcendo sobre a própria dor de cada fragmento dos sonhos, das teorias que foram embora com a juventude. Renovamos diante da "complacência" que o filósofo nos sugere e esse perder de vista diante dos filmes, das paixões que lemos em cada linguagem inventada pelo resto do mundo nas metáforas do cotidiano.

Entramos no problema propriamente dito, não querendo totalizar a crítica, mas para estudarmos o crescimento de uma nova linguagem, a dos Blogs, e cruzamos com os discursos da comunicação como sendo pertinentes para uma reflexão sobre as novas tecnologias e sobre sua permanência como mais um espaço para a comunicação. Portanto, procuramos contemplar, nos textos selecionados, as categorias nos estudos dos Blogs.

Escolhemos os Blogs **Cultura e Crítica** e **Taxitramas** na perspectiva de encontrar as diferenças e as semelhanças entre os discursos, na linguagem de cada um, naquilo que cada um tem na sua ressonância social da linguagem e dos falares entre as diversas linguagens existentes na Rede. O fato de termos investido neste tema, de trabalharmos com as linguagens dos Blogs, de buscarmos diferenças e semelhanças, mesmo que seja na ruptura do discurso

até então midiaticizado pelos jornais, é o que nos faz entrar em outro espaço de discussão, de compreensão da Comunicação como processo de informação de uma época. Começamos a perceber que o espetáculo se solidariza no seu próprio propósito, isto é, liga todos os discursos, quer seja de ordem individual ou social.

Os Blogs são meios que ligam as partes, os fragmentos de uma linguagem que já vem recortada em seu signo. Entramos, por intermédio de Morin, na nossa proposta de tese pela importância teórica que há em sua crítica à Comunicação de Massa, passando por sua construção dialética de identificar as mudanças comportamentais da Cultura, dos *medias*, das Ciências Humanas e da crise de valores advindos da crise das Ciências.

A Comunicação – que usamos como categoria<sup>2</sup> *a priori* – é nosso pano de fundo para trilharmos, com o Paradigma da Complexidade, que, através de Morin, procuramos compreender o fenômeno dos Blogs, fazendo a reflexão teórica. E elencamos os teóricos que tratam da Sociologia, da Filosofia e do pensamento Pós-moderno na dialogia de temas que acabaram nos levando ao nosso em específico. A Comunicação aqui entra como abertura para

---

<sup>2</sup> Procuramos usar como conceito classificatório o termo "categoria" porque achamos mais próximo do Paradigma da Complexidade de Morin. Poderíamos ter usado "noção" no sentido sociológico e instrumental empregado por Maffesoli, mas acreditamos que nesta tese ficaria mais apropriado o termo "categoria".



a nossa discussão, em uma época em que o excesso transborda em informação. Nessa quantidade de coisas, nem tudo é perda de significado de sentidos, de dissolução, e, sim, o que se transforma em consumo, em intensidades do vivido, como diz Morin (2005) quando emprega a linguagem de Bataille.

A Comunicação é o elo entre a compreensão das questões que estão entre o pensamento Moderno, aqui usado nos Mídias tradicionais, aos novos *Medias*, inovações tecnológicas, como a Internet e as novas formas de expressão que passam pela criação dos Blogs, a sua relação com a crônica, e une os nossos autores. Chegamos à Comunicação quando associamos o processo de ligar a produção ao conteúdo, à forma, e passamos aos seus receptores que emergem das novas linguagens. Tudo passa pela palavra e pelo seu sentido de ser hologramático. Usamos Morin quando afirma que:

O sentido de uma palavra não é uma unidade, não somente porque uma palavra, produto de um processo muito complexo, é com frequência polissêmica, mas, sobretudo, porque o sentido requer descrições e definições a partir de outras palavras e frases, as quais requerem descrições e definições a partir de outras palavras e frases, etc. (Morin, 2005, p. 207).

Assim como as palavras, para Morin, a Comunicação também em nossa busca de reflexão e compreensão, "define-se mutuamente" e dialogicamente em um "circuito infinito". É preciso encontrar o elo que possa unir nossas preocupações teóricas com as novas faces, de um imediato presente das tecnologias, para que possamos identificar a produção e a criação de textos que nascem nos jornais, depois passam a livros, Blogs e linguagens que expressam a crônica e o ensaio dos autores Marcelo Coelho e Mauro Castro. Para melhor compreendermos essa ligação, precisamos continuar nossa trajetória teórica pelo pensamento complexo.

O Conhecimento, para Morin, é um dos Princípios que nos mostrará a polissemia das questões que vão da linguagem inserida no social – Socioleto – à linguagem contemporânea dos Blogs, que está na base, para lançarmos o nosso olhar sobre o Cotidiano.

A categoria Cotidiano, em Maffesoli, que nos é apresentada através da Sociologia Compreensiva, da diversidade do presenteísmo e da diferença marca sua crítica ao social estabelecido pela Modernidade. É a sua preocupação com a "forma", e com as diferenças no conteúdo. Como observamos, a multiplicidade na vida cotidiana esgota-se no próprio ato, vivendo assim o presente":

E é importante que este presente, campo específico da sociologia, retome, após ter sido durante

longo tempo ocultado pela supremacia da ideologia prometéica, o lugar preeminente que lhe cabe (Maffesoli, 1988, p. 127).

O Cotidiano, em nosso trabalho, passa do simples labor para o lúdico, como espaço social, espaço da linguagem, espaço onde mora o saber e o senso comum. Passa pela Sociologia de Maffesoli que o contrapõe a uma sociologia mais positivista, e que vai em Durand e em Simmel buscar subsídios teóricos para fortalecer e corroborar a forma, o estetismo da vida e o presenteísmo como parte do conteúdo e instrumento para melhor compreendermos a realidade e o momento da Comunicação. Ele serve para entrarmos nas formas fragmentadas da incomunicabilidade das razões que levam os que pensam em aderir às novas tecnologias como a saída para um novo mundo e os que nela vivem a continuidade das formas variadas de se comunicar.

Maffesoli (1998), ao lembrar da importância de Simmel a fazer o pensar sociológico diferenciado, voltado ao concreto, ao cotidiano, mostra-nos que foi por esse desejar e por ocupar-se com "coisas ou com fenômenos considerados frívolos pelo saber estabelecido" (p. 166-167), que ele foi considerado apenas um ensaísta e que acabou obtendo tardiamente um posto acadêmico. Isto nos leva ao cerne da questão, da nossa opção pelo Cotidiano,

por valorizá-lo na Comunicação como um *relegare* entre as linguagens e a nossa preocupação com a mediação dos *medias* com a Teoria da Comunicação. Buscamos na Sociologia Compreensiva esse diálogo com a Comunicação, e o nosso trabalho sobre os Blogs acaba ganhando mais legitimidade por termos escolhido a Complexidade para entrarmos nos Blogs.

Em Barthes, temos as formas de narrar do Poder, suas entranhas nas linguagens que os legitimará ou não. Para isso, o chamaremos de Socioleto, que será o nosso caminho Transdisciplinar para analisarmos as questões propostas sobre a epistemologia da informação. Para Barthes (1982), não há "real sem linguagem". A linguagem está em todo lugar, aos falares, que é parte indispensável de nosso trabalho.

Procuramos, para melhor trilharmos nossa trajetória na Complexidade, ter como instrumento teórico as categorias, *a priori*, na intenção de podermos compreender os termos que exemplificamos aqui, como "noção" e "categoria", que são diferenciados no seu emprego por teóricos que buscam resultados semelhantes, sua aposta em uma epistemologia mais comprometida com a vida. Aos usarmos as categorias Comunicação (Morin), Cotidiano (Maffesoli), e Poder e Socioleto (Barthes), ficamos diante de uma abertura teórica que, no Paradigma da Complexidade, nos leva às categorias *a posteriori* que surgirão ao longo de nossa caminhada metodológica através do

pensamento complexo. A nossa intenção epistemológica está no *religare*, no ligar as partes ao todo e, com as categorias, *a priori* conseguirmos ir adiante, pela variação de conceitos, que passam pela Semiologia, não se esgota no olhar sobre as imagens e cruza o retomar dos acontecimentos por Morin quando nos coloca à frente dos Princípios na Complexidade.

Vivemos um tempo em que os espaços da leitura e o da escrita se delimitam, se escolhem pelo fato de estarem em um plano não apenas de domínio, mas de prazer. Nem por isso vamos deixar de identificar sinais de que exista a força da linguagem como mudança social levando consigo o prazer. Barthes (1999, p. 26) nos mostrou que "o prazer do texto é esse momento em que meu corpo vai seguir suas próprias idéias – pois meu corpo não tem as mesmas idéias que eu". Nossa proposta em usar o Poder como categoria, *a priori*, está em instaurar nas nossas discussões não mais sistemas, mas formas de se pensar conjuntamente ao Paradigma da Complexidade olhares que possam ir além de demarcadores de teses sobre os fenômenos apresentados pelas novas tecnologias à Teoria da Comunicação. Reivindicar Barthes, sua Semiologia, é estar atento às tentativas de reducionismos nas análises que possam ligar esse trabalho a uma simples descrição literária sobre os Blogs. Mas é justamente isso que Barthes nos proporciona com sua obra, de nos desvencilhar das idéias reducionistas das

ciências, e com a literatura, com as novas formas de ler, de compreensão do texto, de irmos ao encontro da Complexidade de Morin.

A parte está no todo, e o todo está na parte. O pensamento contemporâneo passa pela Transdisciplinaridade da obra de Morin. Os Métodos significam a grande viagem através do pensamento *complexus*. A contribuição do pensador é mais uma possibilidade para se buscar a compreensão de questões que estão presentes em temas atuais, do pensamento sobre a "ética da compreensão":

A ética da compreensão exige argumentar, refutar, em vez de excomungar e lançar anátemas.

(...) A compreensão não desculpa nem acusa. Compreender é compreender por que e como se odeia e se despreza (Morin, 1997, p. 91).

A verdade anda longe das possibilidades das aventuras e da liberdade. As Aventuras reivindicam as diferenças para que possamos auto-organizar os sentidos, os textos, e mesmo nos embates possíveis das linguagens poderemos descobrir os rumos para o entendimento dos discursos.

A aventura das palavras e das frases leva ao comunicar, em que Ricoeur (1983, p. 27) nos revela que "a comunicação é um

fato e mesmo um fato mais óbvio". Trata-se de uma interação entre a aventura e o que se escreve sobre o que se pensa e sobre o que dizemos.

Retornarmos ao saber como forma de Poder, de envolvimento do prazer do texto com a escritura. Barthes (1982) menciona a "nostalgia" indo a Bataille e Nietzsche e com isso nos aproxima desse dualismo, dessas tentativas de estarmos sendo lançados à crítica, mas concomitantemente retornam circularmente, nas esferas do pensamento, na heterologia das palavras, dos seus significados que irão ao encontro dos autores que escolhemos para estudar.

A importância de um novo olhar passa pelo papel do autor-leitor das falas, dos textos, e surge como laço comunicacional e conflitual entre o pensar moderno de ensinar e o pensar de uma poética globalizante que as novas tecnologias, a Internet e os Blogs, nos proporcionam.

Para um melhor entendimento teórico dos Blogs, uma compreensão destituída de recursos que fechariam o nosso olhar para as possibilidades da Fenomenologia, da Semiologia ou da Hermenêutica, optamos por recursos metodológicos que avancem o simples fechar das teorias e, por isso, o Paradigma da Complexidade é a nossa base para um pensar aberto.

A pesquisa qualitativa servirá de interpretação, de ferramenta para entrarmos nos discursos de cada texto, de cada análise. As imagens não são simples signos de relação do todo com

os seus significados, e, sim, são espelhos dos textos que estão refletidos em cada autor. Procuramos usar métodos e recursos de pesquisa qualitativa para melhor orientar nossa trajetória pela Complexidade, então, nos valem os recursos das imagens, do que vale para o texto. Percebemos que a unidade não fica apenas no texto, ela se espalha para o sentido das palavras, para os recursos que as imagens nos colocam nas imagens em movimento.

Bauer e Gaskell buscam uma visão mais holística sobre os processos sociais que envolvem o objeto a ser analisado, no caso, o texto com a relação de significado e a linguagem com a sua teoria. Nossos dados estão nas produções de sentido, dos discursos, das suas relações com as questões que fazem dos blogs mais um meio de se expressar, de linguagem midiática, de criação literária e jornalística:

Um discurso de qualidade serve a vários propósitos numa investigação: a) para estabelecer uma base para a autocrítica; b) para demarcar uma prática boa de uma ruim, servindo como padrões para a revisão dos pares (...). A fim de reforçar a autonomia e a credibilidade da pesquisa qualitativa, necessitamos de procedimentos e padrões claros para identificarmos uma boa prática a uma prática ruim, tanto através de exemplos, como de critérios abstratos (Bauer e Gaskell, 2002, p. 27).



Usamos, como questões norteadoras para esta tese, propostas feitas em torno das Categorias, *a priori*, que servem para o desmembramento teórico acerca de pontos que envolvem a Mídia, a Cultura de Massa e os pressupostos epistemológicos que nos levam à Complexidade. No primeiro momento buscamos, estudar os textos dos Blogs e a linguagem característica de cada autor. Buscamos ligar as semelhanças e as diferenças na produção de sentidos das linguagens, no que há nos emissores como diversidade e nos receptores que simultaneamente agem como produtores. Procuramos ver, na categoria Comunicação quais são as bases para existirem, nos Blogs, o que Morin chama de condições possíveis para ocorrer a conversação, não como bloqueadora de sentidos, mas como expressão de uma dialógica entre os signos? Quais são as condições para que algo esteja além da espetacularização, que possa existir como estética, como vivido, como presente no tempo que se coloca e no tempo que possa ser uma abertura para a compreensão dos acontecimentos?

Em um segundo momento, refletiremos sobre os sete Princípios da Complexidade como ferramentas teóricas para a abertura da "margem" nos textos, das "brechas" deixadas pelos signos que produzem novos signos. Depois, em uma próxima etapa, sempre à luz da Transdisciplinaridade, caminharemos rumo à compreensão dos Blogs como Comunicação, como produção de discursos fora e dentro

do Poder. Na mescla semiológica das palavras, incursionamos na Rede mais como leitores atentos das linguagens para melhor compreendermos o fenômeno comunicacional dos Blogs. Nesse cruzar de linguagens, avançaremos ao Conhecimento contido na abertura dos textos, nas apropriações do Cotidiano propostos pelos textos, pelos diários virtuais de cada autor. Nesse momento teórico das Categorias, nos voltamos sobre o Cotidiano como fator vital para que a Comunicação não se perca na perspectiva de ser apenas uma tecnologia. Quais são as possibilidades de a Categoria Cotidiano existir como religante no sentido de agir como propulsão para a existência dos Princípios na Comunicação? O Cotidiano é fator vital para o cruzamento dos Blogs e suas linguagens que se cruzam?

Nossa intenção está em refletir sobre a desordem das unidades, em retomarmos a organização dos saberes como produção lúdica do presente e não apenas como Conhecimento sobre a realidade. As questões surgem através da Complexidade e, com isso, precisamos entender como se dão as falas, que partem dos Discursos existentes, como Encráticos e Acráticos, e quais suas validades na Rede. Os caminhos bifurcam-se, cruzam fronteiras, sem perder a circularidade do Paradigma da Complexidade. A partir desse ponto, procuramos identificar como se dá o processo de criação dos Blogs, em sua velocidade e em seu esquecimento proporcionado pelas novas

tecnologias, e procuramos saber como o Cotidiano servirá para unir as partes, o fragmento e a distorção da informação à linguagem social, aquilo que é falado em um espaço delimitado e identificado como um espaço para a autoprodução das linguagens.

Nessa perspectiva, colocamos a seguinte questão: qual a relação da linguagem de cada Blog com a legitimação de uma linguagem comprometida, com uma linguagem que apenas transfere a informação e o entretenimento na produção? Existem outras linguagens possíveis para se entrar na Blogosfera que possa estar fora do Poder?

Neste nosso trabalho, procuramos a Complexidade da Comunicação, isto é, através do pensamento complexo, fazemos uma caminhada teórica que começa em Morin, naquilo que ele representa para as nossas preocupações em relação às reflexões sobre a Comunicação e as Ciências Humanas. Dividimos esta tese em dois capítulos. O primeiro capítulo, que servirá como entrada ao pensamento complexo, se chama *A passagem para o pensamento Complexo*. Aqui analisaremos as aventuras da complexidade, a cultura de massa até o surgimento dos Blogs. Apresentaremos nossa dialogia com Morin, a reflexão que o Paradigma da Complexidade nos possibilita. Serão utilizados todos os diálogos com a Hermenêutica de Gadamer (1997), de sua revisão filosófica pós-Heidegger. Entraremos em Maffesoli (1988), com sua caminhada teórica pela

Sociologia Compreensiva, que segue um roteiro filosófico surgido em Nietzsche e em Heidegger. Depois as idéias percorrerão a sociologia do cotidiano em Simmel, antes passando pela literatura marginal do século XX, de Bataille à Pós-Modernidade, da superação das lógicas clássicas ao espaço da linguagem. Entraremos em Barthes, na Semiologia que irá dialogar com a Complexidade de Morin pela dialética dos argumentos sobre as linguagens. Percorreremos a quebra de paradigmas, entraremos na falácia dos métodos que reduzem os sentidos, as interpretações, para voltarmos novamente a Morin.

No segundo capítulo, *O Caminho da Complexidade nos Blogs*, escolhemos dois Blogs, o do Marcelo Coelho, jornalista da *Folha de São Paulo*, **Cultura e Crítica**, e o do Mauro Castro, taxista, cronista do jornal *Diário Gaúcho*, **Taxitramas**. Esses dois autores irão passar seus textos do jornal para a Rede, mas o que nos levou a eles, a essa relação de conversação com os dois escritores, foram suas diferenças, não pelo texto, mas por aquilo que cada um se compreende e se legitima como autor de textos, de diários virtuais, e pela profissão de cada um. O que isso poderá significar como produção de linguagens, quais seus signos sociais, suas marcas formais e de conteúdo na Rede? Esse capítulo irá fazer a leitura dos Blogs, em que selecionamos cinco textos de cada autor. Aplicamos os Princípios da Complexidade para nos situarmos

mais no plano teórico, para compreendermos a relação que existe com o discurso de cada autor e sua importância na Comunicação. Por último, fizemos o cruzamento de registros, analisando os textos em relação às suas diferenças e às suas leituras sobre o Cotidiano.

Para melhor nos situarmos no espaço da discussão, da Complexidade, no espaço da Semiologia e da Sociologia Compreensiva, assim como para melhor conseguirmos unir as partes, nas dessemelhanças e nas semelhanças, optamos pelo uso e pelo recurso da primeira pessoa do plural. Nossa intenção é fortalecer o diálogo entre as teorias, entre os discursos, entre todas as possibilidades de Comunicação. Outra opção escolhida é a de procurarmos, no uso das palavras, conceitos e noções do emprego inicial da letra maiúscula para melhor nos situarmos na relação de conceitos teóricos e para identificá-los com os atos sociais da linguagem e com os Princípios de Morin.

A nossa proposta como tese, em *A Comunicação e a Complexidade: Conhecimento, Cotidiano e Poder dos Blogs*, está em buscar o elo entre a problemática teórica da Comunicação com os fenômenos surgidos a partir das novas tecnologias. Nosso primeiro passo se dá em torno de um não-absoluto dos conceitos e sim na abertura deles em face dessas questões. Propomos um estudo exequível que funciona como crítica a todo um instrumental usado pela

Teoria da Comunicação. Valemo-nos do Paradigma da Complexidade para refletirmos sobre esses temas que, desde as críticas à Comunicação de Massa, existem, para entrarmos em um novo campo observacional, teórico, já usado pelos caminhos da Sociologia para entrar em estudos sobre a Comunicação.

Os Blogs são mais um objeto que olharemos com o cuidado de quem reflete sobre as intermitentes pulsões teóricas que aparecem nesta tese. A mediação que existe a partir da produção de textos, que vem do jornal ou do próprio criar direto na Rede, serve como nosso propósito para afirmarmos mais adiante que há produção de sentido. Que a legitimação de linguagens existe nos Blogs e que eles podem, sim, servir de Comunicação e compreensão das questões contemporâneas. Nos Blogs se percebe não uma visão verdadeira das novas linguagens, mas manifestações e expressões dessas linguagens que se diferenciam e se aproximam. Encontraremos a diversidade comunicacional, assim como a falta de comunicabilidade, a falta de forma, em nome do conteúdo, por intermédio de uma linguagem sem criatividade, mas mesmo assim, existe o seu oposto também na escritura dos textos.

# 1 A PASSAGEM PARA O PENSAMENTO COMPLEXO

O Pensamento contemporâneo requer Complexidade para poder tratar das coisas do Mundo da Vida, da Ciência, para cuidar do próprio pensamento nos fala Morin. Com o Paradigma da Complexidade conseguiremos pensar a aurora de cada tempo, de cada época que escolhermos para viver.

Antes do pensar complexo já existia a diferença, já existia as incertezas, mas o que Morin propõe é justamente não temermos as dúvidas, porque o que nos torna mais vivos nos projetos são essas variações de indeterminação das certezas.

Não existe mais uma única lógica norteadoras nas Ciências, os princípios da Complexidade abrem o caminho para o pensamento tornar a vida mais suscetível de erros e acertos. O pensar da razão Moderna é a base para os projetos universais, mas coube ao

pensar mais voltado à Complexidade para acharmos na aurora deste século poderemos compreender um pouco mais da Cultura de Massa e do Blogs que fazem esse círculo através dos Princípios da Complexidade.

## **1.1 A Complexidade e as aventuras da Comunicação**

Um belo dia, manhã, uma manhã cinza no dia de um homem, ele acorda. Os pensamentos são formados nas madrugadas, nos dias, no silêncio do sono. A sua formação não é uma enciclopédia, um compêndio, um quadro estático na parede sem cores nem relógios. O formato que se tem é que a vida é uma sucessão de acontecimentos, de teorias ao longo dos séculos.

Este homem atravessou parte do ocaso do século XX, vivendo intensamente as mudanças sofridas e impostas no Ocidente. O pensamento no mundo ocidental, uma parte viva do mundo, e que está na Complexidade de Morin, já não serve mais como uma simples descrição de fenômenos, mas o é, também.

Nesse belo dia, o homem percebe que é o mesmo dessas alterações, que é parte de uma mesma coisa, de tudo no mundo. Não é a literatura; é a realidade esfacelando-se a partir do momento de cada manhã em que o homem coloca seus pés novamente no chão. As



idéias sobrevivem, porque os homens as alimentam de novas roupas e novas informações, conforme as necessidades; os mesmos homens que as negaram tratarão de dar-lhes forma diante dos acontecimentos. É o contraditório também, é a ficção, é a pura linguagem de quem amanhece no limiar do tempo com o esquecimento.

As teorias sobrevivem porque os homens se espalham pela terra e, como diz Morin (2005), o desconhecido não é apenas o mundo exterior e, sim, sobretudo, nós mesmos. As crenças nas verdades, na lógica ocidental, nos fatos e no Cotidiano da comunicação entre esse homem e todos pelo mundo afora e adentro, do Ocidente ao Oriente, da rua à casa, do real ao hiper-real, do conceito ao Imaginário<sup>1</sup>, da linguagem à comunicação, e tudo na esfera do vivido, do jogo, permaneceu porque o visível passa do inteligível ao sensível e ao invisível. Apenas para lembrar Heidegger (1987), que fala do "Ser" como a compreensão "indeterminada" e do mesmo modo "sumamente determinada". Do homem

---

<sup>1</sup> Procuramos usar o termo imaginário partindo de Castoriadis quando diz que no "por-vir-a-ser emerge o imaginário radical, como alteridade e como 'originação' perpétua de alteridade, que figura e se figura". *A Instituição Imaginária da Sociedade*. Rio de Janeiro, 1982. p. 414. Imaginário como figuração de imagens que é parte do presenteísmo de significados ou sentidos (Maffesoli). Como representação do real, daquilo que é factível e não é, daquilo que é concreto, "empurrado, impulsionado e catalisado por forças imaginárias", que vêm da forte influência de Durand quando diz, que a fenomenologia do imaginário é uma entrega às imagens, aquilo que tem de poético e oculto nelas. Silva, Juremir Machado da. *As Tecnologias do Imaginário*. Porto Alegre, Sulina, 2003. p. 7.

que ao acordar personagem se dá conta de que ele compreende a palavra "imaginário" e com ela todas as derivações, as variações possíveis, ainda que essa compreensão pareça indeterminada. Inacabada. Esse imaginário povoa seus dias. Ele retorna ao "Ser", e em Heidegger:

O que compreendemos, o que se manifesta, de algum modo, na compreensão, dele dizemos, que tem sentido. O Ser, porquanto, é simplesmente compreendido, tem sentido (Heidegger, 1987, p. 111).

Do possível ao impossível, esse homem, dentro da complexa colcha do pensamento, será sua única saída para o mundo. O seu mundo diante do que está em discussão, sendo que em um belo dia, esse homem acordou fora do apenas inteligível. Foi através da "brecha microfísica" que abriu o espaço para o sujeito se postar diante do objeto, diante do próprio decreto mal-aventurado da lógica ocidental, que percebeu que o acaso contribuía para as suas novas manhãs.

O fato de estar no mundo e o fato de comunicar-se com o outro fizeram com que esse homem se valesse dos aparatos fornecidos pela era da informação, aquilo que chamamos de estar atento a todos os acontecimentos, poder acessar o mundo através da informação

e poder compreender melhor sua realidade. É o dissenso que faz de sua comunicação uma opção para o tempo presente, para acordar pronto à dialógica pensante, lembrando através de Morin:

Assim, o pensamento deve estabelecer fronteiras e atravessá-las, abrir e fechar conceitos, ir do todo às partes e das partes ao todo, duvidar e crer; deve recusar e combater a contradição, mas ao mesmo tempo assumi-la e alimentar-se dela (Morin, 2002, p. 201).

Depois da compreensão de que, nas sociedades, teríamos o caminho por onde um dia se costumou dizer que o "sistema das comunicações de massa é um sistema universal" e que podemos constatar, diante dessas mudanças que esse homem presenciou, que nada foi mais além do que o compreender metodológico, por meio das interpretações no espaço ínfimo que existe entre ele e as teorias que o separam e o aproximam dos avanços tecnológicos atuais.

Na solidão do "fim das certezas", diria Ilya Prigogine, a contradição na tensão do mundo (1996, p. 14), "(...) do tempo e do determinismo não se limita às ciências, mas está no centro do pensamento ocidental do que chamamos de racionalidade e que situamos na época pré-socrática". Passamos, então, da certeza de um

saber objetivo à necessidade do pensamento complexo. O paradoxo do uno e do múltiplo será a passagem da verdade absoluta ao tempo da incerteza, da desordem e da ambigüidade para depois se reordenar através da volta ao conhecimento, ao entendimento propriamente dito.

Morin apresenta o Paradigma da Complexidade, através de sua trajetória teórica que passou do simples ao complexo e que nos será útil como instrumento para a reflexão das metamorfoses da comunicação. É um estágio da comunicação em que a técnica não é apenas informação, mas também troca e produção de linguagens. As formas de comunicar a razão de não podermos mais simplificar e,

Como vimos, não há mais lugar algum, nem na microfísica, nem na macrofísica, nem mesmo em nossa banda média mesofísica, uma base empírica simples, uma base lógica simples. O simples é apenas um momento arbitrário de abstração arrancado das complexidades, um instrumento eficaz de manipulação laminando um complexo. A gênese é complexa. A partícula é hipercomplexa. A evolução é complexa (Morin, 2002, p. 456).

A complexidade é o nosso pensar forjado no acordar de um tempo. Um acordar diante das ruínas de um tempo e com a complexidade, para Morin, emerge como

obscurecimento, desordem, incerteza, antinomia. É dizer que isso mesmo que provocou a ruína da física clássica constrói a complexidade da *physis* nova. É dizer isso mesmo que a desordem, o obscurecimento, a incerteza e a antinomia fecundam um novo tipo de compreensão e de explicação, o do pensamento complexo (Morin, 2002, p. 256-257).

Com as categorias Comunicação e Conhecimento, de Morin, passamos pela categoria Cotidiano, em Maffesoli, e pelas de Poder e Socioleto, em Barthes. Nosso propósito será estudar as novas tecnologias depois do apogeu da Comunicação de massas, empregada e legitimada pela Teoria da Comunicação, como um dos pontos altos na desordem e na organização comunicacional propagadas nas ciências humanas, e depois do fim de uma modernidade anunciada.

Durante esse acordar, o homem, que um dia se pôs prostrado em face das tentativas da Ciência, viu a técnica e o pensamento se tornarem os senhores dos próximos séculos. Ele acordou, enfim, para o século XX, que terminava com o que estava oculto, agora vindo à tona no seu excesso, transbordando nas tentativas de a razão ter sob seu domínio todo o acesso ao conhecimento e à Ciência. Nesse tempo em que o que se esgotou e se ganharam novas perspectivas para o enfrentamento diante do saber, da forma, do sujeito e do imaginário. Como Barthes evidenciou com toda clareza:

O que tento visar aqui é a uma responsabilidade da forma: mas essa responsabilidade não pode ser avaliada em termos ideológicos e por isso as ciências da ideologia sempre tiveram tão pouco domínio sobre ela (Barthes, 1985, p.17).

Através da forma, da literatura, diria Barthes, e do Cotidiano, em Maffesoli, se desenha a radicalização de um tempo em que as verdades já não serão mais a única presença para legitimar o conhecimento. A tentativa da "crença na superioridade da verdade, a não-verdade ou sobre o erro", diria Vattimo, é uma convicção de tempos remotos em que o homem poderia "conhecer as coisas *em si mesmas*" e que se mostra inviável:

(...) já que precisamente a análise química do processo do conhecimento revela que este nada mais é que uma série de metaforizações: da coisa à imagem mental, da imagem à palavra que exprime o estado de espírito do indivíduo e desta à palavra imposta como palavra "justa" pelas convenções sociais; depois, novamente dessa palavra sacramentada à coisa, da qual percebemos apenas os traços mais facilmente metaforizáveis no vocabulário que herdamos (Vattimo, 1996, p. 172-173).

O que importa a esse homem não é mais saber a importância de quão grande é a realidade sem o poder dominante da ideologia e da Ciência, e, sim a sua participação no mundo, que se projeta não mais na sua afirmação, mas em seus postulados formais que o pensamento no século XX nos legou. Como "a ciência é grosseira, a vida é sutil, e é para corrigir essa distância que a literatura nos importa", diria Barthes (1989, p. 19), ao afirmar que o importante não é o que se sabe totalmente sobre algo, mas o que se sabe sobre algo que possa nos revelar como conhecedores além das coisas, conhecedores do próprio homem.

O homem é o que restou de si mesmo; ao acordar, não teve mais a ilusão de perder a sua condição de ser livre e apostar nas novas descobertas que o século XX em derrocada proporcionou aos intrépidos, isto é, uma das maneiras para se continuar referindo o pensar contemporâneo. Ele não deve temer a idéia de Heidegger, que percebia a técnica<sup>2</sup> como extremamente perigosa à essência humana.

---

<sup>2</sup> Usamos aqui o conceito de técnica em Heidegger a partir de leituras que vão ao próprio filósofo, de nosso entendimento e compreensão do termo, assim como nos valem de autores que abordam de maneira diferente. Para Rüdiger, sua compreensão é a de que Heidegger "esclareceu várias vezes que não é contra, nem a favor da técnica; que jamais falou a seu respeito de maneira negativa, mas também não desejava fazer seu elogio entusiasmado. A tecnologia é apenas o conhecimento científico encarnado em meios maquinísticos e, como tal, não é algo para ser rejeitado como obra do demônio, nem para ser destruído como coisa anti-humana". Rüdiger, Francisco. Martin Heidegger e a questão da técnica. Porto Alegre, Sulina, p. 133. Procuramos também seguir nossa proposta da dialogia no pensar e lembrar do paradigma da complexidade na vida desse homem.

Ora, quando se fala da civilização da técnica, no sentido ontológico, é claro que necessariamente retornaremos à Heidegger, mas lembramos que Vattimo ao analisar o filósofo alude que:

Temos que compreender que aquilo que aludimos não é apenas o conjunto dos aparelhos técnicos que medeiam a relação do homem com a natureza, facilitando-lhe a existência através de todo o gênero das forças naturais. (...) Heidegger fala (como em *Veredas interrompidas*) da 'época das imagens' para definir a modernidade... como aquela época em que o mundo se reduz - ou melhor, se constitui - em imagens; não tanto como sistema de valores..., mas imagens construídas e verificadas pelas ciências, que se desenvolvam quer na manipulação da experiência, quer na aplicação dos resultados à técnica, e que, sobretudo (o que Heidegger não explicita, aliás), se concentram afinal na ciência e na tecnologia da informação (Vattimo, 1992, p. 22-23).

Seguindo esse acordar do homem, lembramos de Luc Ferry e Alain Renaut (1989), que colocam a técnica heideggeriana como "desenvolvimento técnico da metafísica acabada", que não é o propósito desse despertar diante da complexidade, diante do paradigma da complexidade.



Nada disso é mais vital para as discussões que se sucederam após o término do medo diante da ciência que domina e da razão que se instrumentaliza, pois a linguagem sempre superará o paradigma perdido.

Em Morin, na Cultura de Massa, existe a atualização de "virtualidades inerentes à técnica, à indústria, ao capitalismo...", levando a outras interpretações, como a coisificação do homem, e sua relação a um tipo de alienação nascida da "quantificação e da abstração":

A cultura de massa é produto das técnicas modernas; ela traz sua parte de abstração, substituindo as imagens pelos corpos, mas é ao mesmo tempo uma reação contra o universo das relações abstratas. Ela opõe ao real abstrato coisificado a desforra imaginária da qualidade e do concreto. Ela humaniza, pela técnica, contra a técnica, povoando o mundo técnico de presenças – vozes, músicas, imagens (Morin, 1997, p. 172).

É o que ele chama de a recuperação de um passado perdido pela ludicidade de uma vida tecnicizada, sem perder o tempo real do imaginário que se introduz em todas as relações sociais a cada instante. O viver o instante eterno no modo de Maffesoli.

Para Morin (1999, p. 35-36), o "método" será mais do que uma metodologia, pois essas "são guias *a priori* que programam as pesquisas, enquanto o método derivado do nosso percurso será uma ajuda à estratégia (a qual compreenderá segmentos programados, isto é, 'metodologias', mas comportará necessariamente descoberta e inovação)". Criando e teorizando o pensamento complexo, Morin se valerá da diferença que surge como contradição no pensamento e na realidade:

O pensamento complexo, que não pode expulsar a contradição de seus processos, não pode tampouco pretender que as contradições lógicas reflitam contradições próprias ao real. *A contradição vale para o nosso entendimento, não para o mundo.* A contradição surge quando o mundo resiste à lógica, mas o mundo que resiste à lógica nem por isso é "contraditório" (Morin, 2001, p. 241).

O pensamento complexo trará o reconhecimento das incertezas que servirão de base para o entendimento dos fenômenos, que nasceram da tentativa de compreendermos mais a relação dos Blogs com a atualidade dos processos midiáticos nas novas tecnologias. Da mesma forma, ir ao encontro dos pressupostos do pensamento contemporâneo, da Sociologia, da Filosofia e da contribuição que

eles deram aos estudos nas teorias da comunicação e a relação que há de que a Ciência não só tem o poder de persuasão, mas o poder de danificar seus próprios fins. O que se esgota no racionalismo exacerbado, que se divide através da técnica, se encontra no próprio fim que não existiu e que passou pela técnica como se fosse apenas o esgotamento e a supressão do sujeito.

No paradigma da Complexidade, toda verdade não é estanque, um fim em si, mas caminha para uma linha epistemológica próxima daquela de Feyerabend, em que não existe um método. Morin (2002, p. 456) vê o método da Complexidade se impondo primeiramente na sua "impossibilidade de simplificar", surgindo onde o cientista descobre (Feyerabend, 1977, p. 292) "fatos e leis e faz aumentar constantemente o volume do conhecimento seguro e indubitável". O que Morin preconiza com *O Método* é o início da dialógica em superação da dialética:

Elaboro e defino a dialógica como associação de instâncias, ao mesmo tempo complementares e antagônicas, e considero as inúmeras dialógicas particulares no mundo físico, no mundo vivo e no mundo humano. (...) Da mesma forma, a vida é ininteligível se não utilizarmos o recurso da dialógica: o ser vivo vive na temperatura de sua própria destruição, ele vive de morte e morre de vida, é autônomo-dependente, auto-eco-organizador (Morin, 1997, p. 62).

Para Morin, é nas incertezas que a Complexidade, com o seu *sujeito-observador*, terá, nas antinomias, o *divagar* do curso das racionalizações:

A complexidade não é complicação. O que é complicado pode se reduzir a um princípio simples como um emaranhado ou um nó-cego. Certamente o mundo é muito complicado, mas se ele fosse apenas complicado, ou seja, emaranhado, multidependente etc., bastaria operar as reduções bem conhecidas: jogo entre alguns fenômenos na linguagem. (...) O verdadeiro problema, portanto, não é devolver a complicação dos desenvolvimentos a regras de base simples. A complexidade está na base (Morin, 2002, p. 456).

Vivemos na ressaca do apogeu da Globalização<sup>3</sup>, em que a informação é mais do que a comunicação que hoje poderá nos oferecer, mas ao mesmo tempo existe essa "intensificação das relações sociais em escala mundial" (Giddens, 1991, p. 69), em

---

<sup>3</sup> Usamos aqui o termo "globalização" na acepção teórica empregada por Giddens, que se refere ao "ao processo de alongamento, na medida em que as modalidades de conexão entre diferentes regiões ou contextos sociais se enredam através da superfície da Terra como um todo".

que o tempo-espaço nas relações sociais é fundamentado no distanciamento que se aproxima muito mais para uma conexão simultaneamente com o resto do mundo. As novas tecnologias são a prova mais concreta de que a comunicação cumpre o seu papel, que foi o de sempre informar e de ser o ato de compreender uma tarefa dos que também emitem e recebem o significado de uma informação.

A compreensão, para Gadamer (2002, p. 216), será a tarefa de que toda a "compreensão é linguagem", e quando Morin (2001, p. 42) diz que não se deve confundir "comunicação e compreensão, é porque a comunicação é a comunicação de informação às pessoas ou aos grupos que podem entender o que são significação e informação", se observa que esse autor não vai ao encontro do diálogo interno existente na linguagem com o sujeito. As possibilidades das linguagens existentes que pulsam do pensamento e da ciência encontram na literatura sua forma mais perfeita de retomar o sujeito para dentro de uma nova Comunicação.

Aqui se entra no que Barthes (1989) chamou de *maquinaria da linguagem*, que será o embate da linguagem com os seus propósitos, e que enfrenta, como em um jogo, toda e qualquer determinação, para que ela seja perfeita, lógica, e para que cumpra o seu destino. A linguagem não tem um destino, pelo menos a que estamos buscando analisar, a linguagem que permeia desde a Comunicação de Massas, passando pelo domínio da informação e, hoje, pelas novas tecnologias.

Barthes desconstrói a idéia de que existiria um método para legitimar as Ciências, nos levando pelos caminhos da semiologia. O fato de estar na linguagem, na comunicação, a compreensão das coisas vai mais além ou aquém quando ele tensiona o método:

Não se pode ter por objeto senão a própria linguagem, à medida que ele luta para baldar todo o discurso que pega: e por isso é justo dizer que esse método é também uma Ficção: proposta já avançada por Mallarmé, quando pensava em preparar uma tese de lingüística: "Todo o método é uma ficção. A linguagem apareceu-lhe como instrumento da ficção: ele seguirá o método da linguagem: a linguagem se refletindo" (Barthes, 1989, p. 42-43).

O começo do desaprender a que Barthes se refere está na hermenêutica que Gadamer busca na compreensão, por meio do diálogo na linguagem, e as "técnicas modernas da informação", com as quais se quebra o elo entre o sujeito e o diálogo, podem

(...) estar apenas nos inícios de sua perfeição, e que, a crer-se nos profetas da técnica, logo

tornarão obsoletos tanto o livro e o jornal quanto mais os ensinamentos que procedem dos encontros humanos, fazem-nos lembrar aqueles que são o oposto mais radical. Refiro-me aos carismáticos do diálogo que mudaram o mundo: Confúcio, Buda, Jesus e Sócrates (Gadamer, 2002, p. 244 § 208).

Em outro sentido, pensamos que o prazer que existe no "texto", em Barthes, em que o corpo segue as próprias idéias e, sendo assim, se diferencia do "eu". A duplicidade se revela e o método é parte da linguagem no texto e na sua subversão diante do real. O que podemos ver entre os autores é a tentativa de reconstituir a comunicação, por meio da linguagem e da compreensão daquilo que se tem como informação.

Morin vê na superação da Dialética com o Paradigma da Complexidade, como sendo um novo método para a compreensão dos fenômenos da realidade, como condição antagônica para conhecer e depois perder simultaneamente essa realidade. Ele escreve em *Meus Demônios*: "Assim, minha concepção da contradição desemboca, por si mesma, no pensamento complexo" (1997, p. 63). Esse pensamento que, em Morin, vem da Dialética, pelo fato de ela ter seu curso em águas desse rio, ele quer superar porque se dá conta de que a Dialética não trabalha, ou melhor, não dá mais conta de uma certa realidade, e que um sistema que pode muito bem se fechar naquilo que poderia se abrir, se perder, como Morin vê na Complexidade:

Hoje, tudo o que penso pode, ao mesmo tempo, se exprimir de forma paradoxal ou antinômica, explicitando-se, ao mesmo tempo, de forma racional. Por exemplo: a civilização contém também a barbárie; a razão, o contra-senso; um contém o outro; o perfeito é monstruoso; a ordem contém também a desordem; os intelectuais criticam os mitos e os produzem; o progresso do conhecimento faz progredir o mistério, etc. (Morin, 1997, p. 64).

Para Gadamer<sup>4</sup>, a incapacidade para o diálogo é um dos fenômenos comunicativos; em Morin, a comunicação só se realiza através da compreensão entre as pessoas. E por último, em Barthes, a textura anárquica da literatura como linguagem é o que salva o pensamento das ciências, que tentava aperfeiçoar o que ele escreveu sobre o fato de que a literatura estaria trabalhando nos *interstícios da Ciência*, pois está antes ou depois em relação a ela. Retornamos a Gadamer quando ele afirmou que a função do diálogo entre os homens é diversificada; e Aristóteles quando fundamentou que o homem é um ser que possui linguagem, e a "linguagem apenas se dá no diálogo":

---

<sup>4</sup> Trazer Gadamer ao diálogo é colocar esse diálogo a serviço da linguagem, porque ele se pergunta se a arte do diálogo estaria desaparecendo e se poderia ser uma recusa àquilo que é imposto, dominante. Depois coloca que a capacidade para o diálogo é "um atributo natural do homem". Gadamer, Hans-Georg. Verdade e Método II. Petrópolis-RJ, Vozes, 2002, [207], p. 242-243.



Mesmo que a linguagem possa ser codificada e encontrar uma relativa fixação no dicionário, na gramática, na literatura, sua vitalidade própria, seu amadurecimento e renovação, sua deterioração e depuramento até as elevadas formas estilísticas da arte literária. Tudo isso vive do intercâmbio vivo entre os interlocutores. A linguagem apenas se dá no diálogo (Gadamer, 2002, [207], p. 243).

Podemos encontrar em Barthes, em um texto escrito em 1965 sobre a obra de Morin, a observação do caráter de uma "imaginação dialética" que conduz o pensamento e a construção das idéias de Morin. Esse legado fora transferido ao Método e depois seguiu com suas próprias pernas metaforicamente dizendo sobre o pensamento de Morin. Barthes (2005) nos mostra que Morin vê o futuro como uma "dimensão natural do tempo" e estruturalmente como algo "puramente intelectual", que vê as coisas no imaginário e "imaginante" para ver as idéias não no que está separado sim no que as une:

Com uma espécie de substância nômade (...) de ponta a ponta, de Freud a Marx, da revolução à ciência - é o vasto território de migração; e ao mesmo tempo que é prospectiva, sincrética, essa imaginação é crítica, vê com tanta força o que é, o que não deve ser e o que deve ser. 'O princípio de síntese', diz Morin, 'não extingue o princípio de antagonismo' (Barthes, 2005, p. 99-100).

A Comunicação no século XX alcança a sua similitude na Comunicação massiva, na sua mais absoluta abrangência democrática, não apenas na informação e no poder, mas em relação ao que dela se perdeu, e isso para os que buscam a perfeição da ação comunicativa e para os que vêem as diferenças da entropia comunicacional como continuidade da linguagem possível entre as Ciências. E aqui o que mais nos interessa: a comunicação, o pensamento midiático e as novas tecnologias.

Maffesoli busca na tradição anárquica e libidinosa do pensamento ocidental, com muita acuidade e inteligência, o que há de melhor e o que há de pior no pensamento ocidental para refletir o homem do século XX e seus limites até o homem do século XXI. O que distanciou os projetos, ao longo do século passado, da modernidade em sua eterna agonia com o homem não foi a falta de projetos, mas o seu imanente projeto obsedado entre a razão garantida e a promessa de um mundo melhor.

Maffesoli segue sua trajetória intelectual pelo caminho mais caro do pensamento no século XX, por meio da filosofia heideggereana e da fenomenologia para compreender com precisão quais são as brechas e as falhas desse projeto remanescente, ainda dos ideais Iluministas, para tocar exatamente no ponto crucial, na falha desse projeto. Na sua sociologia aponta para caminhos mais distantes do pensamento positivista da academia:

Que há a dizer senão que, ao lado da univocidade da razão, o sociólogo deve atentar para a polissemia do gesto - para aquilo que os especialistas em informática denominam informações *soft* ('amenas') do vivido. Ora, a vida cotidiana apresenta sempre várias possibilidades, pois não é unívoca. Isto constitui, sem dúvida, uma dificuldade suplementar para sociologia compreensiva: a de lograr exprimir o fluxo incandescente da existência com termos que, não obstante, uma eventual preocupação com matizes, permanecem frios (Maffesoli, 1988, p. 67-68).

A supervalorização do ideal humano, a afirmação do sujeito eivado pela razão e por uma Ética nos moldes de Kant: é aqui que o sociólogo da *Sociologia Compreensiva* do pensamento pós-moderno dá seu tiro certo. Sua crítica engajada e anárquica vê, na tradição de Simmel, um instrumental filosófico para discutir com a modernidade que sua tese sobre a Pós-Modernidade<sup>5</sup> é mais uma constatação de um novo tempo do que um desejo. Maffesoli toma como base o método de Simmel, que norteia para o social e explica que, a rigor, "os indivíduos também não são os elementos últimos, os 'átomos' do mundo humano":

---

<sup>5</sup> Usamos o termo "pós-modernidade" a partir de dois autores, Vattimo e Maffesoli. Preferimos contextualizar como pós-modernidade um tempo em que a modernidade buscava a noção de "superação", e para Vattimo e Maffesoli, a pós-modernidade as "recuperações", os "retornos" e os "renascimentos".

A unidade efetiva e possivelmente indissolúvel que se traduz no conceito de 'indivíduo' não é de toda maneira um objeto do conhecimento, mas somente um objeto de vivência; o modo pelo qual cada um sabe da unidade de si mesmo e do outro não é comparável a qualquer saber (Simmel, 2006, p. 12).

Maffesoli retoma o espírito do homem-individual, do homem-lúdico. É com esse homem que o presenteísmo toma conta daquilo que fora jogado na lata do lixo do Ocidente. O Imaginário social refletido pelo sociólogo, e como chama para si, de o "velho anarquista", serve como ponte entre as diversas formas de comunicação no século XXI.

A socialidade é recuperada naquilo que Simmel chama de *forma lúdica de sociação*<sup>6</sup>, isto é, a separação do "conteúdo" e da "forma" da existência social.

Eco (1987, p. 345), em *A estrutura ausente*, dirá mais sobre o sujeito em uma concepção mais psicanalítica, na qual o homem é capturado em uma espécie de armadilha, em que não há forma presente e a realidade, ao invés de se impor, entra em um "jogo de vaivéns, subterfúgios, derrisões", que descreve o fato de que não

---

<sup>6</sup> Aqui na acepção de Simmel, a socialidade de Maffesoli vem do que era "sociabilidade como forma lúdica de sociação, e - mutatis matantis, - algo cuja concretude determinada se comporta da mesma maneira como a obra de arte se relaciona com a realidade".

existe fórmula certa de restituir o "sujeito", pois na relação entre o analista e o analisado a verdade não se expõe como uma verdade posta, e sim como um jogo de esconder e "eludir". Da mesma forma, ela se coloca novamente em cena sem um fundamento transcendental entre o "sujeito e o ser que fala" (1987, p. 346).

O século XX perfaz a sua trajetória entre a modernidade e o seu esgotamento, passando pela Pós-Modernidade durante períodos nos quais a modernidade fazia jus ao seu nome, fosse pela ciência, fosse pelo pensamento ou pela literatura. Dirá Vattimo que a Modernidade é a época da superação, ao se superar sempre estará envelhecendo e buscando o novo, e que para Nietzsche esse recurso de sempre ultrapassar seria uma *categoria tipicamente moderna*. Vattimo complementa:

Não apenas a modernidade é constituída pela categoria de superação temporal (a inevitável sucessão dos fenômenos históricos de que o homem moderno se torna consciente por causa do excesso de historiografia), mas também, segundo a conseqüencialidade muito estrita, pela categoria da superação crítica (Vattimo, 1996, p. 173- 174).

Para Vattimo (1992), vivemos no tempo da *sociedade da comunicação generalizada*, em que as Ciências Humanas antes eram atreladas ao discurso de apreensão do saber, como o da Cultura, da

Antropologia, da Psicologia, e que constituíam a sociedade moderna como a sociedade da Comunicação. O que se deve observar é que passamos do âmbito do *socialismo lógico*, do homem emancipado pelo ideal dos cientistas, e do (1992, p. 31) "ideal da comunidade ilimitada da comunicação". Em vez de "avançar em sua autotransparência, a sociedade das ciências humanas e da comunicação generalizada" rumou para um tipo de "fabulação do mundo".

O que proporemos, aqui, é realizar o diálogo entre os textos, que marcam o debate entre a modernidade, a sociedade da comunicação e as novas tecnologias, transpassando pela discussão da Pós-Modernidade que não está em conformidade com o mito de um ideal de Comunicação. Além disso, os autores elencados darão o *corpus* teórico para esta tese.

## **1.2 Da Cultura de Massa ao Surgimento dos Blogs**

O século XX foi marcado pelo avanço das comunicações, claro, como todo processo de crescimento das Ciências, do aperfeiçoamento das relações políticas, do incremento ideológico dos interesses políticos, também a liberdade e a tentativa de conquista do "outro" passaram pela Comunicação. Da propaganda ao lazer, do domínio ao controle desse domínio, da tentativa de controlar

ao clandestino e criativo processo que as artes, a literatura, o cinema se aproveitaram das tecnologias para se expressar.

A imprensa e o poder das mídias acabaram concentrando a informação e o entretenimento ao interesse de grandes grupos, e com a alternativa tecnológica de informar, sempre houve uma alternativa para a produção de conhecimento e para as tentativas de domínio, de poder sobre as massas. Temos como exemplo a propaganda do ministro de Hitler, Josef Goebbels, que usava o microfone como se fosse um megafone para a difusão dos ideais do nazismo às massas. Mas simultaneamente a comunicação propiciou os ideais de liberdade, como a informação e a cultura.

O Rádio e a Televisão foram os representantes da cultura de massas do século XX, assim como a era dos computadores, depois de passar do interesse de grupos a serviços do estado, passou ao computador pessoal. Não se trata de o poder mudar de mãos, pois se tem hoje um fragmento maior do que já existia, causado pela comunicação, mas o interesse, o desejo de dominar através dos medias continuam com mais sutileza, talvez com menos controle do que antes.

A Internet possibilitou o alcance cada vez mais das pessoas à informação, mas não que seu acesso possa torná-las mais poderosas, se analisarmos do ponto de vista teórico sociológico. Será um avanço para uma hiper-realidade ou para uma simulação do vivido para Baudrillard.

Assim foram escolhidos os Blogs, signos de um tempo, em que a Comunicação tem sua relevância nas novas tecnologias como análise para este trabalho. Não esgotaremos as possibilidades como crítica e análise de que neste século a Era da Internet tem seu destaque nas comunicações. O que buscaremos será tecer o quadro teórico que envolve a discussão entre a comunicação e a informação, passando pela apropriação e pelo sentido desta tecnologia como mais uma forma de saber e não apenas de receber uma informação.

O século XX teve o seu apogeu por ser a era da informação, da cultura de massa; o Rádio e a Televisão abriram os espaços para a disseminação dessa informação. A simultaneidade demarcou os matizes do poder, das ideologias atravessadas pela Publicidade e pelo Marketing. As razões da Indústria Cultural sobre a vida formataram um novo quadro na comunicação. Deixou-se de lado o simples fato de informar para formar e se passou para o lado do intervir. Este século foi o século no qual a diversidade permitiu maior acesso à informação.

A Comunicação na cultura de massas como apropriadamente Muniz Sodré escreveu, há muito, ultrapassou as discussões em torno das questões metodológicas da lingüística em analisar um fundamento da linguagem, pois ultrapassar esses limites é que:

Comunicar-se verdadeiramente é tentar superar as barreiras da incomunicação, as restrições do



código, e dar curso livre à vivência. E isto só pode ocorrer num espaço de troca dialética entre as diferentes instâncias do processo lingüístico - é o que dá como possibilidade no diálogo (a abertura no imaginário) instaurado pelas práticas artísticas, políticas, psicoterapêuticas, e mesmo científicas (Sodré, 1984, p. 50).

A semiologia se encarregou de tratar a linguagem da comunicação como expressão do objeto que se reproduz, que se duplica em série e se que torna um tecido comunicacional, podendo simplesmente informar a partir de um simulacro da realidade.

Alguns teóricos chamam o século passado de a "era do Rádio e da Televisão". Para Mattelart, trata-se do ponto em que os sistemas tecnológicos complexos de comunicação e informação mudaram o cenário e a relação entre a sociedade e o indivíduo. Uma nova ordem mundial surgiu. A idéia de Rede toma corpo através da Cibernética, e a Comunicação se interliga com os sistemas comunicacionais por meio da aceleração tecnológica da informação e dos interesses sociais envolvidos nessa questão:

A era chamada sociedade da informação é também a da produção e de estados mentais. É preciso pensar de maneira diferente, portanto, a questão da liberdade e da democracia. A liberdade política não pode resumir o direito de exercer a própria

vontade. Ela reside igualmente no direito de dominar o processo de formação dessa vontade (Mattelart, 2000, p. 187).

Para Lyotard, o domínio do saber deixa de existir, isso que aqui nos interessa primeiramente, mas as grandes narrativas, ao perderem sua legitimidade, cedem ao se desagregarem diante dos ideais do idealismo alemão e do apogeu do sentido emancipatório nos anseios da Revolução Francesa. Desmorona-se o ideal de progresso dos macrossujeitos que buscavam a redenção de suas causas. O fragmento é parte integrante do todo. Em texto escrito como relatório ao Conselho das Universidades do Québec, Lyotard, em *O pós-moderno*, coloca o saber científico como mais um discurso:

O saber científico é uma espécie de discurso. Ora, pode-se dizer que há quarenta anos as ciências e as técnicas ditas de vanguarda versam sobre a linguagem: a fonologia e as teorias lingüísticas, os problemas da comunicação e a cibernética, as matemáticas modernas e a informática, os computadores e suas linguagens-máquinas, os problemas de memorização e os bancos de dados (...), eis aí algumas provas evidentes, e a lista não é exaustiva (Lyotard, 1988, p. 3).

O excesso dessas informações tecnológicas é considerável sobre o saber e, a partir desse conhecimento, a Comunicação se

torna cada vez mais um ponto de extrema importância no final do século passado. A legitimação, para Lyotard, se dá através do dissenso na composição de jogos de linguagens, como Wittgenstein o fez no estudo da linguagem<sup>7</sup>, do ponto zero se parte com enunciados, daí se constroem os jogos, a interação na dissolução das regras antes preestabelecidas. Mas aparece o que Lyotard nos coloca como que tem a legitimidade de decidir o que é saber "e quem sabe o que convém decidir?". Para ele o problema do saber nas novas tecnologias é muito mais do que uma questão de linguagem, pois mesmo que o dissenso se dê entre as partes, sempre haverá aquele que decide, o que regula e, por isso mesmo, poderemos acompanhar a idéia de que:

Para começar, o saber científico não é todo o saber; ele sempre teve ligado a seu conceito, em competição com uma espécie de saber que, para simplificar, chamaremos de narrativo (Lyotard, 1988, p. 120).

Assim, dirá Lyotard sobre os jogos de linguagens, que "suas regras não possuem legitimação nelas mesmas" (1988, p. 17),

---

<sup>7</sup> Aqui nos valem de Wittgenstein, quando ele coloca que o uso da linguagem nas palavras "considera, por exemplo, os processos que chamamos de jogos. Refiro-me a jogos de tabuleiro, de cartas, de bola, torneios esportivos. (...) Pois, se você os contempla, não verá na verdade algo que fosse comum a todos, mas verá semelhanças, parentescos, e até toda uma série deles. Como disse: não pense, mas veja!" Wittgenstein. *Investigações filosóficas*. São Paulo: Nova Cultura, 1989, p. 38.

mas nelas existe um tipo de contrato categórico ou não entre os jogadores. Ao mesmo tempo existem as regras que validam um jogo, como no xadrez; o mínimo movimento ao contrário em um lance modificará a natureza do jogo.

O século XXI, para muitos, será a Era da Internet, em que existia a emissão a milhões de ouvintes e telespectadores. Nesse século será a vez de milhões de pessoas conectadas na Rede mundial de computadores publicando suas falas, seus registros e gerando conteúdo. Os avanços na computação e nas pesquisas acadêmicas nos anos 90 aconteceram

[...] entre setembro de 1993 e março de 1994, quando uma rede até então dedicada à pesquisa se tornou a rede de redes, aberta a todos. No mesmo período, o acesso público a um programa de navegação (Mosaico), descrito na seção de negócios do *New York Times* de dezembro de 1993 como "a primeira janela para o ciberespaço", tornou possível atrair usuários - na época chamados "adaptadores" - e provedores, os pioneiros em programas (Briggs, 2004, p. 310).

Com essa corrida tecnológica, a tecnologia da Comunicação se mostrou mais viva do que nunca devido ao advento da Internet e às relações entre informação do emissor e do simples receptor. Isso custou caro demais para a Teoria da Comunicação, que buscou

as explicações mais diversas sobre o que chamaríamos de crise da Comunicação de Massa, através da Indústria Cultural que se renovou, por meio da informação que passou a ser vista para além de uma mercadoria, mas estando diante do seu próprio fim, ou seja, de sua disseminação enquanto informação e consumo e o espalhar da informação pelo intermédio do mundo no ciberespaço.

Virilio (1996, p. 63) diz que a "velocidade é a esperança do Ocidente" e que ela dá sustentação às forças que protegem o Estado, mas ao mesmo tempo pelo signo de uma *dromologia* (velocidade), se vê a impossibilidade de teoria da informação e o que era inerte se torna agora o símbolo do "progresso e de domínio do meio" (Mattelart, 2000, p. 180). A velocidade entra nas vidas como se entrasse nos sistemas em uma instantaneidade, e a noção de duração acaba sendo absorvida por essa *hipercepção*; assim, o tempo comum já não será mais possível. Tudo está interligado em Rede. Mattelart (2000) acrescenta mais, seguindo a idéia de Guattari, de que nesse novo cenário tecnológico acena-se para novas "dimensões maquínicas na produção da subjetividade". Guattari pensava

que as máquinas tecnológicas de informação e comunicação, da informática robótica, passando pela mídia, operam 'no centro da subjetividade humana, não só nas suas memórias, em sua inteligência, mas também em sua sensibilidade, em seus afetos e em seu inconsciente' (Mattelart, 2000, p. 1800).

Baudrillard vai mais longe sobre a idéia de Comunicação, sobre a emancipação do homem diante do progresso da informação. Hoje o homem é vítima do próprio excesso de Comunicação. Ele chama de "paradoxo operacional":

(...) não apenas não se trata de fazer-valer, mas o melhor ainda é nada valer pra melhor fazer-valer - nada saber para melhor fazer-saber - nada produzir para melhor fazer-produzir - nada ter que dizer para melhor comunicar. Para a comunicação e a informação, a consequência é inexorável: para que algo transite melhor e mais depressa, é preciso que o conteúdo esteja no limite da transparência e da insignificância (Baudrillard, 1990, p. 56).

Temos como resultado as "fantasias da comunicação", como nos mostra Baudrillard, e que essa "boa comunicação" passa pelo seu fim, o aniquilamento do seu conteúdo. Baudrillard dirá que a "boa informação passa pela transparência digital do saber" (1990, p. 57) e que o fato de comunicar só nos garante que o social deixou de existir e a forma de socialidade passa pela perda do controle de quem a usa. Ele complementa que a "tela é virtual, logo, intransponível. Por isso presta a essa forma abstrata, definitivamente abstrata, que é a comunicação" (1990, p. 63).

Temos essa inocuidade de se ter o melhor entendimento com as novas tecnologias, não pela perda da essência, mas pela tentativa exata de se ter ainda a verdade da Comunicação. Seguimos o pensamento de Baudrillard em *América*, "desconfiemos dessa idéia":

Essa pretensão à universalidade tem por conseqüência uma impossibilidade igual de se diversificar de cima para baixo e de se federar de baixo para cima. Uma nação ou uma cultura, uma vez centralizada segundo um processo histórico durável, experimenta dificuldades insuperáveis tanto para criar subconjuntos viáveis quanto para integrar-se num superconjunto coerente... Há uma espécie de fatalidade no processo centralizador (Baudrillard, 1986, p. 72).

Este trabalho tem como objetivo fazer a reflexão em relação aos aspectos referentes ao Ciberespaço, suas tramas diante da idéia do virtual, do uso dessas tecnologias sem perder de vista o lugar do pensamento.

A escolha de buscar na Rede o espaço para se analisar a linguagem dos Blogs, através do pensamento complexo, é uma das tentativas de superar a incomunicação que possa existir nessas formas de linguagem. Trazer esses registros, os diários, se pode chamar, em que o autor relata, narra, comenta e deixa essa impressão nessa imensa teia que é a Blogosfera, lugar dos signos

que se repetem, mas que sempre ecoam ou encontram um navegador, um leitor, para colocar sua impressão ou apenas ler.

O cotidiano de um taxista, Mauro Castro com o **Taxitramas**, e o que representa a "Mídia tradicional", o Blog do Marcelo Coelho, **Cultura e Crítica**, jornalista da *Folha de São Paulo*. São dois exemplos de que a Rede permite essa semelhança operacional, porém podem se diferenciar na forma e no conteúdo, quando são abordados e também porque o tema poderá ser o mesmo. Escrever sobre esporte, política, literatura, como exemplos dos dois Blogs, significa que nessa imensidão que é a Blogosfera existem milhões de um mesmo assunto abordado em outros idiomas, com maior ou menor teor analítico: a linguagem é uma e são todas ao mesmo tempo. Trata-se de uma linguagem na qual se pode pensar junto, se pode reescrever ou recriar a partir do que se perdeu. Comentar aquilo que se dava por esquecido. O perdido é sempre buscado na Rede, ou pelo menos o que se deleta é esquecido, mas mais adiante será pensado. Idéias nem sempre andam juntas, mas a dialogia nascida a partir desses signos nos leva a pensar mais sobre o que é demonstrado pelos textos dos dois autores escolhidos.

Os diários virtuais, como são chamados os Blogs, entram no mundo da *Blogosfera*, o espaço em que todos os Bloggers (autores) exercitam seu pensamento público, ou seja, colocam suas idéias na grande massa do mundo da Rede, ligados no ciberespaço, em que o emissor e o receptor estão em todos os lugares simultaneamente. Cada um poderá colocar seu *post* (cada texto inserido no Blog),



tornando público o que uma pessoa gostaria de falar aos outros. Lembramos que nesse diário, o texto poderá vir em forma de crônica<sup>2</sup>, mas que aqui ganha outro estatuto, ganha no cenário apresentado pela Blogosfera, a legitimidade e o apreço pelo autor e pelos leitores de uma crônica, quando nos voltamos ao **Taxitramas**. Quase-crônica, mais que diário, a linguagem é plural. Pensamos em Barthes que analisa o significado de diário (como ele chama de Diário íntimo), partindo do sociólogo Alain Girard e do escritor Maurice Blanchot:

Para um, o Diário é a expressão de um certo número de circunstâncias sociais, familiares, profissionais, etc.; para outro, é um modo angustiado de retardar a solidão fatal da escrita. O Diário tem assim, pelo menos, dois sentidos, sendo ambos plausíveis porque são coerentes (Barthes, 1987, p. 49).

Ora, temos o duplo significado nos Blogs que partem do estado de crônica como "Diário íntimo" e vão ao sentido mais

---

<sup>2</sup> Nos reportamos à dissertação "As origens da crônica no Brasil", em que foi trabalhado o conceito de crônica, no significado que contém, na sua duplicidade e sentido, a saber, por ser relato histórico, contendo comentários sobre o cotidiano e imaginários transpostos para as páginas de jornais e livros. Gomes, Luis Antônio Paim. *A Pós-Modernidade na Crônica Jornalística de Diogo Mainardi*. Porto Alegre, PUC, 2003.

amplo por meio de relatos, fragmentos sobre a vida, sobre a cultura, de vozes da pluralidade da linguagem.

Para Jonh Batelle, jornalista e professor americano, em entrevista à revista *Época*, os Blogs representam o "trabalho público de uma pessoa" (Revista *Época*, 2006, p. 104) e o que os tornam fascinantes pela mídia tradicional e, por outro lado, uma ameaça ao domínio exclusivo da informação, por isso se agrega os Blogs ao espaço da comunicação.

Batelle é um otimista desta nova forma de comunicar, em que qualquer internauta poderá passar sua idéia sobre um acontecimento, opinar, discorrer sobre os acontecimentos, ou melhor, tornar suas idéias visíveis na Rede. Os Blogs, para muitos, são a panacéia, a qual resolveria os problemas do domínio da informação, mas o que se tem de concreto é que há mais uma ferramenta de informação para nos comunicarmos.

Essa aproximação da literatura ao cotidiano das pequenas coisas, o que dá sentido histórico ao conceito de crônica e de diário, torna o trabalho de Mauro Castro próximo da Mídia mais clássica do que o jornal. Com o imaginário de um novo espaço, o da Rede, em que o ciberespaço é, também, o cotidiano, em que os internautas se manifestam, o texto se apresentará como registro autoral que logo é interagido pelos internautas. A possibilidade de se disseminar e de se espalhar faz com que o diário, o Blog, o local onde são postados os textos, ganhe uma identidade plural de linguagem (Barthes). Daí o fato de o resultado do sucesso de Taxitramas ser mais que surpreendente; seu autor revelou-se um

escritor, um sujeito que tem o domínio da escrita, um observador do cotidiano, em que tudo que passa aos seus olhos é registrado por ele. Mauro Castro ganhou fama imediatamente na Rede, com milhares de acessos nesses dois anos de Blog. Se tornou um blogueiro (blogger), na linguagem usada por ele.

Outro aspecto de nossa escolha foi o fato de selecionarmos um Blog hospedado a um grande grupo jornalístico no Brasil, a *Folha de São Paulo*, o que ajudará na nossa tese no sentido de melhor trabalharmos essa problemática das mídias clássicas (no sentido de ser o jornal), por meio da apropriação, da sua página em versão on-line, desse novo recurso, o uso de Blogs. Entre os que estão na *Folha On-line*, os Blogs políticos e os de futebol, escolhemos o de Marcelo Coelho, porque justamente nos oferece o tipo de apresentação e formato dos textos que poderemos discutir sobre as linguagens Encráticas e Acráticas, com a possibilidade de cruzar nossas análises sobre a importância desses discursos na legitimação do Poder que se relaciona com as mídias mediadas e as mídias não-mediadas (Blogs).

Isso se dá porque, muitas vezes, nas mídias tradicionais, existe um certo tipo de controle sobre os conteúdos gerados. Contudo, nos Blogs esse controle será exercido por cada autor. Poderemos sugerir que esses Blogs, que são hospedados nesses grupos, têm um dono maior, que é o dono do grupo. Já nos Blogs que estão na Rede, criados por internautas, como é o caso do **Taxitramas**, há maior liberdade de interagir com os leitores.

Essas questões serão o nosso desafio, para analisarmos esses tipos de mídias, as não-mediadas, mais diretas com as informações adquiridas em Blogs que fazem parte de grupos de mídias. Foram essas questões postas para a nossa tese que nos levaram a buscar nos Blogs uma mescla de conteúdos vindos de um jornalista e, por outro lado, de um blogueiro que é taxista e trabalha com o cotidiano de uma outra forma. Trata-se de uma narração do cotidiano.

Mauro Castro, 43 anos, viamonense, casado, pai de Bruna Castro (blogueira), de 11 anos, que dá as dicas e conhece as ferramentas com mais habilidade que o pai. Ele é taxista em Porto Alegre há 20 anos, com segundo grau completo. Antes da fase "Taxitramas", sua única experiência "literária" foi um pequeno fanzine chamado *SCÓRIA*, editado, ilustrado e distribuído por ele mesmo e por um amigo da vila Intercap, onde mora até hoje em Porto Alegre. Mesmo com pouca participação na vida cultural, na produção de textos publicados, dá para se observar sua profunda intimidade com a cultura, com a música, por exemplo. É músico, tem uma banda que faz apresentações em festas esporadicamente.

A escolha do Mauro Castro se deu porque se trata de um escritor e blogueiro, que tem sua profissão como taxista e passa para o seu diário virtual e para as páginas de um jornal suas impressões do cotidiano. Buscamos trazer ao nosso estudo esses aspectos, que certamente nos levarão aos fenômenos das novas tecnologias, da Internet; acreditamos nisso também porque estaremos

diante da trajetória de um taxista e colunista do jornal *Diário Gaúcho*, em que escreve suas crônicas há quatro anos, mesmo tempo de vida do seu Blog **Taxitramas**.

A fama de Mauro Castro ultrapassou fronteiras, pelo menos no que diz respeito ao seu Blog, pois é acessado em países não só de língua portuguesa. Essas fronteiras, da linguagem, não são empecilho para a rede se disseminar como informação, como troca de idéias ou simplesmente como trocas entre leitores que entram no seu Blog e se comunicam, gerando e dando continuidade aos conteúdos propostos pelo autor. Como motorista de táxi, Mauro se autodenomina um "taxista blogueiro". Ganhou notoriedade pelo uso que faz da linguagem, da escrita, em narrar o imaginário do que está dentro do seu carro e do que se passa através das histórias contadas pelos passageiros. O pluralismo em seus textos é a possibilidade garantida da interação entre os que lêem e os comentários postados no Blog. A definição de Mauro ser o escritor do volante é o que certamente traz uma quantidade enorme de acessos no **Taxitramas**. Os leitores do jornal, esses, já se identificam com o imaginário relatado pelo escritor.

O **Taxitramas** ganhou o mundo do Ciberespaço, atravessou as fronteiras desse espaço e foi registrado pela Mídia, em jornais e redes de tvs. Com seus textos no jornal e no Blog, criou a sua marca na saudação ao final dos textos, "há abraços", forma de se despedir e de saudar a continuidade entre os leitores e o que liga ele aos sentimentos que transmite em suas crônicas.

Mauro Castro é leitor contumaz de romances, crônicas, de romancistas e da ficção do escritor português Lobo Antunes. Isso já o caracteriza como um homem de sensibilidade aguçada para estar lado a lado com o outro autor escolhido. Nada mais sofisticado em sua escolha para fazer o prefácio de seu livro, como leitor das crônicas, do jornalista David Coimbra da *Zero Hora*, sobre futebol, que entram no imaginário do cidadão comum, do cotidiano e das histórias sobre a vida social da cidade em que vive. Eclético, Mauro é um cartógrafo do volante e do Blog.

Marcelo Coelho, 47 anos, escreve semanalmente no jornal *Folha de São Paulo* (Ilustrada) desde 1990. Faz parte do Conselho Editorial da Folha. Paulista da capital, é formado em Ciências Sociais, mestre em Sociologia pela USP, com a dissertação *Brasília e a ideologia do desenvolvimento*. Autor de dois livros de ficção, *Noturno*, editora Iluminuras, e *Jantando com Melvin*, da Imago. Como ensaísta, participou de diversas coletâneas, como *Civilização e Barbárie*, *A crise da razão*, *Poetas que pensaram o mundo* (organizadas por Adauto Novaes, Companhia das Letras). Também é autor de *Montaigne e Crítica cultural: teoria e prática* (Ed. Publifolha), além de dois livros infantis, *A Professora de desenho e Outras histórias*, e *Minhas férias*, pela Companhia das Letras (Companhia das letrinhas).

Marcelo Coelho, escritor, acadêmico, antes de se dedicar ao jornalismo, foi professor universitário. Começou na *Folha de São Paulo* como editorialista, quando da reforma do jornal, em 1984, comandada por Otavio Frias Filho. Já foi coordenador de

editoriais e, a partir de 1990, começou a assinar uma coluna semanal no caderno *Ilustrada*. Autor de um texto que oscila entre a leveza da crônica e o ensaio, Marcelo é um escritor com espírito analítico. Podemos observar que, mais do que a influência acadêmica na escrita, existe no texto do jornalista a linguagem direta, que passa do resenhar ao texto ensaístico e literário no sentido livre da acepção do contexto da escritura. Sua fonte da linguagem e estilo está em combinar o comentário, estilo apropriado à Rede, ao texto de análise sobre um determinado tema. O Cotidiano está presente no texto do autor, porém entra pelo viés sociológico, de uma sociologia mais interpretativa que busca, nos temas abordados, compartilhar com os leitores suas teses lançadas em um estilo nem sempre de fácil acesso. É isso o que diferencia o Blog **Cultura e Crítica do Taxitramas**.

Estamos falando de um autor, o blogueiro (o que nos interessa neste trabalho), que escreve em um jornal com grande tradição moderna de expor questões que vão desde a história, filosofia, literatura, passando pela ciência, até as novas tecnologias. Então, temos um blogueiro que, além de jornalista e sociólogo, sabe fazer essa ponte entre o que está apresentando como notícia, não apenas no sentido informacional, e leva as páginas do jornal com sua opinião fortemente demarcada. Traz temas dos cadernos culturais para o seu comentário no Blog, traz ao cotidiano da Rede sua visão estética e sociológica do cinema, pintura e outros assuntos que lá são abordados.

Temos, como se pode observar, dois Blogs que são lidos por leitores diferenciados e próximos também, e a duplicidade no leitor é o que os traz de volta ao texto. São estilos diferentes de tratar um tema. No Blog do Marcelo, o futebol é analisado com uma preocupação mais sociológica, no sentido da construção dos argumentos, mas mesmo assim, podemos ver que esses argumentos estão no "Mundo da Vida" falam sobre coisas que os leitores estão acostumados a vivenciar. Apenas essas questões são abordadas de forma mais analítica que para alguns possa parecer inacessível a compreensão. No caso do Mauro, a coisa se dá do lado oposto, da forma como o tema é abordado, mas mesmo assim estão tratando do mesmo assunto. Claro, nem sempre os temas se cruzam. Essa diversidade dos dois Blogs é o que desperta e proporciona as leituras diferenciadas e as reflexões, também, diremos, sempre presentes ao leitor e ao autor dos textos.

A escolha dos dois Blogs se deu devido à aproximação temática entre o perfil dos autores e porque os dois escrevem em jornal. O *Blogger* Mauro Castro é um motorista de táxi e colunista de um jornal popular de Porto Alegre que criou o seu Blog. No caso do Blog do Marcelo Coelho, **Cultura e Crítica**, se trata de um jornalista, um colunista que tem seu trabalho no próprio jornal, na *Folha de São Paulo*. O nosso propósito é analisar as semelhanças e diferenças entre os registros. No que tange à nossa análise, esta tese irá requerer um detalhado estudo das fontes, das



linguagens de cada Blog e tudo o que estiver ao alcance dos leitores na Internet. A partir desses dois Blogs, elaboraremos o caminho teórico labiríntico de nossa escolha.

Serão realizadas análises dos textos nos Blogs, tomando de cada autor cinco textos, com dois comentários dos internautas, assim como será feito o detalhamento das intervenções, que servirão de base para a reflexão desse fenômeno na Rede. Do taxista das palavras, buscamos as seguintes crônicas: *Crônica de uma noite fria*, *A diarista*, *A violência banalizada*, *Drogas, mágoas e uma pistola automática* e *É um assalto?*. Através da leitura de seus mais de 170 "causos", relatos em forma de crônica, sejam eles contados pelo autor, vivenciados por ele mesmo, se percebe o quanto o mundo real está próximo do virtual. Também percebemos o que Barthes fala sobre o Diário íntimo, sobre o fato de existir essa leitura do mundo, das coisas, do social, esse registro sobre a vida, sobre as questões que estão aos olhos do escritor. Assim, como temos presente no texto, o que Barthes chama de "um modo angustiado de retardar a solidão fatal da escrita". É o que existe nesses tipos de diários, em quase todos, essa mescla entre a crônica social e o relato intimista ou apenas os registros esparsos de um blogueiro:

Cada época pode efetivamente julgar que detém o sentido canônico da obra, mas basta alargar um pouco a história para que este sentido singular

se transforme em sentido plural e a obra fechada numa obra aberta (Barthes, 1987, p. 49).

A definição se altera em cada relato, em cada texto, a obra se abre ao leitor, ganha forma no conteúdo e se estiliza, entre o acontecer do olhar e o que passa nos passageiros. Isso acaba atraindo as novas leituras, não só o leitor do jornal. Quando ganha o mundo virtual, ganha uma nova linguagem.

As diferenças, a matriz dos textos que origina o fazer de cada texto, são o que nos leva a crer, a estudar, também o perfil de quem acessa os blogs. Do Blog de Marcelo Coelho, escolhemos cinco textos, que serão analisados através da aplicação das categorias e dos cruzamentos teóricos registrados a partir dos temas abordados pelo jornalista. Escolhemos dois textos que têm uma continuidade, a saber: *O esquecimento da política*, Guy Debord, *Os argumentos de Paulo Betti*, *Esqueçam Paulo Betti* e *Paris era ontem*.

Entrar no Imaginário dos Blogs, na produção de sentidos, na cultura, em que a Blogosfera corresponde à passagem, para uma concepção de *comunicação generalizada* empregada por Vattimo às sociedades pós-informacionais é o que pretendemos em nossa pesquisa, que vai desde os estudos sobre a modernidade até o fim da modernidade (não queremos expressar aqui a pós-modernidade como pensamento), como uma tomada de novos valores de uma nova estética a partir da arquitetura.

Vattimo demarca essa época como a superação da modernidade pela própria inatividade de se superar como história, de dar um fim ao presente e de poder se lançar sempre ao futuro. As ilusões existem. Estão no texto e como

De fato, o fim da utopia do resgate estético da existência mediante a unificação do belo com o cotidiano aconteceu paralelamente, e pelos motivos, no fim da utopia revolucionária dos anos sessenta: devido à explosão do sistema, da impossibilidade de conceber a história como curso unitário... A utopia, também nos seus aspectos estéticos, implicava este quadro de referência da história universal como curso unitário (Vattimo, 1992, p. 72).

Temos o retorno ao social. O texto está no Cotidiano, na Socialidade<sup>3</sup> proposta como pensamento complexo que é expresso nos "diários", nas crônicas, como correspondência, comunicação entre o que está dito e o imaginário de cada autor. A linguagem está no interior do discurso do autor, do Marcelo, em seu texto sociológico,

---

<sup>3</sup> Usamos aqui "socialidade" através de Maffesoli quando coloca que a ambivalência não mais poderá ser reconhecida apenas no âmbito do "eu" e que doravante é preciso reconhecer os efeitos no corpo coletivo. Estendemos esse corpo como a comunicação entre as linguagens e nossa tentativa de aproximar, cruzar os falares barthesiano com a socialidade de Maffesoli.

em Mauro, em seu texto mais jornalístico-literário, mais ficcional quando alcança os temas, através das categorias, tangenciando-as. Ora, alcançamos os dois textos que são perceptíveis em certos momentos à luz das categorias. Noutros, temos as categorias se mostrando apenas como imagens noturnas, se mostram acessíveis aos conceitos que procuram dar forma ao que foi escrito.

Podemos observar que problemas epistemológicos poderão surgir com relação aos nossos caminhos metodológicos, a saber, percorrer o *complexus* entre o que Barthes chama de "misturar os falares", em que a escrita se coloca diante de uma "heterologia do saber" e, de outro lado, em Maffesoli, de aproximar a polissemia das questões sociais, da diversidade das falas que compõem o corpo social.

O pluralismo, a nosso ver, está entre as falas, as linguagens, entre os dois Blogs selecionados. Estamos diante de Durand (2001), que chama de "trajeto antropológico". À luz do paradigma da Complexidade, usamos as aventuras do Conhecimento e do Cotidiano como trajetos para a compreensão dos Blogs. Esta conjunção de falas, dos textos, é o que Maffesoli denomina "sinergia dos diversos elementos culturais, sociais, históricos e econômicos do todo social" e que é corpo da socialidade:

Esta conjunção parece estar adequada às grandes características sociológicas do momento. É

possível discriminarmos, separarmos ou reduzirmos um mundo determinado pelo objeto ou pelo objetivo - mas o mesmo não acontece ao que chamarei de 'retorno à vida' (Maffesoli, 1988, p, 246).

Esse voltar-se para vida é o que encontramos nos textos, nos diários, nas crônicas, nos textos que trabalham com as imagens, com as idéias que percorrem esse trajeto da complexidade encontrado em Marcelo Coelho e em Mauro Castro.

Existe em Marcelo Coelho esse olhar investigador, um herme-neuta, atento ao mundo, aos problemas que estão no cotidiano, de hipóteses lançadas sobre os caminhos do Conhecimento e do Cotidiano. O observador é aquele que trabalha com a palavra, seu ofício é diário, matutino e vespertino, uma síntese do tempo, está atento aos acontecimentos. É mais do que ser um escritor que descreve ou imagina a realidade. Está presente em sua impossibilidade de ser puramente, verdadeiramente, um projeto que tem fim. O texto para o Marcelo não se esgota na mensagem. É uma atribuição do seu falar com os leitores, dos falares, com ele e em outros textos que se relacionam. De ter essa similaridade na interação com a própria criação e os canais de recepção para seu discurso.

Outro ponto importante que será desenvolvido trata das linguagens que servem para a análise dos blogs. Não partiremos

simplesmente para a descrição de textos, mas para a análise dos materiais escolhidos, que se mesclam ao cruzar os registros entre os Blogs, entre os fenômenos que existem na Internet e no fazer da notícia, pois estamos diante de uma forma diferente de mídia, não-mediada e agora mais direta. Da mesma forma, procuraremos voltar nossa reflexão sobre as questões que percorrem desde os valores modernos do pensamento contemporâneo aos paradigmas das ciências e das tecnologias na Comunicação.

### **1.3 A Dialógica das Categorias - Fundamentação Teórica**

Começaremos pelo princípio da desordem das idéias, o que Morin nos colocou como uma "desordem organizadora" (2002, p. 60), e pela desordem organizadora através do Paradigma da Complexidade, que nos fornece as bases para a reflexão desse trabalho. De acordo com Morin, "o pensamento complexo se forja e se desenvolve no próprio movimento" (2002, p. 457), e o pensamento liga o que a ele se liga ou supostamente seria antagônico.

Morin vê na linguagem o que é elucidado naquilo que esclarece. Eis o paradoxo cognitivo desvendado na Complexidade:

Assim, tudo se encontra contido na linguagem, mas ela própria é uma parte contida no todo que contém. A linguagem está em nós e estamos na linguagem. Fazemos a linguagem que nos faz. Somos, na e através da linguagem, abertos pelas palavras, fechados nas palavras, abertos para o outro (comunicação), fechados para o outro (mentira, erro), abertos para as idéias, fechados nas idéias, abertos ao mundo, fechados ao mundo (Morin, 2001, p. 210).

A Comunicação é, para Morin, como a descoberta, o alastramento do Conhecimento que também é a perda da certeza e, como ele nos descreve, de "um convite ao metaponto de vista" e que toda a "descoberta de um limite ao conhecimento é, nela mesma, um progresso de conhecimento" (2001, p. 230-231). A comunicação é essa entrada através da contradição e das incertezas que se transformam em "ganho de complexidade", e com isso nos tornamos mais livres para compreendermos as diferenças, por exemplo, de *informação* e *conhecimento* que Morin nos apresenta nos Métodos.

As comunicações formam o tecido social de maneira circundante como nos mostra Morin. Não podemos dissociar o fenômeno de uma célula e a "circulação dos elementos químicos" com o processo de comunicação:

Quanto mais a comunicação se desenvolve, mais a informação se multiplica, mais ela é gasta,

dispersa aleatoriamente a todos os horizontes, em busca de um receptor esperado e seguidamente desconhecido (Morin, 2002, p. 404).

Temos nos Blogs nossa fonte de discussão para a tese, em que a Comunicação se metamorfoseia entre uma epistemologia moderna das Ciências Humanas, pelo paradigma pós-moderno e tendo como seu palco de encenação o novo mundo das Redes digitais. Assim escolhemos, em um primeiro momento, o **Taxitramas**, por seu consumo entre os internautas, *bloggers*, aqueles que usam essa ferramenta para passar suas idéias, sejam elas em forma de textos e não só de conteúdo informacional, como por exemplo, literatura, e o nosso típico gênero, a crônica, mas aqui passa a ser um diário virtual. Nesse diário temos a mescla entre os registros da crônica literária com o diário virtual e que agora poderemos também chamar de *crônica digital* do cotidiano na Rede, que é o caso de Mauro Castro.

A ambivalência dos estilos, das linguagens que se cruzam, para Morin, é que existem mais sentidos para o jogo, para entrar no jogo, a saber, que existe o jogo da vida. Podemos ver nos autores escolhidos essa marca de estar no jogo da linguagem e também de estar no jogo da vida:

Os grandes jogadores esforçam-se por serem fundadores do jogo, tornando-se mestre em



estratégias e astúcias. E o homem fundou a sua soberania no reino animal não só pela arte do utensílio e da arma, mas, também, pelos seus artifícios, que induzem a erro e produzem ilusão (Morin, 2001, p. 446).

Os textos falam das coisas que se dispersam, daquilo que é acometido a linguagem que trava a guerra entre os signos, entre as falas, entre os discursos. Morin nos propõe mergulharmos na vida, nesse caso, propõe que os autores mergulhem em suas idéias.

Em outro aspecto, já mais na busca da filtragem entre a mídia formal, entre os Blogs e a Rede, foi escolhido o Blog de Marcelo Coelho, o **Cultura e Crítica**, esse mais voltado para a crítica e a Cultura. Aqui teremos como amostragem, textos do jornalista que serão um diálogo entre o que chamamos de Comunicação e Conhecimento, uma parte das partes que se fragmenta para nos dar a noção dos diálogos com os leitores da rede.

Morin (2001), em *Duas Globalizações*, nos mostra que a comunicação é medida pelas trocas, pelas conversas, dos solilóquios que se cruzam, dos risos, das palavras convencionais que pontuam os diálogos e gestos que, por vezes, demonstram uma pequena luz. Metamorfoseando suas idéias, diremos que *na vida cotidiana*<sup>10</sup>, a

---

<sup>10</sup> Morin escreve em *Duas Globalizações* exatamente isso: "Na vida cotidiana, a comunidade é bloqueada, atrofiada, desviada - daí o sucesso da comunicação imaginária dos filmes e romances". Usamos suas idéias para mostrar uma nova tendência na comunicação no mundo das Redes.

*comunidade é bloqueada, uma distorção da linguagem formal na comunicação. Aqui estamos diante do fenômeno das Redes, em que emissor/receptor transcendem no efeito causado pelas linguagens das mídias até hoje entendidas, como mídias de informação e geradoras de conteúdos.*

Morin propõe, para que haja a comunicação com o outro, pela mão do "entrevistado", pela voz dele, a dilogicidade entre as partes. Não apenas ficamos entre o que emite e o que recebe. Existem os caminhos, as falas, o silêncio como linguagem, o texto que interpõe entre a comunicação e a informação que é mediada pela compreensão do todo:

Por outro lado, o diálogo fecundo é o diálogo no qual o estranho torna-se um outro eu, em que eu me torno estrangeiro para mim mesmo - processo múltiplo e contraditório que compõe a dialética da comunicação com o outro, a qual não é possível sem a ênfase de uma comunicação de si para si (Morin, 2001, p. 78).

No mundo das redes, teremos um maior fluxo de informação, mas nada disso ainda é garantia de uma "boa comunicação", e não temos aqui o propósito de fazer a crítica ética sobre as Redes. Estamos tratando de refletir sobre a Comunicação, forjada na

relação que existe entre o papel dos Blogs escolhidos, na aplicação das categorias como tentativa de analisar o choque das novas tecnologias nas ciências humanas e na Teoria da Comunicação.

Para ilustramos o ato de comunicar, através da escrita, no caso dos nossos autores, tomamos Derrida, como um teórico que tem na escrita esse papel importante de comunicar, e que os problemas acarretados vão ao encontro da escrita, nesse caso, de ter poderes, de ampliar os poderes de uma comunicação, seja no texto ou na fala, podendo levar a uma "espécie de espaço homogêneo de comunicação", e que:

O sentido, o conteúdo da mensagem semântica seria transmitido, comunicado através de meios diferentes, as mediações tecnicamente mais potentes, a uma distância muito maior, mas num meio, por natureza, contínuo e igual a si próprio, num elemento homogêneo através do qual a unidade, a integralidade do sentido não seria essencialmente afetada. Qualquer afetação aqui seria acidental (Derrida, 1988, p. 405).

Nossos autores passam pela interpretação, pelo crivo, do pensamento Complexo, que através de um sistema de interpretação hermenêutica, ou pelo lado da semiologia de Barthes, certamente estarão nos filamentos da dialogicidade proposta por nosso trabalho

e, como nos mostra Gadamer (1997), a "imagem do representado - é 'sua' imagem (e não a do espelho) que se mostra no espelho" ([144], p. 226).

Para Morin, existem brechas de inteligibilidade no real, e para que o conhecimento deixe de ser apenas uma apreensão do real, haverá uma flexibilidade que transpõe o fato de a informação estar no alcance de todos, mas nem sempre ser uma via em que todos podem interagir. Aqui temos uma interseção da Comunicação com os jogos de linguagens, o que liga uma informação através do entendimento do outro por meio do que se passou como um ato comunicacional. Não temos aqui o processo de domínio da comunicação como análise principal, mas como Morin se referiu sobre o sentido técnico da dominação,

Enfim, se é verdade que toda organização comunicacional supõe um aparelho no sentido que definimos aqui, então o problema da relação entre computação e ação, entre emancipação e dominação, coloca-se em termos fundamentais de organização e de existência para os seres vivos, e dramaticamente para as sociedades humanas (Morin, 2002, p. 295).

Para Morin, necessariamente, é "preciso exorcizar as sombras platônicas, aristotélicas, cartesianas que rondam ainda

o inconsciente do conceito de informação" (2002, p. 436) e, com isso, teremos uma informação complexa que parte para o entendimento de conhecer o conhecimento com múltiplas entradas que contribuirão para a análise e a reflexão de nossa tese na metamorfose da comunicação.

As possibilidades de comunicação, as quais Morin chama de "reinos da falsa comunicação ou da comunicação imaginária" (2001, p. 76), são permeadas pelo espetáculo que satisfaz um público, simplesmente, pelo encanto que causa em uma pessoa, no prazer estético de estar ouvindo ou vendo um espetáculo; e de outro modo, quando sentida na ordem em que se bifurcam o conteúdo e a forma, em que revela e aproxima uma idéia de se estar comunicando pelo diálogo.

É o que Gadamer chamará de "imediatez do ato de linguagem", afirmando que sempre uma resposta está dentro de uma pergunta, e aí teremos a importância da *compreensão* para tornar a comunicação mais livre e libertadora:

O diálogo também é isso: o modo como textos passados, informações passadas ou os produtos da capacidade artística da humanidade nos alcançam. Não se dá aí nada dessa realidade imparcial que é, para o investigador, o conjunto de seus objetos. Tal experiência reside num processo de comunicação que apresenta a estrutura fundamental do diálogo (Gadamer, 2002, [144] p. 171).

O que aqui nos apresenta é a importância de o diálogo existir na Comunicação como livre expressão do que gostaríamos que fosse dito, passado ao outro, mas o que um diz não necessariamente será plenamente compreendido pelo *outro*. Assim, Gadamer nos coloca que toda resposta tem por trás de si uma pergunta, e o que "parece válida também para a comunicação com a tradição histórica. Não só a obra-de-arte que nos fala; toda informação humana que percebemos fala a nós" (2002, [144] p. 172) e que:

A transmissão e a tradição não conservam o seu verdadeiro sentido quando enrijecem no herdado, mas quando se presta como interlocutor experiente e permanente no diálogo que nós mesmos somos. Ao responder-nos e ao suscitar assim novas perguntas demonstram sua própria realidade e sua vitalidade contagiante (Gadamer, 2002, [145], p. 172).

É o que Morin chama de *diálogo fecundo*, em que pode existir uma dialética da comunicação através do diálogo. A produção das imagens, dos signos como uma maneira "vertiginosa" dentro do tecido social.

Na categoria Comunicação, em que nos valem do pensamento complexo, em que avançamos para além de seu estatuto de "também

ser libertadora" (Morin, 2001, p. 76) e de poder ser o início da descoberta do outro através da dialógica existente entre as pessoas, no campo estético, na linguagem, nas ciências e na lógica, nos avanços da cibernética abrindo novas brechas no pensamento contemporâneo, o que será muito bem tomado por Morin ao dizer que o pensamento, "mesmo matemático, não pode ser encerrado na lógica (clássica), mas deve carregá-la na bagagem" (2001, p. 254):

A lógica, portanto, deve estar subordinada ao pensamento que se lança na incerteza. A ruína da certeza suscita o florescimento do pensamento que deve, naturalmente, transgredir a lógica dedutivo-identitário no seu movimento, embora respeitando-a em cada um dos seus segmentos. (...) O pensamento dever ser, de qualquer maneira, translógico, no sentido em que 'trans' significa ir de través, atravessar e transgredir (Morin, 2001, p. 254-255).

Morin afirma que o pensamento progride transgredindo, e assim a Comunicação no século XX foi esse choque das formas de linguagens, das políticas e ideologias, dos Estados, publicizando suas ações, atrelando as liberdades individuais com os desejos que sempre fugiram do alcance de seus limites. Podemos dizer que se buscou a perfeição através da comunicação, mas foi através das

incertezas que a lógica das verdades impostas foram vencidas por uma nova "política da comunicação" 2001, p. 77).

Para Morin, sempre corremos o risco de um excesso ou de uma escassez de informação e, talvez, esse hoje não é mais o ponto a ser refletido em nossa tese, desde que já tenhamos, como informação um instrumento, um meio para a realização das políticas de comunicação. Contudo, lembra Morin, para sairmos do século XX,

Sofremos a influência da superinformação: ora, esta não é absolutamente incompatível com a subinformação. Subinformação: continentes inteiros tornaram-se novamente desconhecidos, as antigas manchas brancas geográficas foram substituídas pelas imensas zonas de silêncio sociológico e político que são, ao mesmo tempo, zonas de informação-ficção (Morin, 1986, p. 31-32).

O que buscamos nesta tese é aproveitar da melhor maneira possível o Paradigma da Complexidade que contribuiu para tirar o pensamento de um eixo instrumentalizado, em que cabiam apenas as reais conclusões advindas das lógicas e do pensamento marcado pelo idealismo aristotélico, ou pelo desinteresse das linguagens científicas realizadas no século XX e depois desmitificado pelo próprio avanço e pela crise dessas ciências.



Como vimos, a relação que existe entre a Comunicação e o Conhecimento é marcada pela diversidade, o que Morin nos esclarece em *O Método 1*:

O desenvolvimento da complexidade requer, portanto, ao mesmo tempo, uma maior riqueza na diversidade e uma maior riqueza na unidade (que será, por exemplo, fundada na intercomunicação e não na coerção). Assim, em princípio, os desenvolvimentos da diferença, da diversidade e da individualidade, internas dentro de um sistema, andam juntas com as riquezas das qualidades emergentes, internas (próprias às individualidades constitutivas) e globais, e com a qualidade da unidade global (Morin, 2002, p. 148-149).

Para Morin, a comunicação constituirá um elo organizacional que se dará através da transmissão e da troca de sinais, e assim poderemos entrelaçar a cibernética no seu controle e comando da informação com os processos comunicacionais que, hoje em dia, escapam desse controle, mas mesmo assim sempre buscarmos um ideal de comunicação. Buscaremos o "uno" (como identidade complexa) que é uma e múltipla. E, nas partes, aquilo que não é percebido tem a sua "dupla identidade". Temos a organização e a diferença, princípios básicos para o andamento da diversidade na comunicação:

A organização de um sistema é a organização da diferença. Ela estabelece relações complementares entre as partes diferentes e diversas, assim como entre as partes e o todo (Morin, 2002, p. 149).

Para o nosso intento de reflexão, interligar o pensamento complexo com a idéia de socialidade (Maffesoli) e aos falares (Barthes), aquilo que vem dos Socioletos, em que possa haver o uso adequado do conhecimento, por via dos canais de comunicação, que vem desde o ato de conversar e de construir diálogos mais formais aos jogos de linguagens. Não poderemos abrir mão do fazer social, da escrita que mistura, que diversifica a linguagem, desta abertura ao Cotidiano, a categoria, que será o caminho para a realização e para a problematização de nossa tese. O Cotidiano nas falas, nos signos, nos discursos que se cruzam, permanecendo ao mesmo tempo "unos" e múltiplos. Permanecemos em uma estetização da vida:

Há um estilo do cotidiano feito de gestos, de palavras, de teatralidade, de obras em caracteres maiúsculos e minúsculos, do qual é preciso que se dê conta – ainda que, para tanto, seja necessário contentar-se em tocar de leve, em afagar contornos, em adotar um procedimento estocástico e desenvolto (Maffesoli, 1988, p. 36).

Em Maffesoli, o Cotidiano será o palco para a linguagem se desenvolver em sua teia de hermetismo, e por meio de facilidades que não faltarão no espaço público ao acontecimento da comunicação. É através do lúdico e do corpo, como desafio, diante da moral, que engessa a linguagem e as ciências humanas, que ele nos fala da, "metáfora do corpo social" (2005, p. 19) que os sociólogos empregam, e que justamente do corpo social há a repulsão e a atração através do contato, da troca coletiva, da experiência mística, do corpo e da socialidade. Primeiramente parte do "corpo pessoal", com sua "sensualidade" e "limitações" para se interligar ao espaço partilhado que se encontra e acaba dividindo como metáfora e como jogo da comunhão das linguagens. É a celebração quase religiosa que tece entre os corpos e, como nos mostra Maffesoli, são:

Todas essas coisas que remetem à interatividade tão cara à teoria da comunicação. Acrescento a interpenetrabilidade dos corpos, cuja importância começa a ser percebida. Com efeito, a atração e a corporeidade andam juntas e, com maior ou menor intensidade, nossas teorias começam a levar em consideração esses fenômenos. Com certeza, essa temática acentua o aspecto táctil da existência (Maffesoli, 2005, p. 19).

Como afirma Maffesoli em outro momento, "corpo em expansão" é o "que se pode compreender em relação ao meio físico" (1986, p.

131), se e, um tempo a comunicação tinha essa força, através da *correspondência*, hoje, teremos outro nome nas novas tecnologias para exemplificar e nomear esse estar-juntos eivado de complexidade de princípios de uma outra lógica que não seja preconizada pela ciência moderna.

Tentaremos mostrar um pouco do que Maffesoli chama de "sociedades mecânicas", em que coloca a modernidade<sup>11</sup> na sua lógica homogeneizadora e que sempre tomou como fundamento "um conjunto de valores diretamente operacionais" (2005, p. 17) e que nos coloca diante das mais reais e irreais convergências entre o que ele chama de "fusão" e "confusão" quando recorre à metáfora dionisíaca:

O mesmo ocorre com as sociedades complexas que, por construção, são fragmentadas e nas quais fervilha uma multiplicidade de valores totalmente heterogêneos entre eles mesmos. Eis o paradoxo: essas sociedades são evidentemente politeístas, embora uma metáfora específica as caracterize e elas produzam um *espírito do tempo* particular. Em suma, sem ter *unidade* possuem uma *unicidade* irrefutável (Maffesoli, 2005, p. 17).

---

<sup>11</sup> Aqui nos valem mais do uso da "modernidade" enquanto período do pensamento Ocidental e não como o contraponto da pós-modernidade, em que Maffesoli é um estudioso e epistemólogo do cotidiano.

O que Maffesoli (1988) nos propõe é um abandono do conceito (como sendo uno), ou seja, procura "constituir uma unidade" que aqui seria uma apropriação por parte da modernidade de fundar o cotidiano com certa facilidade de usá-lo na tentativa sempre melhor de apreender a realidade no seu entendimento mais amplo. De determinar a verdade, o que "deve ser verdade" e tudo "o que escapa ao seu domínio incide em erro e perde o direito à existência" (p. 59). Temos o que ele chama de a lógica do "dever-ser" e podemos caracterizar como conceitual. Para o sociólogo, o cotidiano não é um conceito que se pode "empregar na arena intelectual":

É um estilo no sentido que dei a esse termo, isto é, algo abrangente, de ambiente, que é a causa e o efeito, em determinado momento, das relações sociais em seu conjunto. Dizendo em outros termos, o ar do tempo e a vida sem qualidade são reconhecidos no concreto, porque esse concreto é vivido como totalidade (Maffesoli, 1995, p. 64).

Temos aqui uma separação do conceito de Cotidiano por parte de Maffesoli, levando o termo ao modo de uso da própria palavra em uma perspectiva mais do social, como ele diz, na socialidade em que o cotidiano se torna a rede que liga a linguagem, o corpo e o estar-junto.

Para Morin, os conceitos são metáforas feitas porque sabe que são metáforas. Nada mais metafórico do que falarmos sobre o termo, mas Morin vai mais longe: a "história das ciências é feita de migração de conceitos, isto é, de metáforas", pois

Os conceitos viajam e é melhor que viajem sabendo que viajam. É melhor que não viajem clandestinamente. É bom também que eles viajem sem serem percebidos pelos aduaneiros! De fato, a circulação clandestina dos conceitos ao menos permitiu às disciplinas respirar, se desobstruir (Morin, 2005, p. 117).

Contra os valores burgueses, um novo estilo de vida, da "filosofia da vida", Maffesoli (1995, p. 66) nos dará como exemplo Musil, em "O homem sem qualidades, em que o personagem se rebelará contra a racionalidade instrumental, que repousa na análise objetiva, unívoca da realidade", e que se voltando contra essa racionalidade, a qual enfatiza que todas essas verdades acabam por se fragmentar, separar o que se idealizou ser junto e, com isso, o cotidiano outrora parte do social estabelecido e agora se torna parte das coisas pequenas, do resto, daquilo que a racionalidade jogou fora.

Aqui nos remetemos para o Blog, para a crônica digital de Mauro Castro, ao **Taxitramas**, um laboratório do cotidiano, no qual as palavras se legitimam na diversidade de estilos, como se refere Maffesoli, e percebemos que a legitimação se dá na construção das linguagens, nas possibilidades da compreensão desse cotidiano. Nosso desafio está em fazer a reflexão dessa legitimação, através de um Blog que acaba sendo um fio condutor da informação passada por um taxista-escritor ao mundo das Redes, filtrado por leitores, sejam eles internautas ou profissionais da mídia e acadêmicos, no sentido de compreender essa nova "maquinaria do tempo", nos apropriando de Barthes.

Encontraremos uma profusão de metáforas que se repetem nesse Imaginário do mundo do táxi, que se transpõem para as páginas de um jornal, depois se perdem na Rede, e ali se multiplicam ou se perdem na *blogosfera*. Maffesoli nos coloca,

Portanto, assim como a intuição é um bom meio de apreender o retorno da experiência cotidiana, é possível que a metáfora seja a mais capacitada para receber o aspecto matizado de um mundo marginal cujos desdobramentos ainda são imprevisíveis (Maffesoli, 1998, p. 147).

Neste sentido, a metáfora entra em nosso contexto de tese como uma contribuição da afirmação do Cotidiano empregado por

Maffesoli, e como importante participação que dirá do fato de ela não indicar, "de maneira unívoca, qual o sentido das coisas, mas pode ajudar a perceber suas significações" (1998, p. 148).

A metáfora, em Barthes, para nos fixarmos na categoria Poder, poderá o intelectual se valer da linguagem para combater, para legitimar seu discurso, mas cada vez mais terá que "se refugiar numa clandestinidade de imprensa" (1982, p. 351), assim como os poetas marginais. Em outro sentido de resistência, Barthes mostrou nos anos 80 do século passado, que haveria na França o início de um movimento, chamado de os "novos filósofos", que penetravam nos *Medias* empregando seus próprios métodos, sua linguagem para se tornarem conhecidos ao grande público. Temos aqui caracterizada uma crise do desejo, dirá Barthes, mas antes disso, temos um novo espaço que privilegiará um novo funcionamento social.

O que há é a relação da linguagem com o Poder, a guerra das linguagens, como Barthes afirmou, uma divisão, marcada por uma aparente Comunicação, cujo idioma nacional compreendemos, mas não comunicamos. Nessa guerra das linguagens não teremos a guerra dos sujeitos e, sim, sistemas de linguagens que se enfrentam; não teremos individualidades (Idioletos), mas a linguagem dentro do campo social (Socioletos).

O Poder e a sua relação com as linguagens que se enunciam como parte de um discurso, seja estar dentro da estrutura de uma



linguagem já marcada pela sua definição e relação com o poder, a linguagem ou o Discurso Encrático. Nas linguagens Encráticas, teremos um discurso dentro do poder, um discurso marcado pela linguagem vigente, dos Medias. Por outro lado teremos uma linguagem, um discurso de teor mais livre no sentido de ser mais elaborada ou fora do poder, a linguagem Acrática. Nas linguagens Acráticas, temos sua ruptura com o vigente, temos o sentido *paradoxal*, em que a força da ruptura está presente sobre o pensamento e não sobre a ideologia.

O Poder não muda de mãos simplesmente, mas muda seu estatuto formal de linguagem. Ganha a efemeridade do signo e o que em um ano está presente, no outro, não terá mais importância. Como nos mostra Barthes, o mito deixa de ser o signo desse tempo:

O mito precisa se instalar, adquirir peso, criar tradições. A moda anda demasiado depressa. Já não vivemos a aceleração da História, mas a aceleração da pequena história. É, portanto, precisamente no discurso militante que podemos agora encontrar mitos, porque é um discurso fixo, imóvel (Barthes, 1982, p. 352).

Para Barthes, a falta de um conhecimento do *desejo* é que marca uma crise do *desejo*, em que o *mal-estar* de uma civilização,

no final do século XX, passou a colocá-lo em toda parte e, aí mesmo, se dissipando, não existindo em lugar algum.

Baudrillard, na sua crítica, chamará de obesidade do desejo, que por estar em toda parte, já sem Imaginário, não está em parte alguma, e dirá que existe um espectro do desejo, um poder opaco, perseguindo uma realidade moribunda que, segundo Barthes, lembrará que o sexo estando em toda parte não estará mais na sexualidade.

O único verdadeiro desafio está aí, no domínio e na estratégia das aparências, contra o poder do ser e do real. De nada serve jogar ser contra ser, verdade contra verdade; eis aí a armadilha de uma subversão dos fundamentos, quando basta uma ligeira manipulação das aparências (Baudrillard, 1991, p. 14).

Existirá uma radicalidade das aparências, em que Baudrillard dirá que tudo se torna irreversivelmente masculino e morto. Usa como exemplo Pasolini, em *Saló, ou os 120 dias*, em que o universo do domínio é masculino e só a feminilidade poderá ser um signo da reversibilidade, da possibilidade de haver um jogo como implicação simbólica. O sexo se tornará apenas uma função,

A sedução é da ordem do ritual, o sexo e o desejo são da ordem do natural. Defrontam-se no feminino e no masculino essas duas fundamentais e não alguma diferença biológica ou ingênua rivalidade de poder (Baudrillard, 1991, p. 27).

Para Baudrillard, nessa aceleração virtual das coisas, na era da tecnologia branda como costuma dizer, será o "fim do corpo e de sua história, o indivíduo não é mais que uma metástase cancerosa de sua fórmula de base" (1991, p. 196). Para ele, toda a pulsão será repelida, todo "o núcleo já desnucleizado será jogado no espaço satélite" (1991, p. 197). Existirá através das mídias uma sedução maior, aquela capaz de neutralizar o próprio desejo.

Ora, teremos um ponto importante a ser lembrado, o de que a técnica como domínio passa para além de uma ferramenta mas, também, poderá ser a sua própria cegueira instrumental que abrirá o caminho para o descontrole, através das novas tecnologias, em um novo espaço informacional, que menos garantirá o diálogo do emissor/receptor e em um estilhaço, em um excesso de informação, poderão existir novas formas de comunicação. Isso não será uma afirmação da boa comunicação, mas é o imaginário empobrecido de uma época que toma conta de um real, não menos destituído de seu fim.

O triunfalismo cientificista e o mal-estar de seu jogo, nas questões que contemplam o Cotidiano e o Poder, serão cada vez mais pautados por uma corrosiva vontade de imperar sobre o sujeito.

A Psicanálise fará o seu discurso sobre a cultura e, de acordo com Joel Birman, o sujeito precisa de novas formas de subjetivações para combater a universalidade imposta na modernidade,

Por isso mesmo, Freud pode enunciar, de maneira seca e cortante, que a felicidade jamais poderá ser alcançada por uma fórmula universal - como teria preconizado o discurso iluminista da ciência que prometeu bem-estar para todos -, mas apenas de maneira singular, já que seria possibilitada pela economia pulsional (Birman, 2000, p. 38).

As novas tecnologias não serão o substituto do prazer, mas certamente estão imbricadas no que Barthes nos coloca, que se chega um dia,

(...) em que se sente alguma urgência de desparafusar um pouco a teoria, em deslocar o discurso, o idioleto que se repete, toma consistência, em lhe dar a sacudida de uma questão. O prazer é essa questão (Barthes, 1997, p. 83-84).

No Poder, teremos essa posse do escrever, dirá Barthes, em que existirá o gozo na escrita, nesse domínio, não perverso, mas fazer dele seu uso de estar na frente das coisas, erguendo sua

bandeira, tudo em seu proveito sem servilizar, só para trazer novamente Pasolini, agora em Barthes, que cita o cineasta nos seus três filmes da *Trilogia da vida*:

Penso que antes da ação não se deve nunca, em nenhum caso, temer uma anexação por parte do poder e de sua cultura. É preciso comportar-se como se essa perigosa eventualidade não existisse... Mas penso também que depois, é preciso saber perceber até que ponto se foi utilizado, eventualmente, pelo poder. E então, se nossa sinceridade ou nossa necessidade foram servilizadas ou manipuladas, penso que é absolutamente preciso ter a coragem de abjurar (Barthes, 1989, p. 27-28).

Temos essa passagem do prazer ao poder como parte significativa da Cultura contemporânea e, nas novas tecnologias, isso se manifestará não de forma diferente, mesmo que tenhamos brechas, espaços em que existirá um domínio exacerbado. O seu fim não esgotará as possibilidades de a linguagem encontrar seu desvio de inovar ou de atrelar os discursos para além dos domínios do Poder.

Em 1921, de pais sefardins, Vidal e Luna Nahum, nasce Edgar Morin em Paris. Estudou História, Geografia e Direito, graduando-se em 1942 e, depois, mergulhando em águas do pensamento entre a filosofia, a sociologia e a epistemologia. Antes mesmo,

em 1938, começou a trajetória do homem engajado e não-convencional ao aderir à publicação anarco-sindicalista, *La Fleche*. Depois da invasão por parte dos alemães à França, na Libertação, se torna conhecido como um jovem intelectual de esquerda que tem sua passagem pelo Partido Comunista. Em 1949 deixa de ser sócio do partido e em 1950 entra para a National de Recherche Scientifique (CNRS), centro de pesquisa francês, ao qual seu nome até hoje permanece ligado, e em que construiu livremente sua obra até esse início do século XXI.

Morin, em seus 85 anos, autor de mais de trinta livros, no ano de 2006 completou os 60 anos de seu primeiro livro, *L'An Zero de L'Allemagne* (ainda sem publicação no Brasil), tornando-se um dos mais importantes intelectuais até hoje. Por ser um pensador que trabalha com a idéia de homem na busca da complexidade da vida, com a idéia de pensar melhor os caminhos do pensamento, ele terá pela frente sempre o desconhecido diante das verdades absolutas impostas ou pela ciência ou pelo próprio fazer ideológico das teorias. Recorrer à linguagem não é só uma tarefa dos poetas, Morin o fez a vida toda em sua caminhada epistemológica na construção do Paradigma da Complexidade.

Federico Casalegno, em seu livro *Memória cotidiana* (2006), mostrará que o intelectual Morin, sempre em sua obra, perguntou-se "quem sou eu", não em uma simples "afetação socrática", sempre indo ao encontro do pensar livre, poético e anárquico dos que pensam que o conhecimento deverá ser livre de um sistema fechado:

Os grandes escritores escrevem porque eles não sabem. Então, eles buscam. A escritura abre caminhos desconhecidos. Ela desperta uma memória desconhecida abrigada nos meandros do ser. Questões fundamentais se encadeiam. Só medíocres para pensar que eles escrevem para contar o já sabido. Morin não teme a incerteza. Ao contrário, ele a coloca no centro de sua maneira de ver o mundo. Ele se pergunta constantemente o que é a memória, o espírito, o conhecimento, a vida... A memória, segundo ele, nos mostra que os julgamentos mais rígidos são, em geral, os frutos da ignorância. O culto da certeza vai ao encontro da noção de memória. Julga-se em toda a certeza porque esquece... os erros do passado, a arrogância, as falsas verdades, as revoluções científicas, as mudanças do conhecimento, a imensidão de nossa ignorância: ele sabe que o pensador faz seu caminho ao caminhar (Casalegno, 2006, p. 131).

Morin, ao percorrer seu caminho na complexidade, passou por diversos movimentos sociais, sendo expulso do Partido Comunista Francês (PCF) em 1951 e, em 1956, fundou a revista *Arguments*, espaço aberto para o debate marxista na época, em que a teoria e o pensamento não mais se afastarão de sua visão contra os grupos intelectuais mais ortodoxos do marxismo. Morin, juntamente aos amigos comunistas, Collete Audry, Jean Duvignaud, entre outros, abriram esse espaço para o debate contra o que se denominou "marxismo totalitário".

Morin foi um dos primeiros intelectuais a se dar conta da ideologia, do dogma que tomou conta de uma teoria, de uma causa, dos caminhos trilhados nas ciências humanas no final dos anos 50 com recrudescimento do pensamento marxista vigente. Não se trata aqui de fazermos uma análise do jovem intelectual que rompe com a teoria marxista, até porque Marx influenciou diretamente na sua trajetória intelectual e pessoal na reflexão sobre sua obra principal que é *O Método* (I, II, III, IV, V, VI).

Segundo observou Edgard de Assis Carvalho, sua obra foi e é importante, na introdução do livro *Em busca dos fundamentos perdidos - textos sobre o marxismo* (2004), material este, coligido da revista *Arguments* e traduzido para o português,

(...) marcada por três reorganizações genético-cognitivas e que o conjunto de suas idéias exposto em livros, artigos, entrevistas vive sempre na temperatura de sua própria destruição. Como a dialógica do yin/yang, seus escritos sempre contêm algo que incomoda e, ao mesmo tempo, seduz. O que incomoda é a dificuldade de encaixá-la em qualquer compartimento disciplinar do conhecimento (2004, p. 13).

Essa é uma postura intelectual do homem Morin, do teórico que nas ciências humanas sofreu grandes resistências ao seu



pensamento complexo, ao Paradigma da Complexidade que será a base da construção dos Métodos.

Em 1968, Morin não terá grande entusiasmo com as manifestações estudantis, pois para ele, o pensamento já estaria cercado por uma cortina totalizadora que certamente não significaria a redenção dos homens, mas um alerta aos caminhos que as ideologias estariam rumando na época. Esse ano marcou Morin como o reconhecimento dos movimentos sociais sem o controle, seja por ordem do totalitarismo de esquerda, seja por ordem de uma verdade de que seria apenas um movimento a mais dos estudantes. As mudanças a partir de Maio de 68 foram definitivas ao intelectual.

Morin se pergunta: o que é um intelectual? Para ele, ser intelectual, além de ter "uma significação missionária, divulgadora, eventualmente militante", se define da seguinte maneira:

Assim, Sartre é um intelectual quando escreve *O existencialismo é um humanismo* e quando dirige a revista *Os tempos modernos*. Camus é um intelectual quando escreve *O homem revoltado* e quando faz editoriais em *Combat*. (...) Em um extremo dos intelectuais, há a raça bastarda dos escritores/ escreventes (como dizia mais ou menos Barthes, o escritor escreve pela escritura, o escrevente escreve pelas idéias). E seu meio de expressão mais adequado é o ensaio, gênero híbrido entre filosofia, literatura, jornalismo e sociologia (Morin, 1997, p. 205-206).

Morin se tornou um intelectual, mas o que mais observaremos é sua capacidade de transitar entre o foco do intelectual ao escrevente, pensador do pensamento aberto ao buscar a complexidade a sua obra com o recurso do ensaio, da concisão epistemológica das ciências humanas diferenciada dos demais estudiosos no século XX. A contribuição que as ciências deram a Morin foi mapeada pela Psicanálise, pela literatura e pelo grande senso de ator e observador dos movimentos cotidianos neste século. Afirma Morin que "depois, na caminhada que já descrevi, fiz a ligação entre a retomada de *La Méthode* e os diagnósticos e intervenções sobre o espaço público". Tornou-se, portanto, um homem não atrelado a partidos, mas um militante da vida, um ativista do pensamento livre.

No final dos anos 80, com a queda e colapso do comunismo soviético, as idéias de Morin ganham mais forças, e em 1991 publica seu quarto volume dos Métodos. Depois assume a presidência da Agência Européia para Cultura e da Associação pelo Pensamento Complexo, instituição que cuidará de estudar o pensamento complexo.

Em 1998, Morin foi nomeado por Claude Allègre, então ministro da Educação da França, para coordenar uma comissão de estudos e para que expusesse suas idéias sobre a educação do amanhã. O intelectual aceitou o desafio e escreveu um texto que virou livro, *Os sete saberes necessários à educação do futuro*, em que o ensinar é o princípio básico à condição humana de liberdade, e o compreender está envolto na tarefa do ensinar/aprender.

No início do século XXI, Morin começa a concluir, se é que se pode chamar de conclusão, sua obra mais importante, *O Método*, lançando em 2001, *O método 5 - A humanidade da humanidade. A identidade e*, como escreveu no final deste livro:

O progresso, então, deve aparecer como um trabalho do homem genérico em nível planetário. Por isso, nosso devir planetário necessita de uma antropo-ética e de uma antropolítica que associam a regeneração da verdade genérica e a busca de um progresso regenerado (Morin, 2002, p. 294).

Com isso lançou as bases para *O Método 6*, em 2004, em que fará a religação através da ética de todos os Métodos, e enquanto o Paradigma da Complexidade transita pela "consumição" que George Bataille penetrava na intensidade do vivido, o epistemólogo do presente buscará reconhecer através da incompreensão o compreender por uma via subjetiva nas relações, mostrando que:

A multiplicação das comunicações, das traduções. Dos conhecimentos, diminuindo alguns mal-entendidos, não eliminaram a incompreensão. Os desenvolvimentos do individualismo não conseguiram superar as incompreensões éticas ou religiosas, apesar da multiplicação dos encontros intercul-

turais e do cosmopolitismo crescente (...).  
A comunicação não promove *ipso facto* a compreensão humana. O conhecimento objetivo tampouco. Pois a compreensão, como veremos, sempre necessita de uma disposição objetiva (Morin, 2005, p. 110).

## **1.4 A caminhada metodológica através da Complexidade**

Aqui começamos a trajetória de Morin pelo Paradigma da Complexidade, em que o pensador vai ao encontro dos princípios da organização, se afastando assim das teorias sistêmicas e percorrendo um caminho dialógico como base na ordem/desordem que será o "caosmos". O caminho da transdisciplinaridade é feito a partir dos princípios Sistêmico ou Organizacional, Hologramático, Anel Retroativo, Anel Recursivo, Auto-eco-organizador, Dialógico e Reintrodução.

Em Morin a ordem desaparecerá quando se tratar da trajetória livre dos homens no ato de criar e saber converter o pensamento em seu instrumento para pensar o que antes era impensável. Hoje poderá ser um pensamento que marcará pela linguagem um espiral do conhecimento em todas as suas perfeições e imperfeições que são os atos humanos diante do fazer científico e a construção do Paradigma da Complexidade através de *O Método*.

Com base na Pesquisa Qualitativa, abordaremos a linguagem e a construção de seu *corpus* como sistema aberto e que Bauer (2002) nos coloca como algo importante para o discernimento das linguagens e do pensamento abordado em um trabalho. A nossa preocupação está no fato de fazer a reflexão sob enfoque metodológico da complexidade com a produção intelectual dos Blogs, discutindo as categorias no espaço qualitativo das coletas e aplicação das teorias trabalhadas:

Deveríamos, portanto, pressupor que toda apresentação de resultados de uma pesquisa é um conjunto dos três elementos básicos da persuasão, na medida em que os pesquisadores querem convencer seus pares, os políticos, as agências de financiamento, ou mesmo seus sujeitos de estudo, da autenticidade e importância de seus achados. No contexto de se comunicar os resultados da pesquisa, o ideal científico de uma retórica de pura racionalidade argumentativa, sem *pathos* ou *ethos*, é uma ilusão (Bauer, Gaskell, 2002, p. 28).

Nossa preocupação quando trabalhamos com os textos dos Blogs é buscar a interpretação dos textos e não uma simples coleta de dados. Buscamos nesse trabalho a compreensão da escrita de cada autor e podermos fazer a reflexão sobre o que representa como o texto diante das novas tecnologias. Para isso nos valem

do Paradigma da Complexidade, em que as práticas metodológicas se dão mais abertas às interpretações e não como simples concentração de dados científicos.

Para Bauer e Gaskell, o conhecimento é a base para o sucesso de uma pesquisa, em que o quantitativo assegura sua legitimidade. Mas o que veremos, na nossa proposta de estudar os textos dos Blogs, parte de uma visão mais preocupada em trabalhar a linguagem de cada texto, seja na tentativa de ver os recursos alcançados para atingir um leitor, ou mesmo para cruzar os emissores e receptores através da Rede. Será no sentido de buscarmos uma melhor compreensão e interpretação das novas mídias com os pressupostos da Comunicação:

A prontidão dos pesquisadores em questionar seus próprios pressupostos e as interpretações subsequentes de acordo com os dados, juntamente com o modo como os resultados são recebidos e por quem são recebidos, são fatores muito mais importantes para a possibilidade de uma ação emancipatória do que a escolha técnica empregada (Bauer e Gaskell, 2002, p. 35).

Nossa preocupação está exatamente aí, nos afastamos dos postulados e dos resultados das pesquisas que não passam pelo crivo científico no sentido duro da palavra, mas através da Complexidade transdisciplinar, costuramos um pensar aberto que

vai da problematização do pensamento contemporâneo na Comunicação, das novas tecnologias, até o fazer prazeroso dos textos em Blogs e sua importância em se legitimar com uma das linguagens atuais.

Conforme o que Morin nos mostrou no seu livro, *Introdução ao Pensamento Complexo* (2005, p. 89), toda "a organização, como todo fenômeno físico, organizacional e, claro, vivo, tende a se degradar e a se degenerar". E no Princípio Sistêmico ou Organizacional como um circuito espiral, o que liga ao conhecimento das partes liga ao conhecimento do todo. Quer dizer que partimos de níveis de conhecimento para níveis mais reflexivos, em que o todo só terá importância diante das partes, dos fragmentos, que unimos da organização de conjuntos, mas ao mesmo tempo, passamos para níveis mais desconhecidos, porém importantes para o pensamento complexo se manter vivo nessa trajetória transdisciplinar do trabalho aqui desenvolvido.

No Princípio Hologramático, como em uma projeção, o holograma é projetado em um ponto, em um espaço que se revela de forma de relevo e cor. No pensamento complexo, o princípio hologramático generalizado que Morin formulou

(...) ultrapassa o limite da imagem física construída por laser. Talvez se trate de um princípio cosmológico essencial. De toda maneira, ele diz respeito à complexidade da organização viva, à complexidade da organização cerebral e à complexidade socioantropológica. Pode-se

apresentá-lo assim: *o todo está de certa maneira incluído (gravado) na parte que está incluída no todo* (Morin, 2002, p.113-114).

Morin (1999, p. 114) nos apresenta as riquezas das "organizações hologramáticas" como as partes, podendo ser singulares e originais, e na sua diferenciação apresentando "aspectos gerais e genéricos da organização do todo". As partes, autônomas, são relativas também e podem estabelecer a comunicação entre si realizando trocas organizadas. Quer dizer que a sociedade e a cultura estão presentes no Conhecimento porque fazem parte do todo e, por fazerem parte deste todo, fazem parte da complexidade das relações que esse todo tem diretamente com as partes:

Além disso, nas sociedades complexas que comportam pluralismo e antagonismos (sociais, políticos e culturais), esses antagonismos podem entrar em confronto em um mesmo espírito, aí provocando conflito interior... crise, investigação. Assim, o que está presente no espírito individual não é somente o Todo como subjugação, mas, também, eventualmente, o Todo como complexidade (Morin, 1999, p. 102).

No Anel Retroativo (2003, p. 27), teremos o conhecimento que rompe com o "princípio de causalidade linear: a causa que age sobre o efeito, e este sobre a causa". Já no Princípio do Anel



Recursivo, "se supera a noção de regulação com a de autoprodução e auto-organização".

O Princípio da Auto-eco-organização (Morin, 2005, p. 88) "tem o valor hologramático: assim como a qualidade da imagem hologramática está ligada ao fato de que cada ponto possui a quase-totalidade da informação do todo", que certamente do todo que fazemos parte e sempre está presente nas partes. Para Morin, existe uma visão simplificada que nesse princípio será distinguida:

A visão simplificada diria: a parte está no todo. A visão complexa diz: não só a parte está no todo; o todo está no interior da parte que está no interior do todo! Esta complexidade é algo diferente da confusão de que o todo está em tudo e reciprocamente (Morin, 2005, p. 88).

No Princípio Dialógico, Morin justapõe a ciência com o pensamento em contribuição ao pensamento complexo, ou seja, aquilo que, no primeiro momento, parece ser parte da lógica intransponível, no princípio dialógico estará entre as partes,

O que digo a respeito da ordem e da desordem pode ser concebido em termos dialógicos. A ordem e a desordem são dois inimigos: um suprime o outro, mas ao mesmo tempo, em certos casos, eles colaboram

e produzem organização e complexidade. O princípio dialógico nos permite manter a dualidade no seio da unidade. Ele associa dois termos ao mesmo tempo complementares e antagônicos (Morin, 2005, p. 74).

Morin (2003, p. 28-29), no Princípio da Reintrodução, nos coloca o sujeito como parte desse processo, ou seja, em que todo conhecimento é também parte de uma reconstrução e de uma tradução "por um espírito/cérebro em uma certa cultura e em um determinado tempo".

Procuramos, através do Paradigma da Complexidade, contrastar os níveis de percepção entre o conhecimento e a realidade, como dirá Nicolescu, "A estrutura do conjunto dos níveis de Realidade é uma estrutura complexa: cada nível é que é, porque todos os outros níveis existem ao mesmo tempo" (2003, p. 219).

As possibilidades de escrevermos as palavras de um Blog são partes da diversidade que nos é dada pela "maquinaria de linguagem" no sentido de jogarmos com os signos, de permitirmos que entrem no emaranhado das interpretações em que o pensamento complexo será a brecha e o caminho para fazermos a reflexão dos Blogs escolhidos: o do **Taxitramas** e o **Cultura e Crítica**.

Em Morin, o Paradigma da Complexidade passa por seu caráter transdisciplinar que liga o pensamento às ciências, fazendo um elo do pensar com a teoria. Esse cruzamento entre o fato de

interpretar e o ato de compreender. Talvez seja o que Morin sempre buscou, superar os impasses teóricos com a Complexidade.

Foucault, em seu texto *Nietzsche, Freud e Marx - Theatrum Philosophicum*, aborda essa problemática teórica que nos levou a optar pela teoria da complexidade, em que a interpretação, parece, se basta em si mesma, e em que tudo é interpretação. Na hermenêutica e na semiologia, parecem existir essas diferenças como se fossem inimigas,

Uma hermenêutica que se une a uma semiologia tende a crer na existência absoluta dos símbolos: abandona a violência, o inacabado, a infinitude das interpretações, para fazer reinar o terror do índice e suspeitar da linguagem. Reconhecemos o marxismo posterior a Marx. Pelo contrário, uma hermenêutica que se desenvolve por si entra no domínio das linguagens que devem implicar-se mutuamente, nessa região intermédia entre a loucura e a pura linguagem. E aqui reconhecemos Nietzsche (Foucault, 1980, p. 21-22).

Morin, com a Transdisciplinaridade, procura transpor esse istmo que separa o impasse dos terrenos teóricos da linguagem e do pensamento. Sua proposta vai da diversidade cultural ao pluralismo dos indivíduos, e como nos demonstrou em *Os Sete Saberes necessários à Educação do Futuro* (2000), "é apropriado

conceber a unidade que assegure e favoreça a diversidade, a diversidade que se inscreve na unidade". Na unidade encontraremos a multiplicidade, o caminho aberto para o transdisciplinar. Vivemos em um a época, como afirmou Prigogine (1993), marcada por uma nova racionalidade, em que não mais nomeamos a Ciência e a certeza como pontos de chegada de todas as coisas, e "somos levados a falar da pluralidade de níveis interconexos, sem que nenhum deles possa mais se colocar como prioritário ou fundamental" (p. 37).

Em novembro de 1994, aconteceu o Primeiro Congresso Mundial da Transdisciplinaridade, no Convento de Arrábida, Portugal. Entre os participantes foi tirado um protocolo na intenção de referendar um conjunto de princípios fundamentais das comunidades científicas e acadêmicas de espíritos transdisciplinares com uma carta, a qual consideramos importante ao nosso trabalho:

Artigo 1:

Qualquer tentativa de reduzir o ser humano a uma mera definição e de dissolvê-lo nas estruturas formais, sejam elas quais forem, é incompatível com a visão transdisciplinar (Sommerman, 2006, Anexo).

Em Nicolescu, a palavra Transdisciplinaridade foi usada por Jean Piaget, em 1970,

(...) como o prefixo latino *trans* indica, diz respeito ao que está ao mesmo tempo entre as disciplinas, através das diferentes disciplinas e além de toda disciplina. Sua finalidade é a compreensão do mundo presente, do qual um dos imperativos é a unidade do conhecimento (Nicolescu, 2003, p. 218).

Conforme nos mostrou Prigogine, vivemos o começo de uma aventura, em que a transdisciplinaridade pode nos ajudar imensamente. Na aventura de religar as disciplinas, isso pelo menos nas ditas não *hard sciences*, que certamente contribuem também para as questões que passam à margem do conhecimento das "ciências duras":

Assistimos ao surgimento de uma ciência que não mais se limita a situações simplificadas, idealizadas, mas nos põe diante da complexidade do mundo real, uma ciência que permite que se viva a criatividade humana como a expressão singular de um traço fundamental comum a todos os níveis da natureza (Prigogine, 1996, p. 14).

Em Morin, o sociólogo do presente, a transdisciplinaridade é nascente desde seus primeiros livros. O olhar voltado para as ruínas de um país em o *L'An Zero de L'Allemagne* visto pelo o olhar do outro; ou no seu outro livro, *O homem e a morte*, o olhar mirando o fim, a morte sendo vista pelos os olhos do pensador que

vai da desordem à tentativa de organizar sua teoria. O trajeto pela complexidade em Morin é que ele nos afirma como sendo característico à Transdisciplinaridade, em que todo pensamento novo "embarca em uma aventura na qual corre o risco de morrer" (Morin, 1993, p. 93). O que busca o "sociólogo do presente" é um pensamento transdisciplinar, "um pensamento que se interrompa nas fronteiras entre as disciplinas":

O que me interessa é o fenômeno multidimensional, e não a disciplina que seleciona uma dimensão desse fenômeno. Tudo o que é humano é ao mesmo tempo psíquico, sociológico, econômico, histórico, demográfico. É importante que esses aspectos não sejam separados, mas concorram para uma visão 'poliocular'. O que me move é o desejo de ocultar o menos possível a complexidade do real (Morin, 1993, p. 86).

Para Nicolescu (2003, p.217), a Transdisciplinaridade é uma visão transcultural e transreligiosa, mas o que usaremos no presente trabalho é o caminho que nos leva a uma fundamentação metodológica dos estudos que vão da comunicação ao processo cultural com auxílio do paradigma da complexidade.

Em Morin veremos que o que se tece junto àquilo que fora separado pelo pensamento une-se na idéia de *Complexus*, do pensamento complexo que busca o discernimento, as diferenças e não trata de

separar. O que se distingue acaba ligando as partes entre o todo e, da mesma forma, trata de dar conta das incertezas. Veremos que "o objetivo do pensamento complexo é ao mesmo tempo unir (contextualizar e globalizar) e aceitar o desafio da incerteza" (2003, p. 26) com os princípios que serviram de guias para se pensar a complexidade.

Ao observarmos que o nosso estudo proposto estabelece um espiral transdisciplinar através do pensamento complexo e que a Comunicação tem seis níveis de problematização e tentativas de alcançar sua maior e principal tarefa, a de informar, podemos dizer que isso se realiza no atual estágio de seus avanços tecnológicos?

Depois de ligarmos o Conhecimento com suas implicações no pensamento contemporâneo, agora em uma perspectiva transdisciplinar do Paradigma da Complexidade, nos abrirão os espaços para fazer a leitura e a reflexão dos Blogs com a comunicação?

Como se dão o processo de criação dos Blogs com a velocidade do esquecimento que as novas tecnologias nos apresentam? Como o Cotidiano pode servir para religarmos a idéia de *socialidade* com as propostas para um novo saber e experimento das tecnologias através do pensamento complexo?

Entrar no imaginário dos Blogs, na *blogosfera*, na ordem e na desordem das linguagens, o Poder, a sensação de encontrar o

melhor diálogo que vai do silêncio da informação vazia ao ato de comunicar, poderemos pensar em uma nova etapa de comunicação?

Como poderemos refletir sobre os Blogs no sentido de sua linguagem ser parte do social e ao mesmo tempo fazer parte do processo comunicacional, que são Socioletos e como será reconhecida como uma linguagem que legitima um discurso?

Estamos diante da possibilidade de fazermos a reflexão da comunicação, de problemas que dizem respeito às teorias da comunicação, mas seguiremos um dos tantos caminhos epistemológicos, iremos ao encontro do Paradigma da Complexidade.

Nossa proposta passará pelo conceito de Comunicação e Conhecimento em Morin e, como base sociológica, usaremos o Cotidiano, que Maffesoli emprega com grande propriedade teórica, desvencilhado de um pensamento mais moderno, já em uma perspectiva pós-moderna.

Na mesma escolha, buscamos em Barthes a categoria Poder para fazermos o elo e a relação do pensamento complexo com a nossa proposta de realizamos a reflexão dos Blogs, com suas possibilidades de exercer toda a sua legitimidade diante dos novos temas que existem no pensamento contemporâneo.

Para Barthes, o campo do escritor é a própria escrita e, na linguagem dos Blogs na Internet, o seu estatuto como linguagem demarca também uma forma de comunicação. Mesmo que entremos nos discursos da linguagem Encrática e na linguagem Acrática, iremos



observar que o que legitima hoje os Blogs são seu poder na blogosfera, não mais na representação da própria tentativa de comunicar, e, sim, no desejo de estar em um mundo comunicacional onde todos buscam o poder como informação e também como forma do jogo, da simples maneira de estar no prazer do jogar e estar participando.

## 2. O CAMINHO DA COMPLEXIDADE NOS BLOGS

A midiaticização da cultura, por um lado, foi o processo da democratização das sociedades; por outro, foi o controle invisível que tomou conta dos saberes e das vontades. Os Blogs representam essa democratização e também um certo tipo de arrefecimento de certas linguagens que antes comandavam os estilos e os conteúdos na Comunicação.

Os caminhos foram abertos pelo Paradigma da Complexidade e, com eles, podemos entrar nas teorias, nas discussões acerca da Modernidade, da Pós-Modernidade e desenvolver nossas questões levantadas na proposta desta tese. As Categorias sugeridas aqui serão empregadas no estudo dos Blogs, através do olhar complexo, da Transdisciplinaridade que existe nesses cruzamentos de categorias e nas categorias que podem surgir *a posteriori* simultaneamente com a nossa reflexão.

Como um explorador, viajante e leitor, entraremos nos Blogs dos dois autores, com a certeza de não haver a verdade das teorias como razão para esta tese, e, sim, navegaremos pelos Blogs na busca das incertezas, justamente aquelas que Morin vê como base para nossas convicções.

## **2.1 A Complexidade no Blog "Cultura e Crítica", de Marcelo Coelho**

Uma das preocupações que teremos ao abordar o Blog do Marcelo Coelho está na escolha dos temas, dos textos postados e que procuraremos ampliar ao máximo de acordo com o nosso propósito que é fazer a reflexão através da Complexidade de Edgar Morin. O conteúdo e a forma, marcas da linguagem jornalística, aqui, entram como o que Morin denomina de uma "Sociologia do presente", em que o acontecimento nos leva para os limites da análise dos conteúdos, a forma adquire um caráter de profunda importância, de necessidade para compreendermos a extensão de sua linguagem.

Cinco textos foram selecionados e serão analisados, através da aplicação das categorias, dos cruzamentos teóricos e registros que buscam na Complexidade encontrar as categorias com mais clareza. Algumas questões serão levantadas nesse espaço, a saber: se os Blogs são apenas diários registrados na Rede, se são mais

uma forma de conversação, que pode ser mediada ou não, ou que não passam de reveladores signos sem nenhuma importância aos internautas? Divagações de um tempo em que a espetacularização dos acontecimentos são os requisitos para a sua permanência e, mais tarde, esquecimento, pois um novo registro, impressão nova, novo texto estará sendo abordado? Essas questões estão presentes nos dois Blogs que escolhemos para dialogar, através do Paradigma da Complexidade, de Morin, em consonância com as outras categorias propostas por esse trabalho.

Marcelo Coelho, que escreve na *Folha de São Paulo*, tem a sua trajetória marcada pelo jornalismo de opinião, crítico, e agora no Blog, **Cultura e Crítica**, levando o jornalismo à Rede. Intérprete de temas que vão, desde os culturais e políticos ao de cinema e artes plásticas nessa imensa blogosfera. Esses temas passam pelas possibilidades de conexões com o outro lado do Planeta, de um monitor que separa o texto não apenas pela diferença das línguas, mas essas mesmas possibilidades de se conectarem podem produzir o estranhamento no que está escrito e no que se lê.

Morin trouxe alguns temas para discutirmos que são referentes à cultura nos anos 70 com grande propriedade, buscando-os nos acontecimentos históricos. Nas experiências a partir da derrocada dos valores científicos que já estavam estampados nas

relações sociais, na aproximação do saber à Cultura<sup>1</sup> – aqui identificada como uma categoria *posteriori* – que é produzida no Cotidiano e nas transfigurações de valores quando escreve que precisávamos:

Considerar a cultura como sistema que faz comunicar - em forma dialética - uma experiência existencial e um saber constituído.

(...) É claro que as culturas se diferenciam, não apenas pela amplitude do campo, mas pelo código, pela infinita diversidade dos modelos, e, mais profundamente, pelas formas de distribuição e de comunicação entre o real e o imaginário, o mítico e o prático (Morin, 1977, p. 77-79).

Para Morin, quando demonstra que o pensamento Complexo seria o ideal para mantermos o diálogo entre as ciências, entre os problemas referentes à teoria da comunicação e para ciências humanas, e com isso compreendermos que por vivermos em uma “realidade multidimensional” e por estudarmos, separadamente, é

---

<sup>1</sup> Temos aqui categorias que não foram adotadas como a priori, mas que surgem como análise de relevância complexa a esta tese. Nosso propósito é poder contemplar o tema escolhido com os referenciais teóricos que o Morin usa em sua trajetória pela complexidade.

que precisamos juntar as partes ao todo e o todo às partes. O reducionismo das Ciências em pouco nos tirou da problemática em questões, como a relação entre o Conhecimento e o que se é conhecido. Ele propõe passarmos de uma visão "linear" a uma visão "circular" para entrarmos na complexidade da vida:

Compreender a unidade e a diversidade é muito importante hoje, visto estarmos num processo de mundialização que leva a reconhecer a unidade dos problemas para todos os seres humanos onde quer que estejam; ao mesmo tempo, é preciso preservar a riqueza da humanidade, ou seja, a diversidade cultural; vemos, (...) que as diversidades não são só a das nações, mas estão também no interior destas; cada província, cada região, tem a sua singularidade cultural, a qual deve guardar ciosamente (Morin, 2003, p. 18).

Com isso, nos voltamos ao texto escolhido, com as possibilidades de ver na diferença entre o autor, jornalista, Marcelo Coelho, que não apenas registra o tempo, o Cotidiano, mas procura ir ao encontro dos sentidos, das imagens, dos fatos que são analisados e lançados aos leitores do blog e do jornal.

Ao entrarmos no blog **Cultura e Crítica** dá para vermos que o autor tem o cuidado de trabalhar todos os temas em uma perspectiva

crítica, isso quer dizer, em uma perspectiva de investigação, como dirá Barthes (1989) sobre a hermenêutica que mais "perscruta" do que a Semiologia que "pinta". Para o jornalista que vai ao encontro dos acontecimentos, dos temas escolhidos, o que lhe importa é registrar e refletir com o leitor de uma forma, em que seu texto apareça mais com a força de seu argumento, na tentativa de discutir, apresentar soluções, não pelo filtro do julgamento, mas pela lente crítica do investigador.

Podemos dizer que o jornalista entra nos conteúdos, também, como um fenomenólogo, porque procura, através da linguagem, rediscutir os acontecimentos, partindo do fenômeno e indo à resolução deles não pelo seu dado fenomenal, mas por aquilo que representa no momento que está posto. Sobre a Fenomenologia, de estar no mundo da vida, de não ser parte ou busca para um fim, Lyotard afirma:

O fato de a fenomenologia se ter situado a si própria na história e de, Husserl, se ter identificado como oportunidade de salvaguardar a razão que define o homem, (...) mas por uma reflexão acerca da história presente, mostra que não compreendeu a si própria como uma filosófica ao tempo ou como um saber absoluto que resume uma história acabada (Lyotard, 1986, p. 100).

O mundo é uma hiperesfera, que conecta as tecnologias do Blog com o texto de um jornalista, que mescla as abordagens temáticas que normalmente não seriam abordadas na imprensa, na mídia mais tradicional. A Complexidade em torno do que o jornalista passa com seu texto e com aquilo que representa em sua análise para o leitor passa pela a dialogicidade do conteúdo. O espaço acumulado em datas, em arquivos faz do Blog **Cultura e Crítica** um grande livro fragmentado, em que o leitor poderá começar tanto pelo lado cronológico, como por temas propostos pelo autor. Tudo está ao dispor dos leitores que navegam pela Blogosfera e que mesmo que façam os comentários, a importância do texto se dá na linguagem Acrática que é a está na escrita como "falares" ficcional:

Finalmente, só a escrita pode desfraldar-se sem lugar de origem; só ela pode neutralizar toda a regra retórica, toda a lei de gênero, toda a arrogância de sistema: a escrita é atópica; em relação à guerra das linguagens, que não suprime, mas desloca, ela antecipa um estado de práticas de leitura e de escrita em que é o desejo que circula, não a dominação (Barthes, 1984, p. 104).

Começamos pela análise do texto *O esquecimento da política*, o qual deu o nome a um ciclo de palestras no Rio de Janeiro de que Marcelo Coelho participaria como palestrante. Cabe aqui refletirmos



sobre esse alcance do tema de um debate, pois "o esquecimento da política" poderá suscitar discussões na sociedade, nos formadores de opinião, no caso do jornalista e blogueiro Marcelo Coelho e nos seus leitores. Metaforizando Barthes, a política é grosseira, a vida é sutil e, para corrigirmos esse distanciamento, o que nos interessa são os problemas sociológicos comunicacionais aqui colocados, também diríamos, a literatura em questão destas reflexões sobre a Comunicação e as conseqüências indeléveis de que a técnica não dominou por completo o homem,

(...) a literatura faz girar os saberes, não fixa, não fetichiza nenhum deles; ela lhes dá um lugar indireto, e esse indireto é preciso. Por um lado, ele permite designar saberes possíveis - insuspeitos, irrealizados: a literatura trabalha nos interstícios da ciência: está sempre atrasada ou adiantada com relação a esta (Barthes, 1989, p. 18-19).

Com a Complexidade de Morin, com os caminhos propostos pela dialogia dos textos produzidos pelo jornalista, iremos aproximar a escrita aos comentários postados no Blog. O conhecimento nunca é por inteiro completo, se olharmos pelo viés da Complexidade que nunca se fecha, ou se reduz ao pensamento, que pretende "conhecer o todo se conhecêssemos as partes" (Morin, 2004). Esse

conhecimento desconhece o fenômeno que Morin qualifica como "sistêmico". Partimos de um método às avessas, de Morin, da Complexidade, à Transdisciplinaridade do próprio pensamento complexo, o que propomos aqui como o imaginário do cotidiano de Maffesoli e o texto de Barthes.

O que observamos, no crepúsculo do século XX, são as rupturas visceralmente vistas claramente, abandonadas pelo esquecimento do presente, recuperadas no cotidiano, mas que já nascem em forma de mito<sup>2</sup> – empregamos aqui como uma categoria *a posteriori*, no sentido de advir da cultura de massa e que está a todo momento nascendo dos medias e das novas tecnologias –, de um tempo que não se preocupa mais com o esquecimento, a não ser, com temas relevantes do século XX, que por muito povoarão nossas cabeças, a saber, política, cultura e cotidiano.

O que sempre separou e compartilhou os saberes foi a idéia de ter uma Ciência que desse conta de todas as coisas, da razão que procurou, por muito tempo, fechar o cerco sobre as possibilidades e as impossibilidades dos problemas sociais e humanos. Morin contra esse excesso acrescenta que:

---

<sup>2</sup> Usamos Morin para contextualizar o emprego da categoria Mito quando ele fala que o mito está relacionado diretamente com as expressões de "idéia-força" que é o caso da estrela de cinema: "É característico do mito inserir-se ou encarnar-se de qualquer maneira na vida" (Morin, 1980, p. 106).

A especialização abstrai, extrai um objeto de seu contexto e de seu conjunto, rejeita os laços e a intercomunicação do objeto com o seu meio, insere-o no compartilhamento da disciplina, cujas fronteiras quebram arbitrariamente a sistematicidade (a relação de uma parte com o todo) e a multidimensionalidade dos fenômenos, e conduz à abstração matemática, a qual opera uma cisão com o concreto, privilegiando tudo aquilo que é calculável e formalizável (Morin, 2004, p. 24).

Temos, em Vattimo (2004), uma contribuição sobre a teorização dessas questões como a Filosofia contemporânea de praticar "a filosofia mais como discurso poético do que como argumentação racional" e, em Sloterdijk (1999), que dá o seu parecer sobre o tempo que se encerrou de que a era programática que estaríamos vivendo marcou o pensamento do século XX:

Aqui deve interessar-nos somente seu sentido político secundário. É suficiente saber que epocalizações de sucesso são frases políticas porque reinterpretem o status das coisas no tempo. Numa cultura monoteisticamente condicionada, declarar que Deus está morto implica um abalo em todas as referências e o anúncio de uma nova forma de mundo (Sloterdijk, 1999, p.58-59).

Vivemos na malha complexa de um tempo em que a teoria se afasta do dualismo, parte para os estilhaços do que sobrou, sem se preocupar com os fins, por isso, o esquecimento em muitos soa como se fosse um domínio ainda da perda do controle da razão. Marcelo Coelho observa, com acuidade, essas perdas, mas não sem antes reconstruir seus ideais modernos de ainda o político estar em cena.

Tal qual Derrida<sup>3</sup> em entrevista ao livro *Memória do Presente* (2003), Marcelo Coelho, em seu Blog, discute e propõe reflexões nesse novo espaço. Através da Internet ele reflete com os leitores internautas como se fosse uma desconstrução da Mídia tradicional à Rede. Temos essa preocupação lançada em temas, como *O esquecimento da política*, em que o jornalista coloca em debate um tema que normalmente é lido apenas de um lado, sem ter a repercussão desejada no jornal e que no Blog poderá obter.

---

<sup>3</sup> Memórias do Presente, Vol. 2. Org. Adriano Schwartz. Derrida fala sobre a importância do intelectual e a mídia. A relação que existe entre os dois e os efeitos causados sobre o que é dito na mídia. Descreve o excesso de monopolização e com isso propõe uma "transformação do espaço da mídia". Essa entrevista fora concedida em 1995 e aqui podemos observar o quanto a velocidade das idéias foram rápidas em relação aos efeitos da internet e sua extensão propagadora de novos temas.

## O esquecimento da política

Começou no Rio o ciclo de palestras sobre "O Esquecimento da Política", de que participo no próximo mês. O sociólogo Francisco de Oliveira reafirmou a tese, há algum tempo exposta em entrevista à Folha, de que no mundo globalizado a política se tornou "irrelevante".

Os Estados nacionais são hoje incapazes de fazer política econômica, com a subordinação das suas finanças ao sistema mundial. A arena dos conflitos locais, em cada país, enfraqueceu-se, e com ela o papel dos sindicatos e dos partidos. "Na ausência da política, o que acontece? O que estamos vendo. Uma sociedade de mônadas. Não existe mais sociedade, mas indivíduos. Nem indivíduos, mas mônadas, sem capacidade de intervenção", afirmou Francisco de Oliveira, segundo reportagem da "Ilustrada" de hoje.

Na publicação que resume as intervenções do ciclo organizado por Adauto Novaes, o texto de Francisco de Oliveira acrescenta:

*Este é um fenômeno mundial que na periferia capitalista tem efeitos devastadores; daí que, ao invés de concordar com a irrelevância da política, deve-se mais do que nunca ressaltar a sua importância, a importância de reinventá-la, e por isso os caminhos são muito parecidos, na essência, com os propostos por Evo Morales e Hugo Chávez. As formas particulares vão ser dadas*

*pela situação e pela correlação de forças políticas de cada país. Ou retomamos a política, ou estaremos condenados à velha situação de satrâpias do Império e dos Impérios.*

Há muita coisa discutível nessas afirmações. Tento sistematizar algumas críticas, enquanto preparo minha própria palestra nesse ciclo. Imagino que não seja deselegância minha.

Não fica claro, nesses trechos, se o fenômeno da irrelevância da política já se consolidou ou se está em vias de consolidar-se. Se já se consolidou, as propostas de Chávez e Morales estão fadadas ao fracasso: seriam delírios de rebeldia. Como as finanças nacionais estão subordinadas ao sistema internacional, este esmaga qualquer coisa que se insurja contra o seu domínio.

Mas, se as políticas de Chávez e Morales têm futuro, então não há como falar em irrelevância da política nem numa situação diferente daquela que sempre existiu sob o capitalismo. Romper com o mercado internacional é difícil, mas sempre existiu e existirá quem tente: Lênin, Mao, Fidel, e agora Chávez e Morales. A política não é nem mais nem menos irrelevante do que em 1917.

Nesta hipótese, Chico de Oliveira aponta não propriamente a irrelevância da política, embora uma parte importante de sua tese subsista: partidos e sindicatos estão enfraquecidos em toda parte. Desse modo, uma nova forma de intervenção

revolucionária, anticapitalista, deve ser pensada. Quem seriam seus protagonistas? Se a sociedade está ou está em vias de compor-se apenas de indivíduos isolados, ou "mônadas", não haveria massas a mobilizar. Mas há governantes como Chávez e Morales. Para levar adiante suas alternativas ao capitalismo, podem então voltar a mobilizar as massas, reconstituí-las sem partidos ou sindicatos. Ou então governar sem mobilizá-las diretamente, levando adiante seu programa de forma mais "administrativa", a partir do Estado. Nos dois casos, não vejo muita originalidade ou "reinvenção" da política, de suas habituais formas latino-americanas de relacionamento entre líder e população, entre Estado e sociedade.

Faço esta análise utilizando termos razoavelmente neutros. Pensar em Morales e Chávez como modelos é algo de que discordo integralmente. Pretendo desenvolver uma discordância mais profunda, entretanto: não acho que estejamos vivendo um "esquecimento da política". Acho que está em crise um tipo de política, baseado na disputa ideológica entre partidos pelo poder do Estado. Mas num sentido mais amplo a política está tão ou mais presente do que nunca.

O fato de o político sempre estar presente, como também está no seu excesso da superinformação, é o que nos leva a buscar aquilo que Morin chama de "imensas zonas de silêncio sociológico", é ver no Paradigma da Complexidade a categoria Comunicação, como

um meio de se ter a melhor compreensão sobre temas que envolvam as discordâncias entre as idéias relacionadas à política. Estamos diante do Conhecimento, que nos é apresentado no texto não como "mônadas", seguindo o raciocínio do Marcelo Coelho, mas sim como pertencente a um tecido *complexus* proposto por Morin. É o que temos para a realização de uma melhor relação entre o que é o dialógico e o que deixou de ser apenas parte da Comunicação entre o texto e o leitor.

Os discursos tomam forma no Poder, na linguagem Enocrática, que determina um enfoque temático, político, mas que, ao mesmo tempo, está em um espaço de Mídia convencionalmente agora chamada de mediada. Percebemos que está, também, em uma Mídia não-mediada, ou seja, que passaria para um discurso de linguagem Acrática. O que se vê no texto do jornalista não é essa intenção, mas seu nível de compreensão ultrapassa os níveis de linguagens antes usados nos medias tradicionais.

Temos, a Globalização<sup>4</sup> que a identificamos ao Morin, quando coloca o fenômeno mundialização como uma categoria *a posteriori*, que mesmo em grande escala não acabou com o "político", no

---

<sup>4</sup> Retomamos o conceito empregado de "globalização" por Giddens e também por Morin quando usa "mundialização" para explicar o fenômeno "dos meios de comunicação e das novas tecnologias (informática, internet, fax, e-mails, telefones celulares, tecnologias digitais...) na consolidação e difusão desse estado das coisas".



sentido do fazer, do pensar, mas a política nesse tempo, no Estado, não mais no sentido de ideal, mas na sua constituição abstrata:

Mesmo assim não reduzo a globalização ao fator comunicacional, pois a comunicação não existe sozinha e está sempre em relação com outros problemas (Morin, 2004, p. 11).

Para Marcelo Coelho, a política faz parte do debate intelectual na Mídia e tem seus tecidos inabaláveis, o Estado ainda proporciona os valores nobres que vão do social ao indivíduo, e a Ideologia - surge aqui como categoria *a posteriori*, que buscamos em Morin -, permanecendo como ideal para o bem-estar das pessoas. Para Morin, as idéias são sistemas que se corroboram para as ideologias existirem, como propagadoras de realidades, de interesses que podem estar tanto na diversidade como em uma perspectiva totalitária.

A informação está no domínio dos acontecimentos, diria um pensamento Uno, monoteísta? A informação é mais instrumento, uma ferramenta, que para a Teoria da Comunicação ainda causa análise, mas sob os olhares da Complexidade. Informar passou para o plano da formação educacional, cultura, as diversidades destas técnicas acabaram, por muitos teóricos, sendo abandonadas, jogando-as ao limbo de um realismo cético, além do frankfurtianismo.

O dissenso, para Lyotard (1988), na composição de jogos de linguagens e de uma agonística da linguagem, ou em Barthes como combate das linguagens, na compreensão de um tempo, passa pelo entendimento dos paradigmas. Buscamos o que Lyotard chama de o "vínculo social", que é feito de "lances de linguagens" (p.18). Assim, a Modernidade – aqui aparece como uma categoria a *posteriori* e a empregamos na concepção de Vattimo, como um projeto da superação –, passou o tempo todo, através dos métodos, buscando a completude, filosoficamente e cientificamente sem descanso, a fim de fechar o anel-teórico com seus conceitos.

A crônica em Marcelo Coelho cruza esse tempo a todo instante, o eterno instante da duração das idéias, e a crônica já não é um simples espaço para relatar o cotidiano apenas. A crônica aparece não como uma tentativa de superar, de buscar sempre o novo, mas de se renovar no próprio embate que trava com as idéias em seus lances de linguagem. Aqui a crônica, vista dentro do olho do furacão epistemológico da Comunicação, é vista como espaço das possibilidades, o que afirma Barthes, das linguagens Encráticas e Acráticas. Temos a força, o poder discursivo da ficção:

Desde a retórica antiga definitivamente estranha ao nosso mundo da linguagem, nenhuma análise aplicada pôs ainda a descoberto as armas do combate de linguagem: não conhecemos bem, (...) a

estratégia daquilo que chamarei a nossa *logosfera* - embora não haja dia em que cada um de nós não seja submetido a intimidações de linguagem (Barthes, 1984, p. 102-103).

Essa aproximação das linguagens, dos textos, é o que parece legitimar a nossa tentativa de reflexão do jornalista, do intelectual ao propor uma discussão sobre as conseqüências do esquecimento político e como um investigador busca uma saída ainda crítica e moderna para o tema. É o que Bernard-Henri Lévy (1988, p. 64) sugeriu de o intelectual "ser o debate", de ser a "própria prática do debate".

O segundo momento está na crônica *Guy Debord*, um verdadeiro álibi das idéias do jornalista para ser lançado no Blog, como provocador das reflexões. Tema difícil para alguns? Pouco importa ao jornalista isso, porque ainda na blogosfera, nesse imenso painel da Rede, o que está ali tem seu, quase sempre, desejado pelo autor de causar o acontecimento da leitura. Não importa o quanto é comentado, mas é claro, o número de acessos ainda é visto de forma quantitativa, mas o comentário se dá de forma participativa, de texto e não mais apenas de leitura. Uma linguagem a mais para diferenciar a Comunicação dos medias, a tecnologia que os separa, a Rede.

No texto de Marcelo Coelho sobre Guy Debord, teremos um dos mais apoteóticos textos sobre o ensaio do aforismo em Debord,

a unidade está no fragmento, no legível texto proferido em densos blocos entre os discursos que, por vezes, Encráticos, algumas Acráticos. O efêmero está no tempo, não apenas da Pós-Modernidade – que aqui aparece como mais uma categoria *a posteriori* –, mas já vem da Modernidade, na tentativa de preencher o vazio não mais com o trabalho, mas com outros signos.

Na Pós-Modernidade um dos signos que passamos a adotar é o presente. O estar-junto já não é mais projetivo, isto é, não se busca mais o futuro como o ideal moderno sempre quis. Temos a passagem do futuro para o presente. Nada mais nietszchiano. O presenteísmo é o resultado do esgotamento moderno de conceber o político e o social. O voltar para o presente é circular. Fenomenológico porque faz do mundo sensível um caminho para compreender o senso comum:

De um modo fenomenológico ou compreensivo, talvez se deva considerar o senso comum não como um momento a ultrapassar, não como um 'pré-texto' que prefigura o texto verdadeiro que pode ser escrito sobre o social, mas como algo que tem sua validade em si, como uma maneira de ser e de pensar que basta a si própria e que não carece, quanto a isso, de nenhum mundo preconcebido, fosse qual fosse, que lhe desse sentido e respeitabilidade (Maffesoli, 1998 p. 161).

Estamos agora longe de um futuro prometido, distante das certezas, da verdade, e a linguagem aforística é o recorte para o entendimento de todas essas coisas, muito mais ainda na luta contra o que Maffesoli (1998) chama de brutalidade da razão.

### **Guy Debord**

"A Sociedade do Espetáculo", de Guy Debord. Para um livro escrito em 1967, é admirável o que tem de profecia: "O sistema econômico fundado no isolamento é uma *produção circular do isolamento*. (...) Do automóvel à televisão, todos os *bens selecionados* pelo sistema espetacular são também suas armas para o reforço constante do isolamento das "multidões solitárias". O espetáculo encontra sempre mais, e de modo mais concreto, suas próprias pressuposições."

A idéia é que cada indivíduo, na sociedade contemporânea, é resultado de um processo de isolamento mais antigo, o do sistema de produção industrial. Antes, um artesão ou camponês trabalhava em conjunto com seus iguais. No moderno sistema industrial, ele produz apenas uma peça de um produto, num processo que não controla. Como David Riesman, em "A Multidão Solitária" (ed. Perspectiva), Debord vê o tempo livre, o ócio dos indivíduos, como nada mais que um outro "turno de trabalho" a serviço do capital. Automóvel e televisão são formas de isolar uma

pessoa da outra, deixando-a passiva diante da contemplação de poderes que ela não controla.

Profético, sem dúvida, porque o computador exacerba esse isolamento.

Mas incomoda no texto de Debord o estilo abstrato-filosófico que ele adquiriu das leituras de Hegel e do jovem Marx: "O espetáculo, como a sociedade moderna, está ao mesmo tempo unido e dividido. Como a sociedade, ele constrói sua unidade sobre o esfacelamento. Mas a contradição, quando emerge no espetáculo, é, por sua vez, desmentida por uma inversão do seu sentido; de modo que a divisão é mostrada unitária, ao passo que a unidade é mostrada dividida."

Frases desse tipo seriam a aplicação de um modelo teórico? Seriam fruto de uma necessidade de exatidão conceitual? Ou - é o que me parece - seriam antes um pastiche, um simulacro, de Hegel?

Morin, nos anos 70 do século passado, escreveu de forma precisa que o acontecimento seria a novidade, um "acontecimento-informação" (1977), em que o ruído é o resultado desestruturante das informações fornecidas diariamente pelos medias. Na época, a Imprensa, mas poderíamos transpor essa linha de tempo e a informação na leitura de Debord atualmente. Na sua crítica poderemos pensar como Morin,

(...) e a este propósito é a informação que perturba os sistemas racionalizadores que se esforçam por manter uma relação de inteligibilidade entre o espírito do receptor e o mundo. Donde o caráter metodologicamente sadio do acontecimento, na medida em que ele dá origem a uma ou várias questões, e em tais condições abala a estrutura racionalizadora. O caráter questionador do acontecimento põe em movimento o ceticismo crítico (Morin, 1977, p. 28).

Temos aqui o Conhecimento, que em Morin, como a dialética entre o acontecimento e a Comunicação e o que poderemos observar, através da leitura de Marcelo Coelho em Debord, como o "espetáculo", como paralelo à "sociedade", que ao mesmo tempo está unido e dividido, sua unidade se realiza naquilo que constantemente se perde, se esfacela.

Na expressão óbvia de uma leitura mais crítica do jornalista ao texto de Debord, teremos a necessidade de buscar, como dirá Coelho, "o estilo abstrato" do filósofo para compreendermos melhor o que está dividido e unido entre as partes? Parece-nos que o texto nos lança, nos joga à deriva dos acontecimentos da informação, agora como breve discurso sobre a Comunicação e o que a dialógica do ensaio possa causar na Rede.

Neste texto, reiteramos, nesta tese propriamente dito, a atualidade do texto não só do Debord, mas de Morin, quando

escreve nos anos 70 (1977, p. 28) que: "O uso autocrítico do acontecimento é, em profundidade, muito mais científico do que o uso do computador".

Barthes (1989) observa, que em certos momentos da vida, passamos da fase que se ensina o que se sabe para o tempo que ensinamos o que não sabemos, e com isso podemos levar os textos, por exemplo, de Marcelo Coelho para esse estágio. As crônicas e o diário estão nesse estágio do "desaprender", a que Barthes chama de "pesquisa". De não encontrarmos mais na história a sua aceleração, nenhum poder, e como ele nos sugere, "um pouco de saber, um pouco de sabedoria, e o máximo de sabor possível" (p. 47). Não temos essa certeza, quando nos reportamos ao texto do/ sobre o Debord, porque essa mesma sensação passa perto, porém, o que não está escrito é, o que talvez, o jornalista não crê, na possibilidade de sair do "discurso fixo" e permanece acreditando nos mitos conceituais produzidos pela Modernidade.

Passamos ao texto *Os argumentos de Paulo Betti*, e na seqüência, a um dos comentários postados no blog. Dá para se observar que a interatividade em temas mais políticos, ou quando se trata de esportes, do futebol, é imediata. O sucesso de um blog passa não apenas pelo número de *post* nesse mundo digital, mas também pelo acesso dos internautas, os comentários dão vida a um Blog.



Neste texto, que parte de um comentário do jornalista de que o ator Paulo Betti publicou no jornal *Folha de São Paulo*, já há uma reflexão que é proposta aos leitores por parte do jornalista. O texto publicado e o seu Poder em ter esse espaço são mais do que estar na blogosfera, neste espaço digital, é também a possibilidade de estar dando a continuação a um tema que não teria mais lugar no jornal. O blog **Cultura e Crítica** está hospedado em um grande site, no UOL, em que a *Folha de São Paulo* tem a sua versão *on-line* e aqui poderemos nomear de um Mídia mediada.

Neste texto Coelho faz sua crítica em cima exatamente de um discurso sobre a opção política de uma pessoa, de um ator, personagem pública enquanto artista, e por isso suas idéias surtirão muito mais efeito do que as de outro cidadão qualquer. Temos um Discurso Enchrático sobre uma posição pessoal defendida em um grande jornal legitimada em um Discurso Acrático.

O teor polêmico do texto vem exatamente de seu estatuto enquanto linguagem que liga o cotidiano ao político. Entrar neste imaginário é poder fazer a reflexão entre o social e o processo de comunicação na Era dos Blogs. A categoria Socioleto, neste texto, encontra sua manifestação naquilo que o diferencia do discurso individual. Temos o conteúdo como denúncia e diferenciação, na opção de um indivíduo e do jornalista que não apenas passa uma informação, ele faz a crítica desta posição. Não conseguimos

perceber um discurso que se expressa para além de uma posição de mitificar o ideal político e isso interfere ou não o pensamento do leitor.

Não conseguimos ver o limiar na relação de uma linguagem direta nesse texto que serve de interação entre a comunidade e o autor que escreveu. O texto nos mostra que a informação ainda é o valor mais precioso tanto para aproximar as idéias, como para esclarecer melhor uma idéia, uma informação, para expor melhor um posicionamento que vai do indivíduo a um grupo maior.

#### **Os argumentos de Paulo Betti**

A cobrança em cima de Paulo Betti talvez tenha sido excessiva, e ele tem o direito de se defender como pode, depois de ter dito uma frase de que certamente se arrependeu. Mas também não dá para passar em branco o artigo que ele escreveu para a seção Tendências/Debates desta terça-feira. Em alguns momentos, a confiança de Paulo Betti na falta de senso crítico do leitor vai longe demais.

Betti diz que sua trajetória, e a do "maestro Wagner Tiso", são conhecidas. Aqueles que o atacam sabem que ele está associado não apenas ao PT, mas "à memorável batalha de Betinho 'Pela Ética na Política'", e sabem que "constatar as

transgressões como inevitáveis não é o mesmo que defendê-las.”

Acontece que Paulo Betti não estava apenas “constatando as transgressões como inevitáveis”. Saía de um encontro de apoio a quem as cometeu. Quando disse “não se faz política sem sujar as mãos”, não estava lamentando o fato, mas justificando que Lula as sujasse também. A menção às batalhas de Betinho fica ridiculamente deslocada. Não faria nenhum sentido participar do memorável movimento “Pela Ética na Política” e ao mesmo tempo apoiar um candidato que confessadamente fez uso do caixa 2.

De resto, essa versão de que tudo foi apenas um caso de caixa 2 vai sendo martelada pelo PT, desde que Marcio Thomaz Bastos a formulou pela primeira vez. O problema do mensalão não se resume a “um sistema de financiamento privado de campanhas” que contamina todos os políticos. Quando o Partido dos Trabalhadores consegue empréstimos milionários, tendo como avalistas José Genoíno e o dono de uma empresa de publicidade, e quando essa empresa de publicidade tem contratos com o governo, é de favorecimento público a uma pessoa privada, que repassa dinheiro a um partido, que se está falando. Se o sr. Marcos Valério fizesse doações por baixo do pano à campanha de Lula, seria de estranhar, mas seria apenas um indesejável acontecimento de caixa 2. Mas se o sr. Marcos Valério tem contratos de

publicidade com o governo, está-se usando o governo para financiar o PT. Mais que isso: se um banco de segunda ou terceira linha empresta dinheiro ao PT, e consegue ser o primeiro a se beneficiar oficialmente de um sistema que não contempla os outros bancos (passando a ser o único, durante meses, que concede empréstimos a trabalhadores mediante desconto direto em folha de pagamento), o caso não é de caixa 2: oferecem-se milhões a um partido, sabendo que dificilmente serão pagos, em troca de um privilégio concedido pelo governo.

Que os outros partidos, ao receberem dinheiro de caixa 2, promovam favorecimento público a seus doadores, é mais que provável. O PT, que se comprometia com "uma outra forma de fazer política", e que promovia movimentos e mais movimentos pela ética na política, não tinha o direito de fazê-lo. Muito bem; "o PT caiu nesse antigo alçapão", diz Paulo Betti. Ele poderia então estar liderando um movimento pela ética na política, ou ao menos pela ética no PT. Preferiu apoiar Lula, sugerindo que "política é assim mesmo" -logo, estamos todos nesse alçapão, e não sei, de minha parte, por que chamar de "erro", como ele e todo o PT gostam de dizer, uma coisa absolutamente inevitável. Se era inevitável, qual seria o "acerto"? De que "erro" eles se penitenciam?

Na exploração da frase, diz Betti, há "um misto de autoritarismo com oportunismo político". O

autoritarismo estaria em "desqualificar os que não se alinham com o pensamento dominante". Paulo Betti não foi desqualificado por ninguém. Ele desqualificou a própria trajetória, que era a de um defensor da ética na política e agora considera que, para chegar ao poder, o recurso a financiamentos irregulares é necessário: "enquanto fez campanhas vendendo bonés e estrelinhas", diz, "o PT não teve chances de chegar ao poder".

Seus adversários são também "oportunistas", porque a onda de ataques em torno de sua frase "explora a minha condição de artista, e as identidades que isso acarreta, para auferir dividendos eleitorais". Seria bom avisar o Lula disso: quem sabe assim ele não convidaria mais artistas para apoiar sua campanha.

Se o tempo está interligado em Rede, aqui o tempo está em nível de informação atrelado. A velocidade das informações delinea a realidade virtual, que se presta estar sempre à disposição dos comentários. Claro, observaremos que esses textos que entram logo após o autor do texto ter postado suas idéias irão automaticamente interagir, entre eles, corroborar com os argumentos ou simplesmente irão criticar. Observamos, também, que em outros momentos esse discurso serve para fazer breve contribuição ou comentário paralelo ao tema escrito pelo blogueiro.

Aqui temos um exemplo de comentário ao texto do jornalista, que vem como crítica, em uma linguagem coloquial, ao mesmo tempo eivado de ideologia, como sempre se percebe em quase todos os textos quando se trata de política partidária. O simplismo está naquilo que Baudrillard enunciou um dia, está "no limite da transparência e da insignificância" (1990), ou seja, no fim do seu conteúdo. Vivemos uma época em que o que é virtual, hoje, é a mensagem do que um dia foi real como Comunicação.

Todo o exercício livre de colocar o *post* no espaço virtual, em um Blog, terá mais ou menos importância como contribuição aos leitores, ou simplesmente servirá para aumentar o número de acesso deste blog. Abrimos aqui para um comentário que foi postado no **Cultura e Crítica**.

Comentário

[Caio Manto] [caior@ig.com.br]

Oh sr ninguém, Marcelo, quem confessadamente usou caixa 2? Pelo que sei, é vc que está afirmando! Agora vc quer nos fazer acreditar que é somente o PT que fez uso de caixa 2? vc dirá: mas o PT confessou. Pois bem, então a saída é não confessar, como os outros partidos. Não vejo nada de mais no comentário de Paulo Betti. Como vcs da mídia oposicionista e o PSDBesta se apegam a tudo que é dito e na mente de vcs, usado contra o Lula, é colocado para levantar poeira e tentar colocar a

opinião contra o PT. Não adianta, e digo mais, vale tudo, qualquer artifício para manter o PSDBesta longe do poder e com ele toda esta mídia metida a aristocrata.

Podemos observar que os comentários podem entrar como contribuição para o debate ou como esse, uma crítica ao jornalista por ter escrito, com uma linguagem, nem um pouco comprometido com os aspectos decisórios sobre o tema em questão, mas por ter proposto a discussão entre os leitores.

No outro texto, o jornalista Marcelo Coelho ampliou a discussão, devido ao número de comentários, que foi acima do que normalmente é deixado, segundo nosso critério de análise sobre os textos postados no Blog. Esse é o segredo de um Blog, que tem essa possibilidade diferenciada de uma mídia mais tradicional, seja Jornal ou Televisão. Existe essa possibilidade de seguir o roteiro proposto pelos internautas, de ampliar as discussões com textos sobre o mesmo tema. Essa é a diferença da crônica escrita em um jornal com relação ao texto simultâneo na Rede. Poderíamos pensar no Rádio como exemplo de Mídia que pode ter uma interação, mas nunca no nível de intervenção de linguagens como em um blog.

Temos mais uma repercussão do jornal, que foi um texto em defesa do ator por parte de uma intelectual e que o jornalista faz sua análise no blog. Agora com o *Esqueçam Paulo Betti*, o

jornalista coloca que as posições feitas por Betti foram simplórias diante de todo um argumento teórico de Muraro. Não vamos aqui tratar do texto no qual motivou o Marcelo Coelho a escrever, mas percebemos que a contribuição de seu post no espaço em que todos os textos podem ser plausíveis, exceto o que deixam de ser escritos. O que move e legitima a crítica do jornalista é gerar conteúdo. Existe no meio dos blogueiros os roteadores de informações e por aí todos passam, depois comentam, ampliam notícias, vídeos, fotos, charges sobre celebridades e políticos, e todos esses ingredientes ajudam a ampliar o número de leitores do **Cultura e Crítica** do jornalista.

Nesse texto Marcelo Coelho foi um "roteador" de notícia, mas de outra Mídia, do jornal, e apresentou aos leitores de Rede, como forma de ampliar e refletir com os mesmos. Nem sempre o retorno é em tempo real como se poderia esperar dependendo do tema. Nesse caso sim, se teve a reação imediata dos que defendem as suas idéias, dos que creditam no jornalista um bom trabalho e outros, que apenas passam e lêem, sem fazer comentário algum.

12/09/2006

**Esqueçam Paulo Betti**

A frase de Paulo Betti é fichinha perto do artigo escrito por Rose Marie Muraro, na *Folha* desta terça-feira. Para a autora, os grandes empresários



e políticos da classe dominante

*fabricaram a noção de moralidade para que os dominados continuassem pobres, sem competir com eles [...] Ser moral dentro de um sistema imoral é legitimar a imoralidade. A ética só é verdadeira quando trata o problema a partir de suas raízes, transformando um sistema mortal e competitivo num outro em que as decisões sejam tomadas pela sociedade organizada de baixo para cima e que, portanto, possa suprir as necessidades de todos, e não apenas as de uma classe treinada desde que nasce para ter seus interesses atendidos a qualquer preço. Acho que só é honestidade a luta contra a injustiça.*

Vale repetir a frase-chave do raciocínio. "Ser moral dentro de um sistema imoral é legitimar a imoralidade". Não dá para acreditar nessa enormidade.

Se alguém está, de fato, legitimando a imoralidade, é Rose Marie Muraro. A partir daí legitima-se qualquer coisa, a rigor, em nome da luta contra a injustiça social. Condenar o assassinato num sistema assassino é compactuar com o assassinato. Não ser torturador num regime que tortura é legitimar a tortura. Qualquer fuzilamento será apoiado desde que para construir um regime socialmente justo. O menos que se pode dizer é que isso já foi tentado, e não se conseguiu criar um sistema capaz de "suprir as necessidades

de todos", com "decisões tomadas de baixo para cima".

Tudo era mais fácil numa época em que o PT podia acusar a falência ética das elites, e apresentar-se como defensor, não digo nem mesmo de uma moralidade abstrata, mas de princípios republicanos e democráticos essenciais, como o de uma gestão transparente do orçamento, o não-loteamento de cargos para partidos fisiológicos, a distribuição de verbas segundo critérios técnicos, sem privilegiar prefeituras do próprio partido, o fim das concessões de rádio e TV a apaniguados... Rose Marie Muraro considera que, agora, vale tudo.

Ela desenvolve uma curiosa teoria psicossociológica segundo a qual, desde a infância, os ricos são acostumados a ter seus desejos satisfeitos, enquanto os pobres, convivendo com a frustração, "apreendem" (?), sem questionar, "o mundo como expropriador de seus direitos essenciais". Tornam-se então honestos. Muraro continua:

*Ou seja, a honestidade e a moralidade da maioria da população sempre foram o esteio da sociedade de classes.*

Não podemos negar então que Delúbio e Silvinho Pereira estavam, desse ponto de vista, exercendo uma obra de inestimável valor pedagógico. Ensinavam à população pobre que a moralidade era

apenas um instrumento utilizado pelo opressor. Pena que tenham sido afastados de seus cargos. Eram legítimos revolucionários.

Mas não nos preocupemos em demasia. Se o PT ainda está dando seus primeiros passos na crítica à honestidade, Marcola e o pessoal do PCC são prova de que há desonestos e imorais à vontade, junto aos setores dominados da população, capazes de nos levar rapidamente ao mundo socialmente justo e democrático que tanto almejamos.

Neste texto, *Esqueçam Paulo Betti*, tivemos uma ampliação dos discursos das Mídias mediadas até as não-mediadas, da linguagem Encrática à linguagem Acrática. Podemos observar que o seu autor não perde nunca o controle do conteúdo gerado no Blog, e, na maior parte das vezes, mesmo em outros blogs, acontece de o autor ficar mais esparso, mais à deriva dos comentários ou simplesmente colocar textos sem muito critério. Basta vermos ao navegar, nas ferramentas que fazem um blog, que um comentário poderá ser excluído sempre que entrar. Para isso, o dono basta estar on-line e filtrar um comentário que possa estar sendo mais agressivo ou que esteja sendo racista e descriminalizante, seja ao dono blog, uma pessoa, seja a uma instituição.

Marcelo Coelho amplia o seu leque de preocupações culturais com comentários sobre cinema, literatura, sobre o Cotidiano, como

também o faz, na linguagem da Internet, de roteador de informação, se apropriando da informação e lançado em seu espaço.

### **Paris era Ontem**

Vou percebendo que os textos escritos para Blogs têm características próprias, muito diferentes das de um artigo de jornal. Numa crônica ou resenha de jornal, é preciso contextualizar mais, explicar melhor a informação. O blog, de certa forma, já se dirige a leitores "iniciados" nos assuntos que interessam o blogueiro. A idéia não é só ser mais curto, mas também privilegiar a sugestão, e não tanto a opinião explícita e mastigada.

Claro que no jornalismo impresso há antecessores do gênero "post". A editora José Olympio acaba de publicar "Paris era Ontem", da jornalista americana Janet Flanner.

São pequenas notas sobre o ambiente cultural parisiense nos anos 20. A morte de Diaghilev, a estréia de Josephine Baker no Théâtre des Champs Elysées em 1925, o casamento do dadaísta Tristan Tzara com uma milionária sueca, os primeiros romances de Simenon, o impacto do crack da Bolsa em 1929 sobre o mercado de antiguidades e pinturas, são objeto de notas breves, por vezes de um parágrafo. O estilo é sempre sutil e "antenido",

com o que isso significa de leveza perceptiva no toque.

Eis como Janet Flanner noticia a estréia de "O Chapéu de Palha da Itália", filme de René Clair celebrado até hoje: "Embora não seja, como proclamado, a mais engraçada comédia da Europa atual, é a mais engraçada comédia sobre um chapéu de palha já vista nos bulevares."

O forte de Janet Flanner são os necrológios e os perfis. Um bom exemplo é o que ela escreve sobre uma cantora popular, Yvonne George: "Poucas pessoas têm a melhor parte de suas vidas postumamente. O primeiro informe errôneo do falecimento de Yvonne George, por causa do qual ela foi pranteada em prosa requintada por seus amigos literários, não foi tanto um rumor falso, e mais uma caracterização. (...) Ela foi efêmera. Podia magnetizar apenas pequenos grupos; diante das grandes platéias do Palace, do Olympia e dos grandes music halls ela falhava - geralmente, de maneira magnífica. Carecia da qualidade de domador de leões que assinala os grandes artistas. Era impopular com as massas, que não se intimidavam com uma perfeição tão frágil como a sua. Seu forte eram as canções marítimas; cantava veleiros, que sua ternura reduzia ao tamanho de barquinhos aprisionados em garrafas por marinheiros aposentados."

Esse tipo de texto - o precursor do "post"- não deixa de ser um barquinho engarrafado também.

No texto *Paris era Ontem*, o autor escreve sobre o próprio texto, ele dirá, sobre o post, um breve comentário sobre a origem dos conteúdos em um Blog. É o que trata o livro comentado e o que o aproxima como linguagem da linguagem dos Blogs. Uma metalinguagem das origens de um post, através de um recurso muito usado nas mídias tradicionais, a saber, uma resenha. Não é uma simples resenha ou comentário de um filme, tal qual o diferencia propriamente dito dos que são donos de Blogs e apenas lançam seus textos, mas analisa um livro. Analisa um livro lançado com breves comentários, que ele dá como aproximação de linguagens, de signos que se cruzam e que, em um artigo em jornal, certamente necessitaria de mais tempo reflexivo. Breves comentários coligidos e organizados em livro são o resultado, segundo, Marcelo Coelho, daquilo que se chamaria entre os blogueiros de post.

Aqui colocamos mais um comentário para ilustrar essa relação de interação do leitor do blog com o texto e como um comentário poderá ter mais um rodapé, um comentário, mas também, poderemos observar que em blogs existe o espaço para a crítica ampliar.

[Doralice Araújo] [doralice-araujo@uol.com.br]

Marcelo: é interessante perceber o quanto escrever em blogs deixa evidente a necessidade de mirar interlocutores. No caso do seu blog - de crítica e de cultura - os alvos certamente são blogueiros

"de plantão" que desejam estabelecer, revelar e redimensionar idéias, intuições ligadas ao tema do seu espaço. A exposição e a autonomia com as palavras evidenciam os produtores desses textos e revelam magnificamente a necessidade imperiosa de estabelecer relações de essencialidade com os demais, visitantes. Você merece aplausos pela exposição e pela oportunidade dessas trocas discursivas com parceiros próximos ou distantes mas ligados em temática comum, efervescente, estimulante.04/07/2006 10:04

Podemos encontrar no comentário em questão a preocupação do leitor em afirmar a importância do texto, do discurso proposto pelo jornalista e o que pode significar para o debate que agora é mais amplo, no sentido de onde está sendo registrado, em um Blog e como ele poder ir mais além do que o texto, mesmo que de forma crítica, no jornal nos é proporcionado.

Podemos observar tanto no texto do jornalista sobre o livro, como no comentário, que o tema ficou enriquecido pelo simples fato de ser uma linguagem sobre as origens, sobre a fundação de mais um gênero de literário e forma de expressar, comentar, discutir certos assuntos. Observa-se que, a categoria Cotidiano, aqui é privilegiada no Imaginário da Blogosfera – que aparece como categoria *a posteriori*, e usamos como figuração de imagens que é parte do presenteísmo, de significados ou sentidos

em Maffesoli –, que a linguagem fundante teve sua origem, segundo o autor, nos breves comentário do jornalismo, diríamos na crônica. Temos a Socialidade (como uma categoria *posteriori*), no que se apresenta, nos discursos e nos falares, entre o autor e o texto.

Segundo Maffesoli (1988), a história terminou por expelir as histórias. A história relativizou as experiências, “o concreto mais extremo”, afirma Benjamin, se encarregou do Cotidiano. A Complexidade cotidiana impressa, passando como imagem, como áudio, reescrita diariamente em livros, é agora transposta ao mundo digital. O que era legitimado em uma época agora não é mais que um breve comentário:

A avaliação que progressivamente se impôs, no curso da modernidade, estava em perfeita congruência com seu objeto: a ordem política. Não é certo, porém, que ela possa vir a aplicar-se a esta agitação que, de tribos a massas, vai servir de matriz à socialidade em devir. Em todo caso, esta última nos lança um novo desafio intelectual, além e aquém da moral política. Quais serão as estruturas sócio-antropológicas da ordem passional? (Maffesoli, 1988, p. 259).

Nos reportaremos ao Morin, novamente para abreviarmos a passagem da categoria Comunicação ao seu prolongamento em uma sociedade Complexa, em que o Conhecimento está no Cotidiano. No



texto apresentado pelo jornalista tivemos um tipo de interação de conteúdos, para legitimar a passagem da linguagem Encrática à linguagem Acrática.

No Paradigma da Complexidade de Morin, o pensamento se move no próprio movimento, na sua nascente, na idéia, na linguagem que liga, religa aquilo que supostamente estaria separado.

O caminho da Transdisciplinaridade liga as partes do todo que está fragmentada na própria unidade. A Ciência moderna se encarregou de separá-las, mas o pensamento complexo traz de volta ao todo. O texto complementa-se naquilo que Morin chama de Princípio Dialógico, em que as partes se comunicam à unidade e associam-se ao antagônico, ao mesmo tempo, que se complementam.

O texto analisado é a transfiguração desterritorializada da linguagem, que parte de uma resenha para a Blogosfera e logo encontra espaço semelhante ao de sua origem, da fundação do texto ao leitor, que interage com o seu comentário.

## 2.2 A Complexidade no Blog "Taxitramas", de Mauro Castro

Mauro Castro em **Taxitramas** é o verdadeiro motorista das letras que, em seu táxi, comanda um Blog. Escreve em um jornal de Porto Alegre, o *Diário Gaúcho*, todas as segundas-feiras. Suas

crônicas repletas de histórias traduzem uma realidade, a do motorista que é atento ao cotidiano, marcado por acontecimentos limítrofes em que a realidade está registrada nas páginas e, ao mesmo tempo, para outro público no seu blog. Em seu texto se percebe que mais do que um taxista, existe uma apreensão das coisas que acontecem ao seu redor. No volante, atento, vê o mundo, convive com pessoas diferentes, milhares ao ano, e a linguagem ativa seu texto, proporciona sua verve criadora à escrita de suas histórias.

O texto de Mauro Castro nos leva para uma abertura de novas questões que perpassam as categorias Comunicação e Cotidiano, demonstrando todas as nuances que se possam relacionar com a categoria barthesiana de Poder e suas implicações e interpretações a partir dessas aplicações no seu verdadeiro objeto, o mais apropriado objeto, narrar sempre o cotidiano.

Sua escritura (do francês *écriture*), no sentido barthesiano, é um processo de aprendizagem, um vôo pela língua, pela linguagem que vai do jornal à rede, aos leitores navegadores atentos da Internet. Mauro é isso, um misto de cartógrafo dos desejos, do cotidiano que escreve o cotidiano a partir das falas, dos gestos, do seu olhar atento ao mundo que está dentro e fora de seu carro.

Para Leyla Perrone-Moisés, em seu texto que complementa o livro *Aula*, escreve que para Barthes (1989, p. 75): "a escritura é a escrita do escritor". Significa que escolhemos a escritura de

Mauro com base no seu trabalho que vai além de dirigir um carro, o qual tem o olhar e a leitura de um mundo, do mundo dos seus passageiros, dos lugares por onde passa, por onde cruza sua experiência, de observador do cotidiano a escritor do seu tempo.

Começamos na análise do texto que dá o sentido mais exato da escritura de Mauro Castro, com a *Crônica de uma noite fria*, agora das páginas do livro *Taxitramas* (2006). Nessa crônica nosso motorista irá narrar como se estivesse vendo pistas de uma realidade, vislumbrando as ruas, ao mesmo tempo dirigindo, deslizando por avenidas até chegar ao texto. Um *flâneur*, um observador atento que na dialógica dos fatos procura, antes de tudo, antes mesmo de escrever, realizar seu trabalho. O texto é a compreensão e ao mesmo tempo a realização de uma "corrida", linguagem dos taxistas quando leva um passageiro ao seu destino. Nesse texto o destino está em buscar a realidade do passageiro que não está mais ao seu lado. Nos reportemos ao cotidiano do outro, no caso do taxista, como observador, como motorista que consegue registrar seu trabalho, se tornando um privilegiado do volante e com isso compreendendo a realidade perdida de seu passageiro.

Mauro Castro é como o observador de Benjamin que vai em Baudelaire para compreender melhor os acontecimentos, como um detetive e também como um motorista simplesmente, um guia dos desconhecidos:

Assim, o detetive vê abrirem-se à sua auto-estima vastos domínios. Desenvolve formas de reagir convenientes ao ritmo da cidade grande. Capta as coisas em pleno vôo, podendo assim imaginar-se próximo ao artista. Todos elogiam o lápis veloz do desenhista. Balzac quer associar, de modo geral, o gênio artístico à apreensão rápida. (...) Seu herói decide partir em busca de aventura indo atrás de uma tira de papel que abandonara aos caprichos ao vento. Qualquer pista seguida pelo *flâneur* vai conduzi-lo a um crime (Benjamin, 1989, p. 38-39).

Nosso motorista em seu volante apreende a realidade sem mesmo se dar conta de uma história que existe por trás do simples fato de transportar um passageiro. Ele consegue interpretar a tensão de uma corrida e depois transpô-la ao texto. Esse poder de narrar, contar lhe dá legitimidade enquanto deixa de ser um observador e passa à escrita.

#### **Crônica de uma noite fria**

À medida que a noite avança, o serviço vai diminuindo. O jeito é apelar para a zona das casas noturnas, boates, saunas: A Zona. Na Conceição, um homem me faz sinal. Pede que eu siga pela Avenida Farrapos, devagar, pois precisa

encontrar alguém. Não parece à procura de um programa. Tem cerca de 50 anos, roupas humildes e fala educadamente.

Iniciamos um giro pelo baixo meretrício. Uma frente fria varre as ruas de Porto Alegre com um vento gelado. Por vezes, deixamos a Avenida Farrapos e entramos pelas ruas escuras do bairro Floresta. Nas esquinas da praça Florida, prostitutas exibem o corpo quase nu. Abrem os casacos, quando meu táxi se aproxima. O Homem parece enojado. Vejo que não pertence a este mundo. Alguma outra coisa o traz aqui.

Como não encontra quem está procurando, resolve abordar uma garota na calçada. Quando ela se aproxima da janela, descobrimos que é um travesti. Ele se debruça no carro, insinuante. Tem o rosto moldado por silicone e usa longas tranças de um aplique barato. O homem diz que está à procura de uma jovem chamada Mônica, que trabalha por ali. O travesti informa que ela saiu, mas logo voltará. Esperamos. Mais tarde, três homens embriagados expulsam a jovem de dentro de um carro. Jogam-lhe uma lata de cerveja e descarregam um extintor de incêndio sobre o corpo da menina, deixando-a coberta de um pó branco e humilhação.

Ele prometeu a si mesmo não mais procurá-la. Havia desistido de entendê-la. Mas cedeu aos apelos da esposa, que ficou em casa rezando para que ele a encontrasse. Então, desceu do táxi e

acolheu a filha em seus braços. A levaria mais uma vez para casa.

A nossa escolha se deu pelo fato de ser uma crônica que passa pelo olhar e percepção aguçada de nosso motorista-escritor, do seu domínio privilegiado de compreender a pequena realidade, fragmento de um passageiro, mas que se dá de forma em que a leveza existe apenas no texto, na fluidez de sua escrita, contudo contém a dor do seu passageiro. Isso demonstra que a escritura desse nosso motorista das letras é libelo sobre a violência urbana, um cronista atento ao mundo.

O que podemos ver e a expressão do domínio da situação, da identificação do texto com a realidade que é apreendida como ato de análise através do volante do escritor. Significa que o Poder, na acepção barthesiana, aqui ganha a pluralidade. Do motorista ao observador, intérprete do cotidiano, das mínimas coisas que poderiam ter representação apenas ao passageiro que precisou dos serviços de um taxista. Não de um taxista normal, mas de um que sabe encontrar nesses acontecimentos um fio para suas histórias. Temos em Barthes essa suma de uma realidade que está presente na vida do taxista:

Adivinhamos então que o poder está presente nos mais finos mecanismos do intercâmbio social: não somente no Estado, nas classes, nos grupos, mas

ainda nas modas, nas opiniões correntes, nos espetáculos, nos jogos, nos esportes, nas informações, nas relações familiares e privadas, e até mesmo nos impulsos libertadores de quem tenta contestá-lo... (Barthes, 1989, p. 11).

Barthes nos mostra que há uma luta contra os poderes, que se perpetua, não perece nunca, pois a cada derrocada se insurge logo adiante em mãos de outrem, ou daqueles mesmos que agora estão legitimados por suas interpretações. Não basta simplesmente a compreensão dos fatos, a linguagem trata de recriar em toda sua força mais adiante aquilo que não tinha importância alguma.

Neste primeiro texto, entender a crônica como linguagem que se apropria de um conhecimento, de um acontecimento que talvez para o escritor significou narrar e contar aos seus leitores do jornal e da internet mais uma corrida. Presenciou-se a força de contar de Mauro Castro, escrever um texto para, mais adiante, deixar que os leitores compreendam ou apenas se inscreva não para comunicar, mais uma vez nos reportando a Barthes:

Assim, por sua própria estrutura, a língua implica uma relação fatal de alienação. Falar, e com maior razão discorrer, não é comunicar, como se repete com demasiada frequência, é sujeitar: toda língua é uma rejeição generalizada (Barthes, 1989, p. 13).

O Paradigma da Complexidade é a nossa base teórica e metodológica para entendermos os textos dos Blogs escolhidos. Ao analisar essa crônica, poderemos observar que o autor buscou o recurso da linguagem em que um personagem, em uma cidade grande, busca não apenas um táxi para levá-lo em algum ponto da cidade, mas em que a Comunicação que aproxima as pessoas depois se perde em excesso, talvez, na sua total falta de compreensão. Contudo como Morin nos sugere (2001, p.76), ela "será mais reveladora para aqueles que descobrirão o outro" do mundo virtual.

Temos no personagem principal, o taxista, o que domina o Conhecimento das possíveis questões práticas que poderão ocorrer, mas com o passageiro, aquele vai, através da noite adentro, buscar no Cotidiano a solução dos problemas. Se não for isso, pelo menos tentar encontrar o seu ponto de chegada.

O Poder exercido pela força de uma cidade grande é o mesmo que faz o passageiro ir ao encontro de sua filha. O que podemos observar é que a linguagem existente se enuncia numa relação com a *doxa*, do uso comum, o que Barthes chama de Encrática. Por outro lado, também temos no texto do autor uma linguagem Acrática, por se tratar de um olhar mais crítico sobre a realidade. Diremos um olhar mais apurado e, por isso, *paradoxal*, construído sobre uma visão de mundo, através do olhar do nosso autor. O que Barthes chama de sistemas de linguagens não-individuais, portanto Socioletos, no que se opõe à fala de um só indivíduo, o *idioleto*.



Podemos observar que, na crônica, sua expressão maior, a de narrar, de contar uma história, fica no plano social, mas ao mesmo tempo foge, tornando-se mais ficcional e dando uma impressão *clandestina*, como Barthes sugere. Procuramos, ao analisar esse conto escolhido pela diversidade das razões que levaram o nosso autor, o escritor, a narrar o drama pessoal de um passageiro, tornar mais claros a luta e o domínio que as pessoas exercem umas sobre as outras e a luta que alguns travam para libertarem-se desse poder.

Na crônica *A diarista*, Mauro Castro mostra um lado ameno, no lugar do motorista que leva seus passageiros está o que presta favores aos clientes mais antigos. Na leveza que se presta uma crônica, em um estilo literário de frases claras com pouca observação sobre a realidade, é mais um relato de história que envolve a vida de um taxista. Ficcional, o taxista chega ao encontro de uma história que possa contar e, como pensa Morin (1997), "a única realidade que nos é acessível é co-produzida pelo espírito humano, com a ajuda do imaginário", em que o Conhecimento nasce das contradições que nos apresenta no dia-a-dia:

O conhecimento do conhecimento ensina-nos que conhecemos apenas uma superfície da realidade. (...) O real e o imaginário estão co-tecidos e formam o *complexus* de nossos seres e de nossas

vidas. O real e o imaginário estão co-tecidos e formam o complexus de nossos seres e de nossas vidas. A realidade é apenas humana, e é apenas parcialmente real (Morin, 1997, p. 261).

Estamos, nesta crônica, diante do que Morin chamou de uma realidade com ingredientes de imaginário, de mito, daquilo que compões realmente o cotidiano do escritor e dos personagens, passageiros que por ele cruzam todos os dias. O taxista, no seu volante literário, sabe compor o dia com as vozes do cotidiano.

#### **A diarista**

Minha passageira andava às voltas com uma fechadura quebrada. Custamos a conseguir uma nova. Como já estava atrasada, pediu que, depois de deixá-la no trabalho, eu fosse até seu apartamento e colocasse a fechadura nova na porta do seu closet. Sem problema, é uma passageira antiga, quebro esse galho para ela, numa boa.

Chegando lá, a empregada atendeu estranhando minha presença. Expliquei que a patroa me pedira para colocar a fechadura do closet, o que deixou a mulher nervosa: não sabia se abria a porta, ou se arrumava a roupa desalinhada. Parecia aturdida, mas, por fim, me deixou entrar. Tentou me levar para a cozinha pelo braço. Disse que me faria um

café. Agradei, estava com pressa, precisava trabalhar. Entrei pelo quarto com a mulher atrás de mim resmungando.

Ao chegar ao closet, vi que, apesar de estar sem fechadura, a porta não abria. A empregada, em pânico, roía as unhas. Olhei pelo buraco da antiga fechadura e vi que um dedo segurava a porta por dentro. Dei uma estocada com a chave de fenda. O dono do dedo deu um grito e soltou a porta, que se abriu revelando a figura constrangida e apavorada de um homem, literalmente, com as calças na mão.

A empregada sumiu com o sujeito enquanto eu colocava a fechadura. Na minha saída, com voz meiga e suplicante, ela me pediu que não contasse à patroa o que havia acontecido, enquanto enfiava em meu bolso um cartão com seu número de telefone. Deixou claro que, se eu não bancar o dedo-duro, poderei usar os seus "serviços".

Seja como for, preciso decidir se conto ou não. O amigo leitor, por exemplo, o que faria se estivesse em meu lugar?

A categoria Cotidiano, usada sob a intervenção teórica de Maffesoli, adquirida através de estudos em Simmel (2006), nos mostrou com propriedade que "O ser humano como um todo é, por assim dizer, um complexo ainda informe de conteúdos, formas e

possibilidades" (p. 67). Faz de Maffesoli um intelectual que vai ao Cotidiano para afirmar suas posições teóricas àquilo que chama de "a unidade do sujeito pensante" (1988, p. 203) e que nada mais é diminuição da polissemia, o que ele chamará de o "monstro cotidiano". Temos a perspectiva do que Maffesoli dá à "correspondência" e aqui nos valem do texto que é postado em um blog, o qual nos mostra que

Ora, a existência cotidiana é fragmentada, polissêmica, feita de sombras e luz ou, numa só palavra, o que é cada vez mais admitido, obra de um homem, ao mesmo tempo *sapiens* e *demens* (Maffesoli, 1988, p. 203).

No jogo das relações, o Cotidiano é explorado de forma inconsciente por parte do blogueiro, taxista-escritor, e pouco nos importam as tentativas de se tentar uniformizar as idéias sobre as crônicas, se são apenas relatos de uma profissão ou se são manifestações literárias de um taxista que virou escritor. O que temos é uma oposição a um certo tipo de *racionalismo iconoclasta*, como diria Maffesoli, e uma afirmação da imagem e teatralidade do real que passa a ser socializada e que o sociólogo denomina como *socialidade*.

Observamos nos textos de Mauro Castro esse tipo de liberdade de conteúdo, em que os temas podem partir de uma simples descrição do cotidiano, passar pela construção de uma idéia roteirística, evidenciar a importância do observador e terminar em um convite aos leitores de como poderiam se posicionar em certas situações, caso fossem eles que estivessem passando.

Essa interação com o leitor faz do texto a relação dialógica entre o autor, a linguagem que o leva ao imaginário do leitor do jornal ao leitor do blog. Na leitura desta crônica, é possível se perceber que o cotidiano não está apenas servindo de cenário para a construção do texto, está, isso sim, religando a Comunicação com a construção literária do texto postado na Rede e lido nas páginas do jornal.

Na crônica *A violência banalizada*, nosso mestre do volante literário explora aquilo que para muitos é um tema preferido de leitura, porque se trata de um assunto sempre presente. O público leitor, o passageiro, todos por estarem no "mundo da vida", nesta esfera que foge do conceito, seguindo a concepção sociológica de Maffesoli, no qual o corpo social é "o fluxo vital da existência social em perpétuo movimento" (1988, p. 216), consegue muito bem compreender os signos de um texto que nos coloca diante de questões sem muito rebuscamento de linguagem.

Para Barthes o Poder se apossa do ato de escrever, do prazer de ter esse domínio aos limites do histrionismo (Klossowski),

e existe uma força semiótica no texto que estará no jogo dos signos, que ao invés de destruí-los, manterá permanentes vasos comunicacionais com os discursos Encráticos e Acráticos.

### **A violência banalizada**

Certa vez, o Biela foi assaltado. Os meliantes pegaram a fêria, o relógio e uma pequena bolsa com os pertences do meu colega. Disseram que largariam as chaves do carro logo adiante e se foram. Biela aguardou um pouco. Ao sair para procurar as chaves, tomou um susto: os bandidos estavam voltando! Cordiais, eles disseram que só tinham voltado para devolver o lanche do Biela, que estava na bolsa.

Minha colega Luciane que, apesar dos muitos anos de praça, ainda não tinha sido abordada pelos amigos do alheio, disse que ficou calma quando foi rendida por um casal que lhe tomou o dinheiro e o celular. Nas entranhas de uma vila da Zona Leste, a Lu entregou tudo e foi liberada. Logo adiante, porém, quando já entrava na delegacia, ela disse que começou a tremer dos pés à cabeça. A "ficha caiu", e ela também, desmaiada.

Em uma das vezes em que fui assaltado, o garoto que segurava a arma ordenou a seu parceiro que ficasse só com as notas maiores. Devolveu-me os trocados e ainda me desejou bom trabalho. Quase lhe agradei a gentileza.

Não existem estatísticas confiáveis quanto a assaltos a táxis, simplesmente porque a maior parte deles não vale a abertura de um boletim de ocorrência. Este tipo de delito é tratado de forma tão banal, que às vezes é anunciado pelo assaltante com um pedido de desculpas.

Quem já viveu na pele esse tipo de situação, porém, sabe que basta um pequeno detalhe para que o enredo engraçado se transforme em um drama. É preciso lembrar os muitos colegas que, infelizmente, não sobreviveram para contar suas histórias de assaltos.

O que temos aqui é o que se pode chamar de um discurso Encrático do ponto de vista teórico, porque é através do uso comum do significado de violência apresentada no texto que encontramos também sinais de que os discursos se cruzam. Não esgotamos o uso teórico do tema por se tratar de uma crônica, em que o escritor leva o autor a conhecer o mundo dos que vivem a violência no seu trabalho mais vezes do que outras atividades profissionais.

A realidade é Complexa e, para religar o que está partido na experiência do cotidiano e textual, Morin nos dirá que "O conhecimento que religa é o conhecimento complexo" (1997, p. 2600). Morin nos coloca diante de nossas possibilidades de estarmos no estranho caminho do desconhecimento do conhecimento:

O conhecimento complexo não tem término, e isto não apenas porque ele é inacabado e inacabável, mas também porque ele chega por si só ao desconhecimento. Atrás da complexidade, há o indizível e o inconcebível. Sob os conceitos, há o mundo. Sob o mundo?... (Morin, 1997, p. 260).

A pergunta que se faz é como a realidade de um profissional pode ser fruto de especulação pelo próprio personagem, depois se torna autor dessa mesma pergunta, e sem fechar as questões lança aos leitores? A resposta está nos próprios comentários que fazem aos textos do Mauro, em que a maioria dos leitores da Rede diz que ele é quem tem a sensibilidade de compreender o que se passa no cotidiano de um taxista e ainda por cima consegue transpor ao **Taxitramas**. No caso dos leitores do jornal, dos leitores do livro, teremos uma identificação mais literária, claro, sem descartamos que irão ler sabendo que o texto é de um taxista, mas que não existe canal de comunicação com o autor como existe no blog.

Se observa que através da semiologia de Barthes, em que a língua "nasceu de uma intolerância para essa mistura de má-fé e de boa consciência que caracteriza a moralidade social" (1989, p. 33), a categoria Poder tem no texto "pequenas dominações" e aparece como um "índice de despoder":



O Texto contém a força de fugir infinitamente da palavra gregária (aquela que se agrega), mesmo quando nele ela procura reconstituir-se; ele empurra sempre mais longe - e é esse movimento de *miragem* que eu tentei descrever e justificar há pouco, (...) ele soergue, de modo frágil e transitório, essa chapa de generalidade, de moralidade, de in-diferença (separemos bem o prefixo do radical), que pesa sobre o discurso coletivo (Barthes, 1989, p. 35).

Podemos ver que Barthes lança nossas reflexões ao mundo da Complexidade novamente, e que em Morin a compreensão das coisas, dos discursos, passa pela desconstrução dos limites que nos deparamos nos *Métodos*, a saber, da lógica, do conhecimento e das "fragilidades da consciência" (1997, p. 261). Além disso,

do concebível, além do pensável, que se desfazem as separações de espaço e de tempo, que a materialidade se dissolve e que a própria realidade se decompõe... Certamente, nosso conhecimento é inacabado, (...) traz nele para sempre algo de inacabável (Morin, 1997, p. 261).

Com a aproximação e a apropriação das categorias Poder e Comunicação, conseguimos entender o fluxo no texto dos discursos

que se cruzam entre Encráticos e Acráticos quando analisamos de que forma nosso taxista se vale da linguagem para descrever o Cotidiano.

No próximo texto, a crônica, *Drogas, mágoas e uma pistola automática*, o taxista se vale mais uma vez de recursos em que os discursos se cruzam e se legitimam no roteiro literário que nos apresenta como identificação de seu estilo já reconhecido pelos leitores. Esse tipo de texto que perpassa o imaginário dos leitores com a apropriação de uma tomada de consciência por parte de seu relato, em que a categoria Poder está presente na tentativa de legitimar o texto. O que Barthes nomeia de o "semiólogo" a tarefa de ser um artista,

ele joga com os signos como logro consciente, cuja fascinação saboreia, quer fazer saborear e compreender. O signo - pelo menos o signo que ele vê - é sempre imediato, regado por uma espécie de evidência que lhe salta aos olhos, como estalo do Imaginário... (Barthes, 1989, p. 40).

Como Barthes nos mostra, essa semiologia não é uma "hermenêutica", que terá a função muito mais de roteirizar a realidade, estetizar o cotidiano do que de investigar os efeitos dos acontecimentos:

Seus objetos de predileção são os textos do Imaginário: as narrativas, as imagens, os retratos, as expressões, os ideótipos, as paixões, as estruturas que jogam ao mesmo tempo com uma aparência de verossimilhança e com uma incerteza de verdade (Barthes, 1989, p. 40-41).

O motorista do volante literário sabe deslizar pelos fatos como um *flâneur*, novamente usando Benjamin, como um observador que não investiga as origens, mas leva seus textos para outros lugares, carrega seus textos, olhando atentamente, prestando atenção, sem mesmo se dar conta da realidade que envolve os seus discursos.

Essa completa desatenção do observado também é uma das maneiras de ter o Conhecimento das coisas, de tentar captar no mundo o sentido para suas questões, por hora, questões mundanas, mas mesmo assim, que seguem a importância de um certo cotidiano que existe sempre no texto. Para Heidegger, para lembrar, a disposição de compreender são fatores existenciais,

Toda compreensão guarda em si a possibilidade de interpretação, isto é, de uma apropriação do que se compreende. Na medida em que disposição e compreensão são igualmente originárias, a disposição se mantém numa certa compreensão. Corresponde-lhe também uma certa possibilidade de interpretação (Heidegger, 1988, p. 218-219).

O esclarecimento quanto ao fato de nosso mestre do volante se aventurar na idéia de compreender os acontecimentos encontrar no detalhe t nuo do simples olhar das imagens, de relatar os fatos, sem ter uma idéia final, acabada,   o que leva sua interpreta o ao semiólogo de Barthes. Mesmo que os acontecimentos façam parte de problemas inteiramente sociais, a totalidade dos acontecimentos não fica reduzida ao crivo moral, e, sim, no que se chama apenas narrar, ver e registrar o acontecido.

O que vemos no texto a seguir e o que impressiona   essa tentativa de trabalhar com o acontecimento da vida diária de um taxista, com o cotidiano do marginal, com as possibilidades de legitima o da profissão de um taxista pelo simples fato de ele, do aparato policial, ter feito parte e integrado um dia a polícia. Uma história em que o Poder se dá pelo domínio de uma situa o, e no texto se dá pela rela o daquilo que Deleuze (1987, p. 16) chama: "Pois   precisamente o signo que   objeto de um encontro e   ele que exerce sobre nós a violência". A procura da verdade está no encontro do acaso dos acontecimentos, dos fatos que são narrados pelo escritor. Nesse texto Deleuze analisa os signos de Proust, em que a busca   redescoberta do tempo, que   parte da perda do tempo perdido, e no que se encontra no já que foi perdido.

O que nos interessa aqui   o processo do signo com o texto em questão. Do escrito no seu domínio, com a faculdade de discorrer e não de julgar, e como Deleuze escreveu, com propriedade em seu

ensaio sobre Proust, que os signos aparecem como pensamentos sobre várias formas, como, por exemplo, de memória, de desejo e aqui colocamos mais uma, de prazer. E que a filosofia erra em achar que existe em nós “uma boa vontade de pensar”:

(...) um desejo, um amor natural pela verdade. A filosofia atinge apenas verdades abstratas que não comprometem, nem perturbam.

As significações explícitas e convencionais nunca são profundas; somente é profundo o sentido, tal como aparece encoberto e implícito num signo exterior (Deleuze, 1987, p. 16).

O encontro do texto com o Cotidiano se dá naturalmente porque sempre está presente no blog **Taxitramas**, e a identificação do autor com o *cartógrafo*, aquele que vive interpretando, se apropriando da realidade, o que devora os acontecimentos, e ao mesmo tempo está inserido no Socioleto e escapa quando o signo está se apresentando como sentido do que está registrado.

Lemos Deleuze para retomarmos Barthes (1999, p. 48), naquilo que tem de profundo na escritura, de aproximar pela fruição, a morte, aquilo que o “intelectual faz pesar sobre si mesmo: sobre sua própria linguagem”. Aproximar o olhar do semiólogo com o cartógrafo do mundo virtual que ainda continua a narrar sua impossibilidade fora do texto.

## **Drogas, mágoas e uma pistola automática**

Dois caras entraram no táxi do Viana e mandaram tocar em frente. Na fissura, precisavam de dinheiro para comprar mais drogas. Pensaram em assaltar uma farmácia, mas depararam com câmeras de tevê e segurança armada. Preferiram meter um táxi.

O Viana é um ex-policial. Era um tira durão. Vagabundo com ele não tinha moleza. Escreveu não leu o Viana baixava a mão nos bandidos. Um policial à moda antiga, viril, hábil no uso de armas de fogo e firme na abordagem corpo a corpo. A bandidagem o temia, sabiam que na área do Viana o bicho pegava.

Um dia, porém, um traficante, com bons advogados e influência, foi "molestado" por Viana. Forjou provas, subornou as pessoas certas, alterou perícias e comprou testemunhas. Submetido a um processo disciplinar, constrangido e humilhado, Viana acabou deixando a polícia. Perdeu a insígnia e a auto-estima.

Depois de sucumbir à burocracia na tentativa de abrir uma empresa de segurança, Viana passou a viver de bico. Segurança em bailes, vigia, manobrista, qualquer coisa. Salários aviltantes e mágoa: uma mistura explosiva.

Naquela noite, estava trabalhando no táxi do seu sogro. Parado em uma esquina escura, cansado e

sem perspectiva, Viana acariciava sua pistola automática que levava sob o banco, quando os dois caras entraram para o que parecia ser só mais uma corrida.

Quando a lâmina da faca roçou seu pescoço e o assalto foi anunciado Viana reagiu por instinto. O policial que havia no fundo daquele farrapo de taxista ressurgiu. Como quem reage ao próprio destino, abateu os marginais com dois tiros certos.

Haviam escolhido a vítima errada, na hora errada.

A linguagem social, o Socioleto, aparece como a justificação do roteiro de nosso taxista, em que transpõe os signos da Comunicação na tentativa de querer conhecer o desconhecido através dos relatos que passa aos seus leitores. O leitor do jornal e o leitor do blog certamente se distanciam na possibilidade de uma leitura sem ter no texto o recurso de interação imediato, e o da internet, esse sim, consegue interagir com o autor ou simplesmente absorver a fala dos indivíduos, e nos seus comentários, dar vida à fala individual, o Ideoleto. O lado ficcional do texto é a permanência do Cotidiano na estrutura dos textos do taxista que vão se identificando com os leitores.

Barthes vê na literatura o "grafo das pegadas de uma prática: a prática de escrever" (1989, p. 17), e percebe a

importância do texto como a forma da língua se a manifestação cênica que ela poderá ter no jogo das palavras para combater a própria língua:

As forças de liberdade que residem na literatura não dependem da pessoa civil, do engajamento político do escritor que, afinal, é apenas um 'senhor' entre outros, nem mesmo do conteúdo doutrinal de sua obra, mas do trabalho de deslocamento que ele exerce sobre a língua: desse ponto de vista, Céline é tão importante quanto Hugo, Chateaubriand tanto quanto Zola (Barthes, 1989, p. 17).

O que se tem é a força da forma sobre o ideológico, a permanência do texto literário no saber das ciências como contribuição. A literatura é o combate diário da linguagem com o saber e nisso é que produz a realidade sempre antes de o conhecimento chegar. Ela chega antes, antecipa. Isso que antecede já está no discurso dos homens, e o que menos se espera é um desenrolar epistemológico, porém mais dramático.

Eis o texto que não é parte do conhecimento na sua escritura, na sua relação com o fato de ser um registro em que o signo se expressa através do texto como forma de narrar o cotidiano.



Para Barthes, o saber da literatura é o saber que sabe "algo das coisas", e o que ela sabe dos homens,

É o que se poderia chamar de grande *estrago* da linguagem, que eles trabalham e que os trabalha, quer ela reproduza a diversidade dos socioletos, quer, a partir dessa diversidade, cujo dilaceramento ela ressenete, imagine e busque elaborar uma linguagem-limite, que seria o seu grau zero (Barthes, 1989, p. 19).

O texto tem esse compromisso de não compreender, mas o de discorrer sobre algo, de ser o "próprio fulgor do real", de poder ser descompromissado com a idéia de estar em consonância com aquilo que vê e narra, do que com aquilo que narra e quer ter a objetividade no seu empreendimento. Os diversos significados do texto passam longe do discurso da ciência, porque ele não é um saber "enunciado", mas, sim, uma "enunciação".

As condições epistemológicas do saber estão confinadas na sua postulação no momento em que se enuncia, mas no texto literário, a enunciação é o que Barthes chama, a saber, de "o próprio real da linguagem" e apresenta o sujeito como parte dos saberes com sabores, parte de uma maquinaria de linguagem, em que antes tinha o enunciador, agora se tem a enunciação. Encontra-se

no texto o prazer como linguagem norteadora de Socioletos, em que encontramos as falas antes sem poder se manifestar.

O texto é um *intermezzo* sobre o Cotidiano, sobre aquilo que tem violento, mas ao mesmo tempo sobre as coisas que fazem parte um saber, da possibilidade de comunicar entre os leitores as experiências de um olhar observador que não julga, mas que, por fim, registra aquilo que sempre tem um poder judicativo nos discursos *Acráticos* em sua passagem ao discurso *Encrático*, e o que realmente dele se pode esperar, como um paradoxista que vê na linguagem,

a sua força de ruptura vem a ser sistemática, construída sobre um pensamento, não sobre uma ideologia. Os exemplos mais imediatos desta linguagem acrática seriam, hoje em dia: o discurso marxista, o discurso psicanalítico e, permitam-me que acrescente, em menor grau, mas estatutariamente notável, o discurso estruturalista (Barthes, 1984, p. 102).

Como bem explicou logo a seguir Barthes, na esfera *acrática* são produzidos novos desdobramentos e antagonismos de linguagem. Historicamente alguns discursos tiveram sua ruptura com a linguagem mais comprometida, mas mesmo assim, seguindo a reflexão barthesiana

sobre a legitimidade do discurso com o Poder, percebemos que ele em certo momento será destruído para depois, mais tarde, "imediatamente reviver, re-germinar no novo estado de coisas" (1989, p. 12). Barthes coloca que a razão e a resistência da ubiqüidade do poder

é o parasita de um organismo trans-social, ligado à história inteira do homem, e não somente à sua história política, histórica. Esse objeto em que se inscreve o poder, desde toda a eternidade humana, é: a linguagem - ou, para ser mais preciso, sua expressão obrigatória, a língua (Barthes, 1989, 12).

Os discursos que antes eram libertadores, no sentido, de serem clandestinos em certo momento, libertários mais adiante, depois passaram a fazer parte do corpo social, da ideologia vigente. Não se tem a certeza absoluta disso, mas, sim, de que a produção do texto é uma forma de envolver as linguagens. É tarefa do intelectual compreender essas mudanças? É o que Baudrillard chamará de nos libertar da liberação, e sempre é o outro que se liberta e não aquele que pensa em liberar.

As conseqüências estão no intenso combate da linguagem com o pensamento, no enfrentamento com o esfacelamento dos discursos

e o medo de estar liberto para sempre, numa linguagem totalmente *acrática*. Baudrillard nos mostra que se prefere que não, ao invés do querer

Preferir que não. Não mais correr, não mais concorrer, não mais consumir, não mais ser livre a qualquer preço. Tudo isto esboça a figura de um arrependimento da modernidade, de uma indiferença sutil que pressente os perigos de uma responsabilidade e de uma emancipação demasiado belas para serem verdade (Baudrillard, 1999, p. 77).

O fato de comunicar não é a certeza da libertação, é simplesmente o ato de discorrer sobre algo, aqui, sobre os acontecimentos do cotidiano. E como diz Barthes, toda a língua é uma insurreição "generalizada".

Na crônica *É um assalto?*, o nosso escritor do volante, aquele que é um detetive no olhar, um observador, muitas vezes corre o risco de transpor a literatura nas suas lentes e mexer com os signos das lentes de um passageiro.

A realidade está inserida no texto de Mauro Castro, escritor e taxista, assim como os medias estão inseridos nos discursos legitimadores da comunicação, e aqui temos um único caminho,

aquele já proposto por Barthes, o de não investigar tal qual a hermenêutica o faz, e sim do de discorrer sobre o texto nas suas cores, nos signos propostos através dos diálogos do cotidiano. Entre as realidades da violência e a do dia-a-dia do leitor que consegue absorver os acontecimentos, há um texto ficcional. A violência não é tratada como um ato de perjurar, e, sim, como o de descrever esse cotidiano, dos passageiros e do escritor.

Percorremos incessantemente os filamentos de uma linguagem que possa libertar, que possa ser alvo dos discursos *acráticos* e *enchráticos*, no sentido de ser a produção também de sentidos, de imagens. Ao voltarmos a Barthes, no que ele chamou de as "esferas *acráticas*", produzir novas divisões, também de produzir novos textos, que ele nomeou de "sistemas discursivos e ficções" que são falas fragmentadas, mas que podem estar noutra sistema com sua força de ruptura. Sobre o texto, temos o que Barthes diz sobre ser possível misturar as falas, ou seja, "só a escrita pode misturar os falares" (1984, p. 103), em que os discursos "o psicanalítico, o marxista, o estruturalista", indicam o que se chama de "uma heterologia do saber", de "dar à linguagem uma dimensão carnavalesca".

O texto é uma expressão do cruzamento dialógico dos falares, dos saberes, o que Barthes chama de assumir uma "filosofia plural das linguagens", que podemos chamar também, de uma filosofia Complexa das linguagens:

Ora esse *alhures* que resta, se assim posso dizer, *dentro*, tem um nome: é o Texto. O Texto, que já não é a obra, é uma produção de escrita, cujo consumo social não é certamente neutro (o Texto é pouco lido), mas cuja produção é soberanamente livre, na medida em que (ainda Nietzsche) não respeita o Todo (a lei) da linguagem (Barthes, 1984, p. 103).

A escrita assume esse "caráter ficcional dos falares" (Barthes), e com isso ela pode ter essa seriedade ou a leveza de ser apenas um discurso em que o narrador passa seu olhar sobre as coisas, narra a preocupação de investigar e compreender as genealogias sociais de um fato.

### **É um assalto?**

Outro dia peguei um assaltante. Não era difícil notar que era um assaltante. Apesar de mal vestido, calçava um de tênis de marca, tinha, no pulso, um relógio caríssimo e usava um óculos HB (legítimo). Na cintura, sob a camisa, trazia uma pistola 765 automática.

Claro que não notei tudo isso quando ele me fez sinal, se tivesse notado não pararia. Na verdade, ele fez questão de me mostrar e descrever item por item. Depois, ofereceu-me o relógio, o tênis

e o óculos por uma mixaria. Só não vendia o seu "brinquedo de furar moletom", a sete-meia-cinco.

Não comprei nada, claro, mas recusei a oferta com cuidado para não melindrar meu passageiro. Falei que a grana estava curta, que havia trabalhado o dia todo e já me daria por contente se ele não me assaltasse. Patético, cheguei a perguntar se ele ia me assaltar (!).

Com a maior naturalidade do mundo, ele falou que eu não precisava me preocupar. Disse que não me assaltaria, por um motivo muito simples: Ele não assaltava pobres! Vejam só, um cidadão contraventor com princípios morais, eu pensei.

No entanto, longe de ser um Robin Wood moderno, a lógica do cara era outra. A razão de ele não assaltar pobres (incluindo nesta categoria, felizmente, os taxistas), era porque não éramos bons "clientes". O cara era prático: se ele tinha que arriscar o seu regime semi-aberto à mão-armada, seria com alguém que tivesse algo a oferecer.

Cumprindo o seu discurso criminosamente correto, ele pagou a corrida e sumiu nas quebradas da Vila Maria da Conceição Degolada. No fundo, a impressão que ficou é que se tratava de uma fera bem alimentada que, naquele momento, não sentiu apetite pela féria minguada de um taxista. Menos mal.

Nesta crônica, o assaltante é discorrido como se fosse parte de um roteiro, para se compreender que a realidade não é uma unidade que apresenta as verdades, tal quais os valores da vida nos são apresentados. A realidade é contextualizada pela relação que ela tem com o inusitado das situações nesses acontecimentos da vida de um taxista.

A realidade do texto está em ser dialógica, em fazer parte de um todo, em que as partes se comunicam através do que Barthes chama de uma "heterologia do saber". Segundo Morin, podemos dizer que está na origem da complexidade da comunicação a tentativa de compreender o que é dito, escrito, nos falares do texto.

Morin (2004, p. 19) nos leva ao outro lado do texto, na sua compreensão, na tentativa de ser aquele que investiga, o hermeneuta, o que busca compreender. O que ele chama de a comunicação que "ocorre em situações concretas, acionando ruídos, culturas, bagagens diferentes e cruzando indivíduos diferentes", e ela sempre é complexa, sendo que os emissores e os receptores têm a mesma importância:

O fenômeno comunicacional não se esgota na presunção de eficácia do emissor. Existe sempre um receptor dotado de inteligência na outra ponta da relação comunicacional. A mídia permanece um meio. A complexidade da comunicação continua a



enfrentar o desafio da compreensão (Morin, 2004, p. 19).

Com as possibilidades de a comunicação existir a partir do que Morin chama de "compreensão da complexidade comunicacional e cultura contemporânea" (2004, p. 11), teremos o caminho para compreender mais a extensão das novas tecnologias (tecnologias digitais). Ao assumir esse papel de emissor-receptor, e de um novo tipo de se transmitir a informação do texto, do hipertexto, à interface da linguagem que se soma ao texto que apenas discorre sobre a realidade.

O recurso do escritor taxista não difere muito do jornalista escritor, de se valer do cotidiano para narrar os fatos, mas acontece que para o volante do escritor o fio da realidade sempre passa pelos segundos em que são levados à memória estes acontecimentos e transformados em texto mais adiante. É a atualização das informações que nascem dos fatos que para Morin (2004) serão o "excesso" de informação, uma plena falta de organização e, em consequência, uma "carência de conhecimento".

No texto de Mauro Castro, encontramos o cruzamento de linguagens, o excesso de informação, o extravio de conhecimento, mas também, a busca incessante da escritura, que procura, através da imagem, o signo mais adequado para compreender o cotidiano que lhe é apresentado.

## 2.3 A Complexidade entre Blogs e suas implicações na Comunicação

Neste trabalho buscamos o tempo da Complexidade das palavras, da linguagem que entra no texto, daquilo que os Blogs escolhidos possam significar e transparecer como discursos de um tempo à Comunicação. Esse tempo perdido, seguindo a idéia do ensaio de Deleuze sobre Proust, na busca do que se perdeu, e que é descoberto para depois ser redescoberto, na sensibilidade dos "signos sensíveis" que se perdem nas linhas de um tempo. Toda mundanidade, toda presença que se esfacela no momento em que está apresentada como signo, a linguagem que pressupõe as falas, os falares que vão incluir sempre o discurso fora e dentro do Poder.

O Socioleto que se amalgama à fala, aos falares, diz respeito ao Imaginário de cada discurso e, sem perder de vista, Barthes (1984) entra no que chama de "divisão das linguagens", que é a "sociedade com suas estruturas socioeconômicas e neuróticas", que intervém "construindo a linguagem como um espaço de guerra". Afirma que a sinonímia possibilita que o fato de a linguagem dividir-se é natural, mas na guerra da linguagem não é natural. Barthes enuncia que essa divisão não é uma simples divisão de classes sociais, é muito mais, trata-se de uma separação de linguagens e não de sujeitos. Tal qual acontece nas novas tecnologias, as linguagens não são apenas registros diferenciados,

pois podem ser que estejam na origem, na sua origem enquanto linguagem que os diferenciam. Barthes é o fio condutor para entrarmos em Morin quando nos lança as questões sobre o que chama de

sistemas de linguagens que se enfrentam, nas individualidades, são *socioletos*, não *idioletos*; (...) e que a divisão das linguagens se marca sobre o fundo aparente de comunicação: o idioma nacional; para ser mais preciso, direi que à escala da nação, compreendemo-nos, não comunicamos: no melhor dos casos temos uma prática *liberal* da linguagem (Barthes, 1984, p. 102).

Ora, as falas, os falares, sinalizam o tempo dos textos, de sua transposição e compreensão no momento em que estão postados, no caso do blog. Quando o texto escrito no jornal, no livro, ali está posto aos olhares, ao crivo do leitor que terá o tempo suficiente, um instante eterno, de entrar, de compreender o cotidiano, de interagir apenas no entendimento e não como se dá no caso do blog. Eis as diferenças que marcam os textos, que os aproximam e, ao mesmo tempo, os distanciam.

Escolhemos os Blogs para refletir sobre a problemática, que advém dessa guerra de linguagens já no texto. Procuramos nos localizar diante de questões que a Sociologia da Comunicação, que

o pensamento contemporâneo vem trazendo como contribuição aos estudos de comunicação. Maffesoli propõe para a contribuição dessas questões o que chama de "estilo comunicacional", em que há rompimento com a lógica da identidade e com o princípio de individuação. Existe essa aproximação dos estilos, das teorias, e a duplicidade na linguagem nos leva ao Paradigma da Complexidade, à dialogicidade entre as linguagens e para outras experiências, proporcionando a compreensão da comunicação:

O discurso das mídias, à imagem de um social que não mais tem orientações precisas, não mais acredita nas narrativas de referência que sobressaem, não tem afinidades preestabelecidas, mas expressa, em seqüência, as paixões, os afetos, os sentimentos vividos no dia-a-dia da existência imediata (Maffesoli, 1995, p. 82).

Temos o pensamento Complexo, que serve como instrumento norteador para essas questões, que para nós é muito mais do que isso, é parte importante e principal para refletirmos as linguagens dos dois blogs. As semelhanças e dissemelhanças são tratados, sob a ótica do Paradigma da Complexidade, que nos apropriamos de Barthes, de Maffesoli, de Simmel e de tantos outros teóricos e pensadores que escolhemos para fazer essa aventura da complexidade sobre os blogs através dos textos.

Maffesoli (2004), em seu ensaio para o livro *A genealogia do virtual*, chamado *A Comunicação sem fim*, nos lembra que a sociologia da comunicação diz que "a emissão não pode controlar efetivamente a recepção" (p. 22). Isso sinaliza o problema da "mundialização", da "globalização" da comunicação, sobre a qual Morin reflete ao dizer que ela nunca é completa, que nunca se realiza plenamente, por se tratar de um ideal que não se realiza pelo fato desta "Globalização" – que aparece como uma categoria a *posteriori* –, nem por não ficar reduzido ao comunicacional, estando sempre relacionado aos demais problemas.

Em Morin, a Comunicação deve estar na "interface" com o Conhecimento, e não basta informar para se ter a compreensão. Tal como concebe sobre os caminhos da universidade, em que diz que ela deve "ultrapassar-se para se reencontrar", a linguagem está sempre nos limites dessa compreensão. Ela pode estar ultrapassando sem reencontrar-se. Morin nos oferece, entre os princípios<sup>1</sup> para se pensar a Complexidade, que servem aqui, e porque não na teoria da Comunicação, a possibilidade de refletir os textos, de compreendê-los na sua origem, na sua proposta, naquilo que eles podem dar conta, no seu propósito original, o de apenas estar entre os leitores.

---

<sup>5</sup> Temos os sete princípios de Morin que servem como guia para se entrar no pensamento complexo. É uma escolha para a nossa compreensão dos textos que nascem na mídia mediada e vão para uma mídia não-mediada.

Pensamos na importância do intelectual, do jornalista. No caso do Marcelo Coelho, quando escreve seu texto, seu registro se fixa, se mostra com forma e conteúdo; na sua precisão analítica, nos lança temas, assim como a idéia do intelectual para Lévy quando diz que está além da doxa. Diremos que o intelectual está aquém, também dos temas mais sofisticados, da episteme, entremeados entre um e outro.

O intelectual em Barthes (1975) é o que "imprime e publica a sua fala", é o que vai além das possibilidades de comunicar, no caso, do escritor, porque ele é o que começa a escrever "onde a fala se torna impossível". "A linguagem é sempre poder, falar é exercer uma vontade de poder: no espaço da fala, nenhuma inocência, nenhuma segurança" (p. 29).

Podemos observar que nesse contexto de linguagens que vão das categorias *a priori* tomadas para o nosso trabalho, na qual podemos fazer com que as aventuras da Comunicação, através do pensamento complexo, acabam proporcionando-nos de outras contribuições que compreendem entre si, a saber, as categorias *a posteriori*. Entramos nas questões por categorias, as quais se inserem em nossa análise sobre os Blogs e são importantes. A Globalização é um aspecto que empregamos sob o enfoque teórico de Giddens e que, através da reflexão de Morin, também podemos chamar de "mundialização". Depois passamos à categoria Cultura que, por meio de Morin, será um dos alicerces para o nosso melhor

entendimento dos Blogs. Temos também o Mito, o qual, por intermédio de Morin, poderemos melhor percorrer o imaginário das linguagens relacionadas com a realidade de cada texto e na história. Passamos as categorias Modernidade e Pós-Modernidade naquilo que uma contempla a outra, ou seja, a Modernidade na sua tentativa de superação (Vattimo) e a Pós-Modernidade (Maffesoli), na sua polissemia em relação aos signos do presente, na sua aposta ao Cotidiano. Depois entramos no Imaginário (Castoriadis e Maffesoli), nas possibilidades de compreensão do real, através dos signos que se ocultam nas linguagens, nas imagens, em sua radicalidade e alteridade, e que apresenta como o que pode ser. Depois aparece a Socialidade (Maffesoli) como mais uma categoria *a posteriori*, a qual podemos identificar no *corpus* deste trabalho como um importante caminho para melhor entendermos a relação dos Blogs com os discursos empregados por seus autores e a relação com a produção de sentido na contemporaneidade. A Violência (Maffesoli) surge como uma lógica da dominação e contra ela podemos nos valer da diversidade das linguagens. Por último, a categoria Ideologia (Morin, 2001), que aparece como um sistema de idéias que busca intervir na realidade, que por vezes é carregada "de forte substância mítico-religiosa" e pode desenvolver "um extraordinário poder de subjugação e de posse" (p. 183).

O texto, o bom texto, direciona-se sozinho entre os leitores. Nasce em momentos diferentes. Em Marcelo Coelho, surge

temas que são gerados na mídia, de acontecimentos políticos, mas aqui, escolhemos os que são trazidos ao nível da discussão, por exemplo, de um ator ter sua escolha partidária inserida como notícia e discutida por ele no jornal como opção livre e intelectual. Sem juízo de valores, mas sem conseguirmos fugir do crivo crítico, aqui a função do intelectual, que interfere e proporciona aos leitores sua análise sobre o entendimento que o ator tem sobre questões que estão no mundo da "doxa" e da "episteme". Podemos empregar o Princípio Hologramático nos textos sobre o ator Paulo Betti, em o *Argumentos de Paulo Betti* e no *Esqueçam Paulo Betti*, como entrada pelo lado da opinião ao crivo do olhar analítico do jornalista.

Morin, em seu pensamento complexo, diz que cada parte contém uma parcela de informação do objeto e, no holograma, essa informação não passará de uma simples evidência de linguagem (tomando Barthes), se não percorrer as partes que o separam para completar o todo. Os argumentos, retomando os dois textos, trazem à realidade o que está separado, o que está sozinho, como verdade, no tema e na forma, e são contemplados no pensamento complexo que:

O pensamento complexo é o pensamento que quer pensar em conjunto as realidades dialógicas/polilógicas entrelaçadas juntas (complexos). (...) deve ultrapassar as entidades fechadas, os objetos



isolados, as idéias claras e distintas, mas não deve deixar-se encerrar na confusão, no vago (Morin, 2001, p. 430).

Essas contribuições do pensar *complexus* são guias para o nosso trajeto antropológico, as quais vão ao encontro do texto e de sua origem que não se fecha na produção e se abre como linguagem sempre aos leitores.

O jornalista, intelectual, coloca as questões no emaranhando de sua complexidade. Proporciona ao leitor suas leituras na margem, no rodapé, como crônica, como diário virtual, como pensamento e linguagem Encrática, mas também como inclusão no que ele se mostra. Não há como não fugir dos riscos do entendimento, por isso, optamos em colocar os comentários, para diferenciar o que é postado como texto e como interação por parte dos blogueiros e leitores.

Morin vê no Princípio Hologramático, que nos auxilia para a compreensão do Blog **Cultura e Crítica**, o que está inscrito na parte e no todo,

Cada célula é parte do todo - organismo global -, mas o próprio todo está na parte: a totalidade do patrimônio genético está presente em cada célula individual; a sociedade, como todo, aparece

em cada indivíduo, através da linguagem, da cultura, das normas (Morin, 2003, p. 26).

Temos nesses dois textos um embate, não apenas uma guerra de linguagens, porque o que parecia ser uma simples opinião, uma opção, o jornalista amplia o que já tinha sido ampliado por Rose Marie Muraro ao defender o direito de o ator se manifestar. O que Marcelo Coelho nos proporcionou foi essa possibilidade de melhor o leitor conhecer os lados, todos, do holograma, sem que ficassem fixo na idéia inicial de sua origem, a saber, do primeiro texto. A rede é o espaço apropriado, assim como o jornal é o lugar em que foram reverberadas as idéias de Paulo Betti.

O jornalista, assim como o taxista, têm o blog para expressar seus textos e expor suas idéias. A única diferença que o legitima até então é que ele se vale da escrita, o texto já parte de seu discurso, mas isso não impede de legitimarmos o texto de um taxista, ao dominar a escrita também, e poder tecer comentários políticos e culturais, por exemplo.

Em uma mesma perspectiva, no texto de Mauro Castro, em **Taxitramas**, no texto que vai das páginas do *Diário Gaúcho* ao blog, nos textos como *Drogas, mágoas e uma pistola automática*, no *É um assalto?*, podemos ver que eles estão inseridos no Princípio Hologramático, se analisarmos a origem de sua escritura. Os

pontos que fazem o holograma estão na totalidade representado do objeto em questão e a linguagem, mesmo que possa parecer de uma crônica, tem sua legitimidade naquilo que enfatiza, o de refletir junto aos leitores. Morin coloca que esse princípio está presente não apenas no mundo biológico, porém no sociológico, e teremos uma aparente idéia paradoxal, mas que ao mesmo tempo "imobiliza o linear":

Mas na lógica recursiva, sabe-se muito bem, o que é adquirido no conhecimento das partes volta-se sobre o todo. O que se aprende sobre as qualidades emergentes do todo, tudo que não existe sem organização, volta-se às partes. Então pode-se enriquecer o conhecimento das partes do todo e do todo as partes, num mesmo movimento produtor de conhecimento (Morin, 2005, p. 75).

Nos dois autores podemos ver que as linguagens estão contidas nos fragmentos da própria linguagem, da guerra de linguagens, como diz Barthes. Para Morin, elas ganharão a compreensão no momento que podem estar no Princípio Sistêmico ou Organizacional, apenas para acrescentarmos em mais um princípio.

Morin liga o Conhecimento – que surge com uma categoria a *posteriori* – as suas partes, tanto em Marcelo Coelho como em

Mauro Castro, esse princípio pode nos mostrar mais um roteiro para o entendimento dos autores escolhidos. Para Morin, só uma visão simplificada afirmaria que a parte está no todo:

A visão complexa diz: não só a parte está no todo; o todo está no interior da parte que está no interior do todo! Esta complexidade é algo diferente da confusão de que o todo está em tudo e reciprocamente (Morin, 2005, p. 89).

Nesse princípio, observamos que a idéia de organização está ligada ao que Morin chama de "um coquetel de ordem, desordem e organização" (p. 98). As organizações têm a necessidade desse dualismo, dessa quebra de equilíbrio para aquilo que se perde e o que se regenera, mas será na sua organização que devemos nos aproveitar da desordem.

De um lado, podemos chamar e distribuir em duas categorias de autores, de escritores: por um lado, o jornalista e o hermenauta; de outro, o semiólogo. O hermenauta procura na linguagem sua origem, procura no texto a melhor forma para construir seu pensamento. As idéias partem da não-redução dos argumentos, já nascem no todo e contemplam as partes. O semiólogo vê nos acontecimentos as imagens, o cotidiano, o fragmento da vida que

partilha com o todo, o que Morim chama de "idéia sistêmica, oposta à reducionista", os quais de fato preenchem esse todo com as partes da vida:

Do átomo à estrela, da bactéria ao homem e à sociedade, a organização do todo produz qualidades ou propriedades novas em relação às partes consideradas isoladamente: as emergências (Morin, 2003, p. 26).

Maffesoli diz que a "comunicação, antes de tudo, remete ao estar-junto" e a informação, "ao utilitário". Para ele existe o que se chama de uma diferença essencial entre a comunicação e a informação, e então daí nascem o que as afastam e as aproxima:

Há redundância na expressão informação e comunicação ou comunicação e informação. Mesmo que o termo informação seja instrumentalizado, tornando-se alvo de críticas, há todo um substrato, uma potência 'societal' que força, em determinado momento, um conceito ou termo a ocupar novamente o centro da cena, o primeiro plano de palco das práticas sociais (Maffesoli, 2004, p. 22).

Temos essa resistência às linguagens instituídas, essa contrariedade ao que se impõe como linguagens que formam o Socioleto, através desse paralelo de sentidos, que andam ao lado, mesmo distantes, produzindo sentidos de um tempo. Linguagens que estão impressas em um jornal, digitalizadas em signos na Rede, que perpassam a simples leitura, que proporcionam essas interfaces, mas mesmo assim não nos garantem uma linguagem perfeita.

Nos textos do **Taxitramas**, assim como em **Cultura e Crítica** poderemos observar a relação de causa e efeito que rompe com a linearidade. É como Morin dirá sobre o Princípio do Anel Retroativo, em que para ilustrar seu pensamento sobre possuímos, "genes que nos possuem; possuímos idéias e mitos que nos possuem; somos gerados pela sociedade que geramos" (1997, p. 62-63). No Anel Retroativo há esse duplo jogo de linguagens, de cenas que entram na criação textual dos autores escolhidos. Com mais intensidade em um ou em outro, com mais fragmentação em um e mais duplicidade em outro, o que temos é a diologicidade de pulsão morte/pulsão vida. Morin nos mostra que, ao mesmo tempo, andam juntos: "repetição e recomeço" e "devir e dispersa". Existe o que ele chama de complexidades potenciais na retroação do anel que rompe com a unidimensionalidade do conhecimento. Mesmo assim nada impede que, "em todo devir, a retroação positiva",

A evolução dos organismos vivos e a história antropossocial são novas núpcias destruidoras e criadoras entre a desordem e a organização. A forma mais aterrorizadora da desordem no interior de uma organização, a retroação positiva, torna-se o fermento necessário às evoluções e à onda de choque das revoluções (Morin, 2002, p. 276).

Como Morin (2005) fala, precisamos compreender que a Complexidade necessita de "uma mudança bastante profunda de nossas estruturas mentais" (p. 87). Devemos romper com a linearidade dos acontecimentos, precisamos partir para a circularidade do pensamento.

Observamos que em textos como o *Esquecimento da política*, de Marcelo Coelho, existe a força da retroação positiva, como construção de um pensamento que rompe com o que já existiu, mas ao mesmo tempo, o que existiu é uma força que advém de sua permanência enquanto se apresenta como o outro lado do pensamento. Sem juízo de valores, o que temos é a possibilidade do que é feito, criado, tornar-se criador mais adiante. Temos uma guerra de linguagem, uma luta dos discursos que se atêm aos "falares" do social.

Podemos observar nos dois Blogs uma força que os jogam para o momento em que são produzidos. Os textos são partes da produção e "causadores do que os produz". Morin demonstra o Princípio do Anel Recursivo como a superação do que é autoproduzido e auto-organizado. Morin chama de "rotação recursiva" são os circuitos, que irão

Sempre se encontrar em todos os processos recursivos são os circuitos, os ciclos, as reiteraões, os recomeços, ou seja, a roda. Em, suma, tudo o que é existência, tudo o que é organização ativa faz a roda. Os sóis fazem a roda, as plantas fazem a roda, os ciclones fazem a roda (...). O homem acredita ter inventado a roda, enquanto ele nasceu de todas essas rodas (Morin, 2002, p. 279).

Morin acrescenta que um processo recursivo é aquele que coloca em igualdade o produto e o produtor. O texto, a produção de linguagens e os sentidos nascem, e os efeitos logo são causas e produção do que as criou:

Nós, indivíduos, somos os produtores de um processo de reprodução que é anterior a nós. Mais uma vez somos produtos, nos tornamos os produtores do processo que vai continuar. Esta idéia é válida também sociologicamente (Morin, 2005, p. 74).

Ora, temos nos dois autores produtores que ao produzirem são produtos de seus próprios intentos, já transformados em linguagem, indo ao encontro do rompimento da idéia recursiva do Paradigma da Complexidade, ou seja, quebrando a "idéia linear de



causa/efeito": "O produto é o produtor do que o produz" (p. 87).

Assim como Mauro Castro em seu **Taxitramas**, como Marcelo Coelho, em **Cultura e Crítica**, produzem seus textos também são causadores daquilo que já está criado, os Blogs. O texto tem sua força circulante na rede, na linguagem que retorna aos autores como produto daquilo que foi criado, interagido com os leitores.

Retornamos ao Maffesoli que dá exemplo de como são formados os grandes grupos de mídia no Brasil, que se estabelecem como "microgrupos", que unem os "universos segmentados", e em que existe uma informação não totalmente instrumentalizada. Essa informação é oferecida às necessidades e ao entendimento de regiões, fazendo com que isso se torne significado de uma linguagem, que parte de uma realidade como interpretação e interesse de um certo imaginário social e que é passado aos leitores:

A instrumentalização da informação aconteceria se essa informação fosse total, global, capaz de dar nova substância ao velho fantasma do universalismo. Ora, na prática, a informação só consegue unir microgrupos, microcosmos, universos segmentados (Maffesoli, 2004, p. 22).

Nos jornais brasileiros, nesse exemplo de Maffesoli, a informação vem se estabelecendo representante de uma linguagem

regional, pois muito mais que na França e que em um jornal como *O Globo*, por exemplo, representa o "espírito carioca" e, em jornais como *Folha de São Paulo* e *O Estado de São Paulo*, expressa muito os interesses paulistas. Acontece que na Rede, mesmo que a informação parta de um local, geograficamente estabelecido, identificado, sempre teremos como base sua origem de partida, mas no momento em que se apresenta, já está em um outro espaço, na *Blogosfera*. No que se refere à informação vinda dos jornais, teremos que:

(...) dentro de cada jornal, as diferentes seções conquistam públicos específicos. Raramente a informação alcança todos ao mesmo tempo. Quase nunca ela é universal. Esse é um mito do jornalismo ocidental (Maffesoli, 2004, p. 23).

Reportamo-nos ao objeto de nosso estudo, aos blogs de Marcelo Coelho, **Cultura e Crítica**, e ao **Taxitramas**, de Mauro Castro. Podemos observar que eles não estão afastados pela distância geográfica apenas, mas por seus imaginários, suas tentativas de sempre pensar seu local, a sociedade diferenciadamente. Estão próximos no imaginário social e cultural que os aproximam ao Cotidiano, e nessa semelhança é que os discursos se realizam no interior de cada linguagem. Universais enquanto partem do Princípio

de Auto-eco-organização, ao mesmo tempo, são fragmentados pela impossibilidade da existência de um sistema totalizante.

Morin nos mostrou em sua autobiografia, *Meus Demônios*, que mesmo não existindo mais o pensamento totalizante não significa que não se buscaria um saber global, mas, sim, que estaria ligado dialogicamente à "consciência do caráter fragmentado e inacabado de todo conhecimento humano". Contra o pensamento unidimensional, temos o que se fragmenta e o que se une no saber. Temos a Auto-eco-organização que regenera as partes perdidas, que recupera o esquecido, como o regenerar das células. Temos a produção dos textos transformados por ela em auto-eco-produção do que está diluído nas linguagens. Para Morin, o Princípio da Auto-eco-organização tem um

Valor hologramático: assim como a qualidade da imagem hologramática está ligada ao fato de que cada ponto possui a quase-totalidade da informação do todo, de certa maneira, o todo, enquanto todo de que fazemos parte, está presente na mente (Morin, 2005, p. 88).

As linguagens existentes nos Blogs enfrentam aquilo que Maffesoli chama de "racionalismo utilitário da informação"; o que Morin nos mostra como a compreensão de não estar ligada "à

materialidade da comunicação, mas ao político, ao existencial, a outras coisas". Em Barthes, a Semiologia, como expressão de compreensão do que se lê, é o método que poderá trazer a linguagem junto a uma ficção. E que a cada discurso esse método poderá existir sem impor, sem que faça parte de uma linguagem que domine o outro.

Temos esses aspectos evidenciados no Princípio da Reintrodução, naquilo que se expressa como recuperação do sujeito diante do que se perdeu na instrumentalização das ciências são identificados nos textos de Mauro Castro, o sujeito traduzindo a realidade. Encontra-se em Marcelo Coelho a cultura traduzindo e sendo traduzida pelo sujeito. A reintrodução do pensamento complexo opera como

(...) restauração do sujeito e ilumina a problemática cognitiva central: da percepção à teoria científica, todo conhecimento é uma reconstrução/tradução por um espírito/cérebro numa certa cultura e num determinado tempo (Morin, 2003, p.28-29).

O que se tem é a integração, a complementaridade dos autores com o seu objeto, com suas linguagens. Os textos estão refletidos em espelhos, em que os autores demonstram todas as

possibilidades de serem contraditórios e, ao mesmo tempo, que sinalizam o entendimento.

Neste princípio, todo "conhecimento é uma reconstrução/tradução" observa Morin, e toda tradução da realidade, das coisas que fazem parte dos autores, permanecem como idéias circundantes, permanecem nascendo a todo instante como uma restauração do sujeito em relação ao outro:

A qualidade de sujeito permite-nos percebê-lo na semelhança e dessemelhança. O fechamento egocêntrico torna o outro estranho para nós; a abertura altruísta o torna simpático. O sujeito é por natureza fechado e aberto (Morin, 2003, p. 77).

O que temos é esse interpretar, essa leitura, uma tradução por parte do sujeito da realidade, por ora distorcida quando olhada pelo outro, outras vezes, aparece como bom entendimento das coisas, uma boa "leitura de mundo", como se diz popularmente. Temos a quebra de paradigma (aqui no sentido empregado por Morin nos Métodos para sustentar o pensamento Complexo), que ajudará nossos autores a dialogar com os textos, ao mesmo tempo que o texto dialoga com eles.

O Paradigma da Complexidade é, na Comunicação, esse amálgama de interpretações, de idéias e registros autorais. Essa tentativa

de melhor compreender as linguagens dos blogs escolhidos. Em Barthes a “maquinaria de linguagens” será a saída para melhor se compreender os discursos e com isso poderemos nos aproximar do que Maffesoli chama de a comunicação ser a *reliance*, a que faz a “relição” dos discursos, e que buscamos em Morin o dialógico nos discursos.

A importância desses discursos nos Blogs dos internautas, que criam e desenvolvem um novo meio de se comunicarem, além das suas formas de informar e, portanto, poderemos achar no texto de Mauro Castro essa relação do criador, do blogueiro que, no seu diário virtual, nos lança sua visão de mundo, de um cotidiano que está além do mundo virtual.

Esses registros, esses processos de Comunicação, são a nossa matéria-prima para a reflexão que faremos ao longo da tese, em que a dialogia dos discursos se insere no *corpus* da nossa leitura em relação aos Blogs e suas formas de estar e ser mais um meio de Comunicação, agora onde não se informa, mas se geram conteúdos.

Os dois blogs estão unidos nas suas diferenças, no Princípio Dialógico, no que existe de indissociável na realidade que os separa. Esse princípio é o que Morin nos coloca no lugar da dialética, nos faz ir adiante, no texto, sem percorrer caminhos do que se poderá fechar. Percorrendo um trajeto da Complexidade,

das possibilidades de compreensão com as partes. Opta pela forma heraclitiana, no que se pode unir na mesma realidade o que está separado. O que se pode ir além, naquilo que está vindo ao encontro e naquilo que está se separando. Isso diz respeito ao dialógico, pela complexidade do Dialógico. Afasta-se da dialética hegeliana, mergulha no desconhecido da vida, encontra na contradição não a solução, não a síntese, mas o antagonismo.

Para Morin o que se manifesta a partir dos antagonismos são os fenômenos que a Complexidade irá dar conta, não sua totalidade que se fecha, mas no que se abre sempre para os novos problemas. Demonstramos a questão da ordem e da desordem que em Morin é vista como dialógica:

A ordem e a desordem são dois inimigos: um suprime o outro, mas ao mesmo tempo, em certos casos, eles colaboram e produzem organização e complexidade. O princípio dialógico nos permite manter a dualidade no seio da unidade. Ele associa dois termos ao mesmo tempo complementares e antagônicos (Morin, 2005, p. 74).

Mas Morin, de forma dialógica, problematiza em *A natureza da natureza*, acenando sobre as questões que marcam a dialética e as condições para a aplicação dos princípios:

Eu disse dialógico não para afastar a idéia de dialética, mas para fazê-la derivar daí. A dialética da ordem e da desordem se situa no nível dos fenômenos; a idéia de dialógico se situa no nível do princípio e, eu já ousar avançar, (...) no nível do paradigma. Efetivamente, para conceber a dialógica da ordem e da desordem, é preciso deixar suspenso o paradigma lógico em que ordem exclui desordem e inversamente que desordem exclui ordem (Morin, 2002, p. 105).

As sementes foram lançadas sobre a dialógica, que percorrerá toda a caminhada do pensamento complexo e que podemos observar existir nos textos de Mauro Castro, com mais freqüência, mas também nos textos de Marcelo Coelho.

É a partir deste princípio que teremos as bases para o desenvolvimento do pensamento Complexo. Nos textos, quando lidos na sua estética, na forma que entra como linguagem social, que se apresenta como fragmentos no Cotidiano (na sua superfluidade de imagens), Morin chama de "paradigma simplificador", o da disjunção e da redução, e como ele completa, "não pretendo tirar de meu bolso um paradigma complexo" (2005, p. 76-77).

Ora, o Princípio Dialógico, paradoxalmente do que pensamos, está em todo o Marcelo Coelho e em Mauro Castro. É como Morin coloca em *O Método 3*, são os "inconvenientes da complexidade, sem deixar de ser inconvenientes, tornam-se vantagens", e tudo isso explica que não há



somente justaposição e tolerância, mas também dialógica entre ordem e desordem cerebral, discurso lógico e vapores fantasmáticos; nessa dialógica, o imaginário pode transformar-se em imaginação e a idéia 'louca' estimular ou enriquecer o pensamento racional (Morin, 2002, p. 112).

A nossa iniciativa está em analisar o texto e as consequências que ele tem na produção de cada autor. É o que buscamos encontrar de significativo como linguagem na Comunicação (no sentido de estar dentro de compreensão das formas novas formas produção e recepção) e de informação (no sentido de ser o eco tecnológico do que está sendo produzido).

Como amostra de um todo que se revela ao longo da tese, os textos cruzam-se no caminho da complexidade, na interface da Comunicação e, da mesma maneira como encaramos as questões teóricas, as categorias aplicadas nos autores, podemos prever que os princípios que os unem são os que os diferenciam.

Temos a conjunção dos princípios que fazem dos textos a possibilidade de dialogarem, cruzando registros, impressões que partem dos autores, em um processo de compreensão dos fatos, dos acontecimentos e que rompem, na nossa leitura, com o pensamento simplificador. Temos o que Morin preconiza:

O princípio da complexidade, de todo modo, se fundará sobre a predominância da conjunção complexa. Mas, ainda aí, creio profundamente que se trata de uma tarefa cultural, histórica, profunda e múltipla. Pode-se ser o São João Batista do paradigma complexo e anunciar sua vinda sem ser o Messias (2005, p. 77).

O que Morin nos propõe é juntar as partes, causa e efeito, para sermos produto e produtor. Ser o produto de nós mesmos. Vemos nos textos essa confluência do Uno e do Múltiplo, o "Uno não se dissolverá no Múltiplo e o Múltiplo fará ainda parte do Uno" (p. 77).

A importância de os textos se falarem é muito mais de ordem de leitura de mundo, no caso, diremos, de imaginários. Dois imaginários se cruzam e tomam seu trajeto para outro espaço, o dos Blogs. Os Blogs produzem sentidos? Os dois blogs podem representar a entrada à observância teórica do Paradigma da Complexidade? Perguntas que, para nós, circulam e percorrem os caminhos da Complexidade, pelos caminhos da Comunicação e deságuam nas possibilidades de novas leituras propostas por Morin.

## O PARADIGMA DA COMPLEXIDADE E AS LINGUAGENS DO COTIDIANO

O que nos levou aos Blogs **Cultura e Crítica** e **Taxitramas** certamente foi a Complexidade deste tema. O não-fechamento das idéias em torno de uma teoria. Podermos ver a Complexidade em suas variações, em suas impossibilidades de simplificações na unidade. Aqui a unidade é considerada una no sentido aristotélico de unidade, ou indivisível, "de ser desprovido de partes ou de suas partes serem inseparáveis da totalidade e inseparáveis entre si" (Nicola, 1998, p. 979). E buscamos nesta tese aquilo que sobrou da unidade, seu fragmento, o ser. O sujeito é mais do que apenas parte da unidade, não um absoluto kantiano do pensar e a necessária ligação aos objetos em sua inseparabilidade.

Estamos de acordo com Morin, que propõe, com o Paradigma da Complexidade, novas posturas de o sujeito se relacionar com as

partes, fazendo da unidade apenas o fragmento de um todo. Para ele a Complexidade não é complicação, e o complicado é pode, sim, simplificar em sua tentativa cega de ver a unidade nas partes, de se perder no emaranhado das coisas simples em que poderia encontrar sua diversidade. O verdadeiro problema da Complexidade está na base. O Paradigma da Complexidade cria um novo tipo de unidade, qual seja a sua não-redução, no circuito:

O paradigma da Complexidade não é antianalítico, não é antidisjuntivo: a análise é um momento que volta sem parar, ou seja, que não se afunda na totalidade/síntese, mas que também não a dissolve. A análise é que chama a análise, e isso ao infinito em um produtor de conhecimento (Morin, 2002, p. 462).

Entrar nas questões legadas do pensamento complexo nos possibilitou uma certa cumplicidade teórica. Privilegiamos o pensamento complexo de Morin em que nos permite a passagem por essa viagem, através de outros teóricos e estudos, sobre as questões que estão no nosso imaginário intelectual. Foi uma decisão da Complexidade em detrimento de um pensamento único, linear, que sempre procuramos nos aventurar pela Comunicação e pela produção de linguagens e sentidos dos Blogs.

Não se fecha o que é complexo, o Cotidiano não foi apenas observado de fora, entramos nele, pela literatura, pelo convite analítico feito por Barthes em desmitificar e de sua crítica ao espírito da Ciência com os saberes da literatura, porque exatamente sabe trabalhar com os *espaços* – como sugere Blanchot (1987) – da Ciência. Ora, com as brechas teóricas, podemos ver através de Maffesoli (1988), não uma desestruturação do objeto em questão, os Blogs, mas sua invocação ao Cotidiano, ao presente. Aqui conseguimos tratar melhor as questões teóricas sugeridas e os problemas que nascem a cada reflexão quando terminada a última. Não nos importa a redução, mas a abertura dos arquivos, como prefere Derrida (2001), daquilo que exatamente está secreto, fechado. A Complexidade se abre, mesmo que para o desconhecido, porque o que se dissimulou é o que se jogou à tona dos acontecimentos, do presente.

Os Blogs, pelo intermédio, pela mediação da Complexidade, nos sensibilizam não por sua mensagem ou conteúdo, mas por fazerem parte desta abertura, desses instrumentos de novas linguagens e domínios da técnica, na qual, ainda não foi superada sua relação com o sujeito na tentativa de dominá-lo por completo. Podemos observar as linguagens e as técnicas como parte na vida de todos. Nem por isso as reflexões acerca destes temas se esgotaram por estarmos vivendo uma nova era tecnológica.

Nesta tese foi possível observarmos que nos textos analisados, o pensamento abstrato, o desejo de tê-los como garantia de um conceito é possível, mesmo afirmando de forma peremptória, com a palavra "sempre", que existe um tom que denota uma verdade. Contudo, esse "sempre" não é o reduto da simplificação do Conhecimento, mas apenas um jogo de palavras, como no próprio diário, na crônica, quando se usa a linguagem escrita, a qual preferimos. Neste nosso campo teórico, optamos pelo lado do pensamento aberto. Nos apropriamos da linguagem na sua relação com a importância que a criação dos textos nos Blogs tem com o fazer e o praticar da Comunicação.

Não nos alvoramos ao desconhecido simplesmente porque ali caberia o Paradigma da Complexidade, mas exatamente porque aquilo que a Modernidade quis dar conta, não conseguiu e, no pensamento complexo, através da Sociologia Compreensiva e da Complexidade, conseguimos melhor compreender esse fenômeno, e podemos a partir daí discutir melhor certas questões que são caras demais ao campo da Comunicação.

Podemos ver, na Comunicação, que toda vez que legitima um discurso, logo vem uma carga que carrega a crítica da técnica em si, e esse é um dos fatores em que parece não haver muito espaço nas novas tecnologias. Não porque se encontrou o melhor dos mundos, mas porque a própria técnica agora serve de conteúdo para as tecnologias.

Não procuramos reduzir nossos questionamentos a levantamentos de dados, de comparações com as produções na Rede, das ferramentas exigidas para a criação de um Blog. Não era esse o nosso propósito, e sim o de refletirmos sobre a linguagem e sua interação com os sentidos postos pela produção de textos e o que isso possa contribuir às nossas preocupações sobre o espaço comunicacional atualmente.

Podemos observar que a Teoria da Comunicação, os estudos da Comunicação, se protegem em suas tentativas de compreensão através de métodos e técnicas provenientes do legado Moderno, qual seja, da redução de sentidos e da aplicação de teorias que no fundo afastam o sujeito de suas impossibilidades e possibilidades de ver além da simples relação com do emissor/receptor. Não estamos propondo uma nova Teoria da Comunicação, mas estamos lançando as possibilidades que podem estar na Complexidade, nas novas produções de sentidos, nas linguagens à margem do estabelecido, como sendo possíveis aos estudos da Comunicação.

Barthes (1989) sugere-nos "trapacear" para podermos ouvir a língua fora do Poder, mas isso é o que procuramos no dia-a-dia, ou seja, termos as condições de jogar com a linguagem, termos as possibilidades de controlar aquilo que não podemos jamais atar, a produção individual e os sentidos. O resto é domínio, mas aqui, não estamos mais nessa arqueologia, de saber quem domina quem, mas de sabermos o que foi feito dos domínios da razão. Na observância

teórica de suas aplicações, percebemos que há indícios e que nascem de outras tentativas de domínio, seja pela espetacularização dos acontecimentos, seja pelas novas mitificações de sentidos.

O Paradigma da Complexidade não foi nossa entrada direta ao Método de Morin, pois ele nos servirá como ferramenta teórica, como abertura para compreendermos um pouco o Método. Com o auxílio da Complexidade, aperfeiçoamos nossas incertezas por digressões que compreendem as questões que envolvam a Comunicação e suas possibilidades de ser mais que informação, mas também, de ser troca de Conhecimento e de linguagens que nos acompanha já há um bom tempo.

Voltarmos o nosso olhar aos Blogs foi uma consequência dessas preocupações vindas de leituras, discussões e estudos por esses anos todos. Principalmente pela produção de pensamentos que estão no Mundo da Vida. Há a possibilidade de nos afastarmos dessas certezas de que, fora da vida, não há produção intelectual suficiente que possa compreender os fenômenos emergentes, pelo menos nas Ciências Humanas que ainda emprestam seus conteúdos, suas dúvidas e possíveis respostas à Comunicação.

Através das leituras dos textos, dos dois Blogs, não no sentido de acumulação de regras, e, sim, no direcionamento de acumular e de depois gastar, exceder os signos. Podemos ver que aquilo que os separa é o que os une a todas as produções na Rede, mas também é o que os tornam semelhantes na expressão de seus signos e que se auto-regulam.



Existe um certo engatinhar ainda na produção de sentidos desses textos na Rede. Cabe a nós, aos teóricos da Cibercultura, principalmente aqueles que trabalham não com um Conhecimento técnico, mas com um conhecimento mais analítico de colocar os problemas à luz das discussões nos espaços existentes.

Existe um problema ainda a ser resolvido, que é esse obscurecimento teórico, ainda herdeiro da Modernidade, de querer legitimar as questões, usando a técnica em excesso e, simultaneamente, se lamentando pelo estrangulamento que tem em relação ao sujeito. Saudades da metafísica?

A obra está aberta, e a Complexidade nos ensina, pelo menos, pela mão de Morin, que é preciso se temer não a desordem, mas o medo que se tem da desordem. O estranhamento do desconhecido é o temor existente por parte dos que vigiam o cofre do saber Moderno. Morin coloca que a primeira base positiva do Método está em sua abertura para o desconhecido, "O problema é de agora em diante transformar a descoberta da complexidade em método de complexidade" (2002, p. 466). Para ele estamos apenas começando e como isso parece difícil às Ciências Humanas, não uma afirmação, mas uma constatação teórica.

Ainda somos herdeiros da natureza de completar e não de complementar com a razão, mas isso é contrariado pelo próprio curso da história, dos estudos científicos, pela psicanálise e

pela própria Comunicação. O pensar filosófico, ainda que tradicional, ajuda-nos a compreendermos melhor as aplicações de conceitos nesta tese:

O que adquirimos aqui são algumas idéias-guias. A idéia que todo conceito, toda teoria, todo conhecimento, toda ciência deve, de agora em diante, comportar dupla ou múltiplas entradas (física, biológica, antropossociológica), duplo foco (objeto/sujeito) e constituir um circuito. A idéia de que o fechamento não é uma amarra, mas uma transformação (Morin, 2002, p. 466).

Ora, o Conhecimento Complexo não pode ter o mesmo estatuto da Ciência Clássica, de ser operacional, e, sim, se valer desta operacionalidade para intervir. Dependemos dos "Aparelhos sociais", os quais Morin coloca como sendo o nosso acompanhamento naquilo que manipulamos, e nos afirma que se ficarmos no pensamento mutilado, simplificador, corremos o risco de no fim sermos envolvidos pela lógica da manipulação.

O outro sentido de avaliação de nossa tese está no ampliar dos problemas, que antes poderiam estar postos apenas como uma questão de método, mas depois percebemos que o uso das teorias não nos garante um final em que possamos afirmar que os Blogs produzem Comunicação e que a compreensão dos textos na Rede

produzem uma fragmentação que é originária dos esfacelamentos da razão moderna, ou que tudo que ali produzido é validado como um afirmação de novos simulacros ou de linguagens.

O Imaginário é o contrapoder das questões sobreviventes da biopolítica para um escapamento à maquinaria das linguagens. A Rede, para Susca (2007), torna-se um "território simbólico por excelência no qual elaboram-se formas de vida, de culturas e de relações inéditas" (p. 87), nos levando ao pensar no uso da Rede como lúdico e como jogo.

Baudrillard em sua crítica estende o jogo à ordem social e de valor, em que o lúdico é apenas uma simulação atrativa da ilusão de estarmos no controle das coisas. A Rede não é um simples jogo, mas dentro dela é possível. No momento em que "postamos" os textos, permitimos que outros entrem em sua produção, interajam, mas também permitimos aos outros que os reproduzam, se distinguindo e se assemelhando ao mesmo texto. Aproximamos a crítica de Baudrillard as nossas questões sobre o estatuto dos Blogs, da produção de textos, e o lúdico é uma demanda:

É a estratégia dos jogos que regula a generalidade de nossas trocas; definindo-as pela possibilidade de prever todos os golpes do adversário e de dissuadi-los antecipadamente, ela torna impossível a qualquer aposta (Baudrillard, 1991, p. 179).

Podemos observar que não existe um consenso nas possibilidades de uso da Rede, mais propriamente dito, do uso dos Blogs, mas o que fizemos aqui é uma crítica enquanto linguagem, enquanto discurso de nossa caminhada pela Complexidade nos autores escolhidos. Os Blogs entram no Imaginário das relações sociais, das pessoas que o usam como fator de troca, de uso, de apropriação simbólica pelos signos da contemporaneidade. Signos que povoam a noosfera, dão provas das certezas das imagens como representações de um espetáculo, de imagens que levam as incertezas desses signos. Os mitos deste século, das novas tecnologias, existem pela permanência dos mitos seculares. O Conhecimento, o domínio dos homens através das linguagens, é um dos mitos que elevam os discursos à realidade da Rede e como possibilidade ao Conhecimento de passar a ser Complexo.

Os Blogs são máquinas que representam as pulsões de um tempo que nos levam aos limites de suas posturas racionais. Os Princípios colocados por Morin a nosso dispor serviram para podermos discernir essas máquinas que são suscetíveis ao erro. Nem todo Conhecimento garante a certeza sociológica sobre o vivido, sobre o Cotidiano que elas, aliás, estão representadas por produções pinçadas desta noosfera, para depois servirem de uso pelos que se juntam a essas máquinas desejanças.

Os meios de Comunicação de Massa, no estágio em que se encontram, são produtores e detentores da informação, e a Rede,

por suas formas de ser uma tecnologia atual, e ter como gênese suas técnicas próprias de sobrevivência, é um alcance a todos, e que seu domínio se dá de outras maneiras. Podemos citar, um pelo menos, na produção de conteúdos, e aí temos como observar que a Mídia mediada pode estar produzindo textos, signos, que normalmente não são produzidos em um jornal. As razões são de ordem estratégica e também de tentativas de aumentar seu poder de informação e como preferem alguns, de controle. Claro, podemos elencar que existe toda uma tentativa de controle e mesmo na Mídia não-mediada poderá existir essa tentativa de controle de os conteúdos tomarem uma direção aos interesses de alguém.

Nos Blogs de Marcelo Coelho e de Mauro Castro, podemos observar que as categorias *a priori* podem conversar entre si, que os conceitos estão transmutando-se em novas categorias, que irão servir para a abertura do circuito em outros sentidos de percepção do leitor e do autor. Para novas maneiras de conversação entre si, ou daqueles que conseguem ver nas práticas das novas tecnologias, propostas pela Rede como mais uma forma de produzir linguagens com a interação entre os que lêem e os que produzem.

Temas que saem do Cotidiano e adentram a Blogosfera é que dão vida à linguagem dos Blogs. Podemos ver, nessa pequena amostra que usamos para fazer o cruzamento das Categorias aplicadas que a violência está imbricada a outros assuntos que existem no

Imaginário das pessoas e que servem de inspiração ao blogueiro Mauro Castro. O que faz parte da vida faz parte da cultura, que começa em um microespaço que é explorado pela Rede e que é exploratório porque envolve os temas, o coração das novas tecnologias. Podemos observar que dos próprios textos postados nos Blogs, como, por exemplo, temas relacionados à política podem gerar todo um universo de discussões que podem muito bem partir para a mitificação dos temas, que podem muito bem, ao sabor da desrazão, partir para a afirmação de um racionalismo perigoso.

O Conhecimento está no metaponto do conhecer sociológico que, para Morin, é a possibilidade da Complexidade em sua contribuição em resolver os problemas que são diagnosticados como atraso,

Ainda não conseguimos passar da complexidade inconsciente (do cérebro) à complexidade consciente (do espírito). Em consequência, a possibilidade de futuro baseia-se no que representa o nosso presente: o atraso do nosso espírito em relação às suas possibilidades (Morin, 2002, p. 261).

Significa que no Paradigma da Complexidade temos as ferramentas para começarmos uma compreensão desejada, não perfeita e acabada dos Blogs, mas o começo de uma discussão sobre essas questões.

A tese buscou a compreensão dos Blogs na sua linguagem, nas suas formas de relacionamentos de Poder, de abstração dos domínios desses conhecimentos sobre os que ali estão. As categorias Cotidiano e Comunicação abrem o caminho para discussões futuras, porque não existem garantias de que possa existir uma boa causa para as informações, de os assuntos discutidos nos Blogs serem afirmações de linguagens inovadoras.

No Blog de Marcelo Coelho, por exemplo, podemos observar que a literatura é aborda temas para desconstrair, para narrar a vida, assim como o que ocorre no de Blog Mauro Castro. O que queremos afirmar com isso? Que a literatura, mesclada com assuntos da preferência de cada autor, é o que move, o que dá vida as suas linguagens. Os mitos dão as cartas, mas para cada mito existente haverá quem possa discuti-los, retomando-os em suas contribuições até derrubá-los, para mais adiante aparecerem em outros textos. Mitos religantes que são religados também, mas que são partes de um todo, quer seja na sua desconstrução ou na sua afirmação como identificadores de produção de realidades.

O Imaginário presente nos Blogs é o que nos possibilita ver mais longe toda uma socialidade existente não como vida independente na Blogosfera, mas como manifestação dos acontecimentos que fazem parte de cada autor, de cada leitor dos Blogs. Abrimos nossa interpretação para aquilo que Foucault (1980) um dia disse não haver mais interpretações pelo seu excesso, mas entre as

questões teóricas aqui usadas, como Hermenêutica e Semiologia, que nos serviram como base para estudarmos os Blogs. Em certo momento observaremos esses registros teóricos se mesclarem, mais no sentido exploratório de um semiólogo que vê nas imagens linguagens que figuram e são signos que espelham realidades simultâneas, do que na busca de entendimento das palavras. Vemos no hermeneuta a procura dos significados mais no sentido da pesquisa, do arqueólogo que escava as idéias para desafiar os conceitos, para colocá-los aos leitores como pauta de discussão.

Em nossa tese não foi a procura que nos levou aos Blogs, e sim o que possivelmente se perdeu nas relações midiaticizadas existentes na Comunicação antes deles. Encontramos e perdemos coisas, mas no caso dos Blogs, mais descobrimos uma dialogia, um começo de cada coisa, uma identificação de cada tema que poderá servir aos leitores não apenas como informação ou prazer de leitura. Mas o que se espera destes diários? O que se cria e o que se lê não se distanciam mais, e percebemos nisso uma interação imediata que requer uma atualização de temas, de textos, de signos diariamente para manter o Blog vivo.

Nesta hiperesfera que é a Internet, a noosfera é a Cultura, é o que alimenta as Redes com signos, com as conversações, com as simples produções de textos, mas também, se alimenta de tudo que é produzido. Nem sempre os conteúdos gerados em um Blog terão uma importância para se levar a ponto de reflexão ou nem sempre as



questões postadas nos Blogs serão analisadas, elas podem muito bem existir efemeramente como signo que logo se apagará. Como repetição os signos perduram, como informação eles duram o tempo suficiente para o esquecimento ganhar força.

Na dialógica existente nos Blogs, podemos apreender que os Socioletos denotam a existência de todo um discurso que circula pelo Imaginário de cada autor. Que cada autor, ao preferir um tema, transfere a este Imaginário um pouco de suas idéias. Essa relação das idéias com o estatuto das linguagens das Redes é o que encontramos a existência de uma linguagem distinta dos textos em jornal ou livro, ou seja, da possibilidade ali estar um início para Comunicação que estabelecerá um religar na compreensão dos Blogs.

Pretendemos futuramente cruzar não apenas mais registros dos textos, aplicando categorias, mas ensaiar com mais profundidade estudos sobre a legitimação de suas linguagens que surgem em cada época, em cada cotidiano, para podermos melhor contextualizar com os autores que escolhemos para nossa trajetória e aventura pela Comunicação complexa. Isto é, existe uma Complexidade na Comunicação, e para além de suas tentativas homogenizar os discursos e controlar e ser controlada pelo seu próprio veneno, ou seja, estar em todo lugar.

## REFERÊNCIAS

ABBAGNAMO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ADORNO, Theodor W. *Sociologia*. São Paulo: Ática, 1986.

ALMEIDA, Custódio Luís Silva de. *Hermenêutica Filosófica: nas trilhas de Hans-Georg Gadamer*. Porto Alegre: Edipucrs, 2000.

ANDERSON, Perry. *As Origens do Pós-Moderno*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1999.

ARENDT, Hannah. *A Condição Humana*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1983.

\_\_\_\_\_. *Origens do Totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

ARISTÓTELES. *Política*. Brasília: UNB, 1988.

BARTHES, Roland. *Aula*. São Paulo: Cultrix, 1989.

\_\_\_\_\_. *Crítica e Verdade*. Lisboa: Edições 70, 1987.

\_\_\_\_\_. *Escritores, Intelectuais, Professores*. Lisboa: Editorial Presença, 1975.

\_\_\_\_\_. *Inéditos, Vol 4: política*. São Paulo: Martins Fontes, 2005

\_\_\_\_\_. *Mitologias*. São Paulo: Difel, 1980.

\_\_\_\_\_. *Novos Ensaio Críticos. O Grau Zero da Escritura*. São Paulo: Cultrix, 1993.

\_\_\_\_\_. *O Grão da Voz*. Lisboa: Edições 70, 1982.

\_\_\_\_\_. *O Prazer do Texto*. São Paulo: Perspectiva, 1999.

\_\_\_\_\_. *O Rumor da Língua*. Lisboa: Signos Ed., 1984.

BATAILLE, Georges. *A Parte Maldita. Noção de Despesa*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

\_\_\_\_\_. *A Literatura e o Mal*. Porto Alegre: L&PM, 1989.

\_\_\_\_\_. *História do Olho*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

\_\_\_\_\_. *Minha Mãe*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

\_\_\_\_\_. *O Azul do Céu*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

\_\_\_\_\_. *Sobre Nietzsche. Voluntad de Suerte*. Madrid: Taurus, 1986.

BATELLE, John. *Blogs são Conversas*. In: *Revista Época*. São Paulo, 31 de julho de 2006, Editora Globo, p.103.

BLANCHOT, Maurice. *O Espaço Literário*. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

- BAUDRILLARD, Jean. *América*. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.
- \_\_\_\_\_. *A Transparência do Mal. Ensaio sobre os fenômenos extremos*. Campinas: Papirus, 1990.
- \_\_\_\_\_. *As Estratégias Fatais*. Lisboa: Estampa, 1990.
- \_\_\_\_\_. *Cool Memories III: fragmentos 1991-1995*. São Paulo: Estação Liberdade, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Da Sedução*. Campinas: Papirus, 2000.
- \_\_\_\_\_. *De um Fragmento ao Outro*. Zouk: São Paulo, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Esquecer Foucault*. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.
- \_\_\_\_\_. *Para uma Crítica da Economia Política do Signo*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- \_\_\_\_\_. *Partidos Comunistas. Paraísos artificiais da política*. Rocco: Rio de Janeiro, 1985.
- \_\_\_\_\_. *Power Inferno*. Porto Alegre: Sulina, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Simulacros e Simulação*. Lisboa: Relógio D'Água, 1991.
- BAUER, Martin W. e GASKELL, George. *Pesquisa Qualitativa com Texto: imagens e som: um manual prático*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e Ambivalência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas. Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

\_\_\_\_\_. *Obras Escolhidas II. Rua de mão única*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

\_\_\_\_\_. *Obras Escolhidas. Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

BIRMAN, Joel. *Mal-estar na Atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

BOURDIEU, Pierre. *Sobre a Televisão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1997.

BRIGGS, Asa, BURKE, Peter. *Uma história da mídia: de Gutemberg à Internet*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

CAMUS, Albert. *O Homem Revoltado*. Lisboa: Livros do Brasil, s/d.

CANETTI, Elias. *Massa e Poder*. São Paulo: Melhoramentos, Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1983.

CARVALHO, Edgard de Assis e ALMEIDA, Maria da Conceição. (Orgs) *Ciência, Razão e Paixão*. Belém: EDUEPA, 2001.

CASALEGNO, Federico. *Memória Cotidiana: comunidade e comunicação na era das redes*. Porto Alegre: Sulina, 2006.

CASTORIADIS, Cornelius. *As Encruzilhadas do Labirinto/ 1*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

\_\_\_\_\_. *As Encruzilhadas do Labirinto/2*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

\_\_\_\_\_. *A Instituição Imaginária da Sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

\_\_\_\_\_. *Os Destinos do Totalitarismo*. Porto Alegre: L&PM, 1985.

CASULO, Nicolas (org.). *El Debate Modernidad Pos-Modernidad*, Buenos Aires: Puntosur, 1989.

CIORAN. *Breviário de Decomposição*. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.

\_\_\_\_\_. *Entrevistas com Sylvie Jaudeau*. Porto Alegre: Sulina, 2001.

\_\_\_\_\_. *Historia y Utopia*. Barcelona: Tusquets Editores, 1981.

\_\_\_\_\_. *Silogismo da Amargura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.

DAMÁSIO, António R. *O Erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

DEBORD, Guy. *A Sociedade do Espetáculo: comentários sobre a sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DELEUZE, Gilles. *A Filosofia Crítica de Kant*. Lisboa: Edições 70, 1983.

\_\_\_\_\_. *Diferença e Repetição*. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

\_\_\_\_\_. *Lógica do Sentido*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1982.

\_\_\_\_\_. *O que é a Filosofia*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

\_\_\_\_\_. *Espinoza e os Signos*. Porto: Rés, 1985.

\_\_\_\_\_. *Foucault*. Lisboa: Vega, 1987.

\_\_\_\_\_. *Nietzsche*. Lisboa, 1985.

\_\_\_\_\_. *Proust e os Signos*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.

\_\_\_\_\_. *Sade-Masoch* Lisboa: Assírio & Alvim: Lisboa, 1973.

DERRIDA, Jacques. *Mal de Arquivo. Uma Impressão Freudiana*. Rio de Janeiro:

Relume Dumará, 2001.

\_\_\_\_\_. *Margens da Filosofia*. Porto: Editora Rés, 1988.

DILTHEY, Willthey. *Essência da Filosofia*. Lisboa: Presença, 1984.

DURAND, Gilbert. *As Estruturas Antropológicas do Imaginário*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

\_\_\_\_\_. *O Imaginário. Ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem*. Rio de Janeiro: Difel, 1998.

ECO, Umberto. *A Estrutura Ausente*. São Paulo: Perspectiva, 1987.

\_\_\_\_\_. *Obra Aberta*. São Paulo: Perspectiva, 1971.

\_\_\_\_\_. *Sobre os Espelhos e Outros Ensaio*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

ELIAS, Norbert. *Sobre o Tempo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

ESCOSTEGUY, Carolina D. *Comunicação, Cultura e Mediações Tecnológicas*. Porto Alegre: Edipucrs, 2006.

FERRY, Luc. RENAUT, Alain. *Heidegger e os Modernos*. Lisboa: Teorema, 1989.

\_\_\_\_\_. *Homo Aestheticus*. São Paulo: Editora Ensaio, 1994.

\_\_\_\_\_. *Pensamento 68*. São Paulo: Editora Ensaio, 1988.

FEYERABEND, Paul K. *Adeus à Razão*. Lisboa: Edições 70, 1991.

\_\_\_\_\_. *Contra o Método*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

\_\_\_\_\_. *Limites de la Ciência*. Barcelona: Ediciones Paidós, 1989.

FINKIELKRAUT, Alain. *A Humanidade Perdida: ensaio sobre o século XX*. São Paulo: Editora Ática, 1998.

FOUCAULT, Michel. *Em Defesa da Sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

\_\_\_\_\_. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

\_\_\_\_\_. *Nietzsche, Freud e Marx. Theatrum Philosophicum*. Porto: Anagrama, 1980.

FROMM, Erich. *Ter ou Ser?*. Rio de Janeiro: Zahar: 1980.

FURET, François. *O Passado de uma Ilusão: ensaios sobre a idéia comunista no século XX*. São Paulo: Siciliano, 1995.

GADAMER, Hans-Georg. *La Dialectica de Hegel*. Madrid: Catedra Teorema, 1988.



\_\_\_\_\_. *Verdade e Método*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

\_\_\_\_\_. *Verdade e Método II: Complementos e índice*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

GIDDENS, Anthony. *As Conseqüências da Modernidade*. São Paulo: Editora da Unesp, 1991.

GIL, José. *A Imagem-Nua e as Pequenas Percepções. Estética e Metafenomenologia*. Lisboa: Relógio D' Água, 2005.

GUSDORF, Georges. *Mito y Metafísica*. Buenos Aires: Editorial Nova, 1960.

HABERMAS, Jürgen. *Conhecimento e Interesses*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

\_\_\_\_\_. *El Discurso Filosófico de la Modernidad*. Madrid: Taurus, 1989.

\_\_\_\_\_. *Mudança Estrutural da Esfera Pública*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

\_\_\_\_\_. *Teoría de la Acción Comunicativa I- Racionalidade de la Acción y Racionalización Social*. Madrid: Taurus, 1987.

\_\_\_\_\_. *Teoria de la Acción Comunicativa II - Crítica de la Razón Funcionalista*. Madrid: Taurus, 1987.

\_\_\_\_\_. *Técnica e Ciência Como Ideologia*. Lisboa: Edições 70, 1987.

HEIDEGGER, Martin. *A Origem da Obra de Arte*. Lisboa: Edições 70, 1990.

\_\_\_\_\_. *Conferências e Escritos Filosóficos*. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

\_\_\_\_\_. *Heráclito*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1998.

\_\_\_\_\_. *Introdução à Metafísica*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1987.

\_\_\_\_\_. *Ser e Tempo. Parte 1*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1988.

\_\_\_\_\_. *Ser e Tempo. Parte 2*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1988.

\_\_\_\_\_. *Sobre o Humanismo*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1967.

HOHLFELDT, Antonio e MARTINO, Luiz C. (Orgs.). *Teorias da Comunicação: conceitos, escolas e tendências*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

HORKHEIMER, Max e ADORNO Theodor W. *A Dialética do Esclarecimento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

\_\_\_\_\_. *Ocaso*. Barcelona: Editorial Anthropos, 1986.

HUIZINGA, Johan. *Homo Ludens*. São Paulo: Perspectiva, 2004.

HUTCHEON, Linda. *Poética do Pós-Modernismo*. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

JAMESON, Fredric. *Modernidade Singular*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

\_\_\_\_\_. *Pós-modernismo. A lógica cultural do capitalismo tardio*. São Paulo: Ática, 1997.

JEAN, Georges. *A Escrita: Memória dos Homens*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

JEUDY, Henri-Pierre. *A Ironia da Comunicação*. Porto Alegre: Sulina, 2001.

JUARANVILLE, Alain. *Lacan e a Filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1987.

KLOSSOWSKI, Pierre. *O Baphomet*. São Paulo: Max Limonad, 1986.

\_\_\_\_\_. *Sade e Meu Próximo*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

JUHN, Thomas S. *A Estrutura das Revoluções Científicas*. São Paulo: Perspectiva, 1978.

LEMONS, André. *Cibercultura*. Porto Alegre: Sulina, 2002.

LEVINAS, Emmanuel. *Totalidade e Infinito*. Lisboa: Edições 70, 1988.

LÉVY, Pierre. *O Que é o Virtual?* São Paulo: Editora 34, 1996.

LÉVY, Bernard-Henri. *Elogio dos Intelectuais*. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

LIPOVETSKY, Gilles. *A Era do Vazio*. Lisboa: Relógio D'água, 1989.

\_\_\_\_\_. *Metamorfoses da Cultura Liberal: ética, mídia e empresa*. Porto Alegre: Sulina, 2004.

LYOTARD, Jean-François. *A Fenomenologia*. Lisboa: Edições 70, 1986.

\_\_\_\_\_. *Moralidades Pós-Modernas*. Campinas: Papyrus, 1996.

\_\_\_\_\_. *O Pós-Moderno*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1988.

MARCUSE, Hebert. *Eros e Civilização. Uma interpretação filosófica do pensamento de Freud*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

\_\_\_\_\_. *Ideologia da Sociedade Industrial: o homem unidimensional*. Zahar: Rio de Janeiro, 1979.

MAFFESOLI, Michel. *A Conquista do Presente*. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.

\_\_\_\_\_. *A Contemplação do Mundo*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1986.

\_\_\_\_\_. *O Conhecimento Comum*. Porto Alegre: Sulina, 2007.

\_\_\_\_\_. *Lógica da Dominação*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

\_\_\_\_\_. *O Mistério da Conjunção: ensaios sobre comunicação, corpo e socialidade*. Porto Alegre: Sulina, 2005.

\_\_\_\_\_. *A Transfiguração do Político - A Tribalização do Mundo*. Porto Alegre: Sulina, 1997.

\_\_\_\_\_. *A Violência Totalitária - ensaio de antropologia política*. Porto Alegre: Sulina, 2001.

\_\_\_\_\_. *Elogio da Razão Sensível*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

\_\_\_\_\_. *No Fundo das Aparências*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

\_\_\_\_\_. *Sobre o Nomadismo*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

MARTINS, Francisco Menezes e SILVA, Juremir Machado da. (orgs). *Para Navegar no Século XXI*. Porto Alegre: Sulina-Edipucrs, 2003.

MATTELART, Armand. *Comunicação Mundo. Histórias das Idéias e das Estratégias*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

\_\_\_\_\_. *História da Sociedade da Informação*. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

\_\_\_\_\_. *História das Teorias da Comunicação*. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

MERLEAU-PONTY, Ponty. *Elogio da Filosofia*. Lisboa: Guimarães Editores, 1986.

\_\_\_\_\_. *Primado da Percepção e suas Conseqüências Filosóficas*. Campinas: Papirus, 1990.

\_\_\_\_\_. *O Visível e o Invisível*. São Paulo: Perspectiva, 1984.

\_\_\_\_\_. *Textos Seleccionados*. São Paulo: Nova Cultural, 1989.

MORIN, Edgar. *Amor, Poesia, Sabedoria*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

\_\_\_\_\_. *As Duas Globalizações. Complexidade e Comunicação. Uma Pedagogia do Presente*. Porto Alegre, Sulina-Edipucrs, 2001.

\_\_\_\_\_. *As Estrelas de Cinema*. Lisboa: Livros Horizonte, 1980.

\_\_\_\_\_. *Contrabandista dos Saberes*. In PESSIS-PASTERNAK, Guitta. *Do Caos à Inteligência Artificial*. São Paulo: Unesp, 1993.

\_\_\_\_\_. *Cultura de Massas no Século XX. Neurose - 1*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1997.

\_\_\_\_\_. *Cultura de Massas no Século XX. O espírito do tempo- 2 Necrose*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1977.

\_\_\_\_\_. *Introdução ao Pensamento Complexo*. Porto Alegre, Sulina, 2005.

\_\_\_\_\_. *Meus Demônios*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

\_\_\_\_\_. *O Homem e a Morte*. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

\_\_\_\_\_. *O Método 1. A Natureza da Natureza*. Porto Alegre: Sulina, 2002.

\_\_\_\_\_. *O Método 2. A Vida da Vida*. Porto Alegre: Sulina, 2001.

\_\_\_\_\_. *O Método 3. O Conhecimento do Conhecimento*. Porto Alegre: Sulina, 2002.

\_\_\_\_\_. *O Método 4. As Idéias*. Porto Alegre: Sulina, 2005.

\_\_\_\_\_. *O Método 5. A Humanidade da Humanidade*. Porto Alegre: 2003.

\_\_\_\_\_. *O Método 6. A Ética*. Porto Alegre: 2005.

\_\_\_\_\_. *O Paradigma Perdido: A Natureza Humana*. Lisboa: Europa-América, 1988.

\_\_\_\_\_. *Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro*. São Paulo: Cortez Editora, 2000.

\_\_\_\_\_. *Para Sair do Século XX*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

NICOLESCU, Basarb. Fundamentos Metodológicos do Diálogo Transcultural. In CARVALHO, Edgard de Assis (org.). *Ensaio de Complexidade 2*. Porto Alegre: Sulina, 2003.

NIETZSCHE, Friedrich. *A Gaia Ciência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

\_\_\_\_\_. *A Genealogia da Moral*. Lisboa: Guimarães & C. Editores, 1976.

\_\_\_\_\_. *Humano, Demasiado Humano: um livro para os espíritos livres*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

\_\_\_\_\_. *Para Além do Bem e do Mal*. Lisboa: Guimarães & C. Editores, 1982.

PARENTE, André. *Tramas da Rede: novas dimensões filosóficas, estéticas e políticas da comunicação*. Porto Alegre: Sulina, 2004.

PAZ, Octavio. *Signos e Rotação*. São Paulo: Perspectiva, 1972.

PENA-VEGA, Alfredo (Org.). *O Pensar Complexo. Edgar Morin e a Crise da Modernidade*. Rio de Janeiro: Garamond, 1999.

PIGNATARI, Décio. *Informação, Linguagem, Comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1986.

PRIGOGINE, Ilya. *O Fim das Certezas*. São Paulo: Editora da Unesp, 1996.

READ, Herbert. *A Arte e a Sociedade*. Lisboa: Cosmos, 1946.

\_\_\_\_\_. *A Filosofia da Arte Moderna*. Lousã-Portugal: Ulisseia, s/d.

RICOUER, Paul. *Teoria da Interpretação*. Lisboa: Edições 70, 1987.

ROLNIK, Suely e GUATTARI, Félix. *Cartografias do Desejo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1986.

RORTY, Richard. *Ensaio sobre Heidegger e outros Escritos Filosóficos 2*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999.

ROSNAY, Joël de. *Homem Simbiótico*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1977.

ROSSET, Clément. *A Antinatureza: elementos para uma filosofia trágica*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1989.

RÜDIGER, Francisco. *Introdução às Teorias da Cibercultura*. Porto Alegre: Sulina, 2007.

\_\_\_\_\_. *Martin Heidegger e a Questão da Técnica: Prospectos acerca do futuro do homem*. Porto Alegre: Sulina, 2006.

SARTRE, Jean-Paul. *O Ser e o Nada. Ensaio de Ontologia Fenomenológica*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

SIBILIA, Paula. *O Homem Pós-Orgânico. Corpo, Subjetividade e Tecnologias Digitais*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

SERRES, Michel. *O Contrato Natural*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.

SIMMEL, Georg. *A Metrópole e a Vida Mental*. In: VELHO, Otávio Guilherme (Org.). *O Fenômeno Urbano*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

\_\_\_\_\_. *Questões Fundamentais da Sociologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

\_\_\_\_\_. *Sociologia*. São Paulo: Ática, 1983.

SILVA, Juremir Machado da. *Anjos da Perdição- Futuro e presente na cultura brasileira*. Porto Alegre: Sulina, 1996.

\_\_\_\_\_. *As Tecnologias do Imaginário*. Porto Alegre: Sulina, 2003.



SODRÉ, Muniz e PAIVA, Raquel. *O Império do Grotesco*. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.

\_\_\_\_\_. *O Monopólio da Fala*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1984.

\_\_\_\_\_. *Sociedade, Mídia e Violência*. Porto Alegre: Sulina/Edipucr, 2002.

SOMMERMAN, Américo. *Inter ou Transdisciplinaridade*. São Paulo: Paulus, 2006.

SLOTERDIJK, Peter. *O Desprezo das Massas. Ensaio sobre lutas culturais na sociedade moderna*. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

\_\_\_\_\_. *No Mesmo Barco. Ensaio sobre a hiperpolítica*. São Paulo: Estação Liberdade, 1999.

\_\_\_\_\_. *Regras para o Parque Humano. Uma proposta à carta de Heidegger sobre o humanismo*. São Paulo: Estação Liberdade, 2000.

\_\_\_\_\_. *Se a Europa despertar*. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

SONTAG, Susan. *Sob o Signo de Saturno*. Porto Alegre: L&PM, 1986.

STEINER, George. *Linguagem e Silêncio: ensaios sobre a crise da palavra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

SUBIRATS, Eduardo. *A Penúltima Visão do Paraíso: Ensaio sobre memória e globalização*. São Paulo: Nobel, 2001.

\_\_\_\_\_. *Da Vanguarda ao Pós-Moderno*. São Paulo: Nobel, 1998.

SUSCA, Vincenzo. *Nos Limites do Imaginário: O Governador Schwarzenegger e os telepopulistas*. Porto Alegre: Sulina, 2007.

- VALÉRY, Paul. *O Senhor Teste*. Lisboa: Relógio D'Água, 1985.
- VATTIMO, Gianni. *A Sociedade Transparente*. Lisboa: Relógio D'Água, 1992.
- \_\_\_\_\_. *A Tentação do Realismo*. Rio de Janeiro: Lacerda Ed., 2001.
- \_\_\_\_\_. *As Aventuras da Diferença*. Lisboa: Edições 70, 1988.
- \_\_\_\_\_. *Introdução a Heidegger*. Lisboa: Edições 70, 1989.
- \_\_\_\_\_. *O Fim da Modernidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- \_\_\_\_\_. *Para Além da Interpretação*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1999.
- VIRILIO, Paul. *Velocidade e Política*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.
- WITTEGENSTEIN, Ludwig. *Investigações Filosóficas. Os Pensadores*. São Paulo: Nova Cultural, 1989.
- \_\_\_\_\_. *Tractatus Logico-Philosophicus*. Madrid: Alianza Universidad, 1985.
- WOLTON, Dominique. *É Preciso Salvar a Comunicação*. São Paulo: Paulus, 2006.
- \_\_\_\_\_. *Internet, e depois? Uma teoria crítica das novas mídias*. Porto Alegre: Sulina, 2003.
- TRIVINHO, Eugênio. *O mal-estar da Teoria. A condição da crítica na sociedade tecnológica atual*. Rio de Janeiro: Quarter, 2001.